

Andressa Mafezoni Caetano
Joziane Jaske Buss
ORGANIZADORAS

SANTA MARIA DE JETIBÁ
SANTA TERESA
SANTA LEOPOLDINA
ITARANA
ITAGUAÇU



EXTENSÃO E FORMAÇÃO CONTINUADA COLETIVA DE SERVIDORES DA EDUCAÇÃO

DIÁLOGOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA INCLUSIVA
EM ESCOLAS MUNICIPAIS DA MICRORREGIÃO CENTRAL
SERRANA DO ESPÍRITO SANTO

encontrografia

Andressa Mafezoni Caetano
Joziane Jaske Buss
ORGANIZADORAS

SANTA MARIA DE JETIBÁ
SANTA TERESA
SANTA LEOPOLDINA
ITARANA
ITAGUAÇU



EXTENSÃO E FORMAÇÃO CONTINUADA COLETIVA DE SERVIDORES DA EDUCAÇÃO

DIÁLOGOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA INCLUSIVA
EM ESCOLAS MUNICIPAIS DA MICRORREGIÃO CENTRAL
SERRANA DO ESPÍRITO SANTO

encontro**grafia**

Copyright © 2026 Encontrografia Editora.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem a expressa autorização da editora.

EDITOR CIENTÍFICO

Décio Nascimento Guimarães

EDITORA ADJUNTA

Carolina Gonçalves Caldas

DESIGN

Diagramação: Nadini Mádhava

Design de capa: Jeferson Braun Herbst

Finalização de Capa: Nadini Mádhava

REVISÃO

Alexi Ravi Virgínia (Estagiário)

Paula Vigneron (Supervisora)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7/5880

E969

Extensão e formação continuada coletiva de servidores da educação: diálogos para a construção de uma cultura inclusiva em escolas municipais da microrregião central serrana do Espírito Santo /Organizadoras Andressa Mafezoni Caetano, Joziane Jaske Buss. -- Campos dos Goytacazes (RJ): Encontrografia, 2026.

ISBN: 978-65-5456-167-9

1. Prática de ensino - Espírito Santo (Estado). 2. Educação inclusiva. 3. Professores - Formação. I. Buss, Joziane Jaske. II. Título: diálogos para a construção de uma cultura inclusiva em escolas municipais da microrregião central serrana do Espírito Santo

CDD 370.98152

DOI: 10.52695/978-65-5456-167-9

encontrografia

ENCONTROGRAFIA EDITORA COMUNICAÇÃO E ACESSIBILIDADE LTDA

Av. Alberto Torres, 371 - Sala 1101, Centro

Campos dos Goytacazes, RJ, 28035-581 | Tel: (22) 2030-7746

www.encontrografia.com | editora@encontrografia.com

Comitê científico/editorial

Prof. Dr. Antonio Hernández Fernández – UNIVERSIDAD DE JAÉN (ESPANHA)

Prof. Dr. Carlos Henrique Medeiros de Souza – UENF (BRASIL)

Prof. Dr. Casimiro M. Marques Balsa – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (PORTUGAL)

Prof. Dr. Cássius Guimarães Chai – MPMA (BRASIL)

Prof. Dr. Daniel González – UNIVERSIDAD DE GRANADA (ESPANHA)

Prof. Dr. Décio Nascimento Guimarães - IFF (BRASIL)

Prof. Dr. Douglas Christian Ferrari de Melo – UFES (BRASIL)

Prof. Dr. Eduardo Shimoda – UCAM (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Emilene Coco dos Santos – IFES (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Fabiana Alvarenga Rangel – UFES (BRASIL)

Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – UNIR (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Fernanda Luísa de Miranda Cardoso – IFRS (BRASIL)

Prof. Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho – UFSC (BRASIL)

Prof. Dr. Francisco Elias Simão Merçon – FAFIA (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Gisele Pessin - UENF (BRASIL)

Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes – UFRPE (BRASIL)

Prof. Dr. Javier Vergara Núñez – UNIVERSIDAD DE PLAYA ANCHA (CHILE)

Prof. Dr. José Antonio Torres González – UNIVERSIDAD DE JAÉN (ESPANHA)

Prof.^a Dr.^a Margareth Vetis Zaganelli – UFES (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Martha Vergara Fregoso – UNIVERSIDAD DE GUADALAJARA (MÉXICO)

Prof.^a Dr.^a Patrícia Teles Alvaro – IFRJ (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães – UFRN (BRASIL)

Prof. Dr. Rogério Drago – UFES (BRASIL)

Prof.^a Dr.^a Shirlena Campos de Souza Amaral – UENF (BRASIL)

Prof. Dr. Wilson Madeira Filho – UFF (BRASIL)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	10
---------------------------------	-----------

PREFÁCIO	12
---------------------------	-----------

Denise Meyrelles de Jesus

Uno sguardo internazionale sul progetto di “Extensão”.	15
---	-----------

Valentina Ghibellini

Um olhar internacional sobre o projeto de Extensão.	19
--	-----------

Valentina Ghibellini
Universidade de Sassari

APRESENTAÇÃO	22
-------------------------------	-----------

PARTE 1

APRESENTAÇÃO DA MICRORREGIÃO CENTRAL SERRANA DO ESPÍRITO SANTO: MUNICÍPIOS E REDES MUNICIPAIS DE ENSINO	29
--	-----------

CAPÍTULO 1

O MOVIMENTO DA FORMAÇÃO CONTINUADA COLETIVA: DIÁLOGO E REFLEXÃO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA INCLUSIVA NAS ESCOLAS PELOS SERVIDORES DA EDUCAÇÃO	36
--	-----------

Joziane Jaske Buss
Andressa Mafezoni Caetano

CAPÍTULO 2	
FORMAÇÃO PROFISSIONAL E INCLUSÃO ESCOLAR:	
REFLEXÕES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	46

Patrícia Braun

CAPÍTULO 3	
FORMAÇÃO CONTINUADA COLETIVA E INCLUSÃO ESCOLAR:	
EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E REDES COLETIVAS DE	
APRENDIZAGEM TECIDAS COM SERVIDORES DA EDUCAÇÃO . .	62

Tania Mara Luiz dos Santos

Andressa Mafezoni Caetano

CAPÍTULO 4	
SEMINÁRIO INTERMUNICIPAL E AS REDES COLETIVAS DE	
APRENDIZAGEM: TECENDO SENTIDOS PARA UMA ESCOLA DE	
TODOS	75

Vilmara Mendes Gonring

Guida Mesquita

Andressa Mafezoni Caetano

PARTE 2

NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA COLETIVA	
E A INCLUSÃO ESCOLAR	84

NARRATIVAS DE QUEM ABRE CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO	
INCLUSIVA	84

NARRATIVAS DE QUEM CUIDA DA INCLUSÃO ESCOLAR.	94
---	----

NARRATIVAS DE QUEM MEDIOU E FORMOU NOS ENCONTROS	
COLETIVOS.	102

NARRATIVAS DE QUEM FAZ A INCLUSÃO ACONTECER	116
---	-----

PARTE 3

FORMAÇÃO CONTINUADA COLETIVA EM AÇÃO: JUNTOS NA	
CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA INCLUSIVA NAS ESCOLAS	
DA MICRORREGIÃO CENTRAL SERRANA DO ESPÍRITO SANTO .	172

Incluindo com a Galinha Ruiva – Setembro Verde	
Centro Municipal de Educação Infantil Pommern - Santa Maria de Jetibá	174
Escola Inclusiva se Constrói com Todos os Servidores: experiências transformadoras no cotidiano escolar	
EMEF - “Visconde de Inhaúma” - Santa Teresa	175
Vivência da Festa Junina na Educação Infantil	
CEMEI “São Francisco de Assis” - Santa Leopoldina	177
Escola para Todos: Construindo Juntos a Inclusão	
EMEIEF “Professor Josué Baldotto” e EMEIEF Camilo Bridi - Itarana .	178
Escola Inclusiva se Constrói com Todos os Servidores: experiências transformadoras no cotidiano escolar	
CEI “Maria Galazzi Covre” - Itaguaçu	179
O dia D da inclusão	
CEI “EMEIEF São Sebastião” - Santa Maria de Jetibá	181
O Prêmio Boas Práticas como espaço de evidência da Formação Continuada Coletiva na Perspectiva da Educação Especial e Inclusiva na Microrregião Central Serrana do Espírito Santo	186

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fapes e à sua equipe técnica, em especial a Ana Paula Borges Fernandes Martins, que tem nos assessorado durante a execução do projeto de extensão, TO: 791/2024, com profissionalismo, disponibilidade e atenção.

À Universidade Federal do Espírito Santo e à PRPPG/PROEX/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Projeto 1132/2024 – PROEXT- PG/Ufes.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) e ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB) – CEUNES.

Aos membros do Grupo de Estudo e Pesquisa, Inclusão escolar e Processos de Ensino e Aprendizagem (Gepipea), que se dedicaram à Formação Continuada Coletiva, abraçando as muitas atividades de execução do projeto e os desafios nela demandados.

Aos municípios de Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa, Santa Leopoldina, Itaguaçu e Itarana, representados pelos secretários de Educação que acreditaram na proposta do projeto e abriram integralmente as portas, confiando no conhecimento produzido na Universidade Federal do Espírito Santo, materializada em nosso trabalho.

Às gestoras de Educação Especial que estiveram disponíveis para nos atender em todos os momentos, mediando o processo de formação entre os secretários de educação e os servidores.

Aos servidores que realizaram a formação por adesão após o horário de trabalho, sem medir esforços para se qualificar, acreditando que é possível construir uma sociedade mais inclusiva.

Aos colaboradores externos que mediam e compartilharam conosco seus saberes e vivências, acreditando na proposta de formar todos os servidores da Educação juntos.

À Professora Dra. Denise Meyrelles de Jesus por nos acompanhar nesta caminhada.

Ao grupo do Laboratório Foist da Università degli Studi di Sassari/Itália, Prof. Dr. Alberto Merler, Prof. Dr. Andrea Vargiu, Prof.^ª Dr.^ª Valentina Ghibellini, Prof.^ª Dr.^ª Mariantonietta Cocco, às pesquisadoras Dr.^ª Stefania Frongia, Dr.^ª Laura Dessantis e a doutoranda Ulker Basak Yesikaya, pelas ricas discussões sobre o projeto e pelas contribuições sobre a participação comunitária e engajamento social que estão presentes na proposta do projeto de extensão, inspirando a organização deste livro.

Aos professores doutores Antonello Mura e Silvio Marcello Pagliara, da Università degli Studi di Cagliari/Itália, pela rica troca de experiências.

Ao professor Dr. Filippo Pirone da Université Paris-Est Créteil/França, que tem acompanhado conosco o projeto, discutindo a tese de doutorado nele contida;

À Professora Patrícia Braun por acreditar na proposta e formar conosco os servidores nesse projeto.

A todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste projeto de extensão.



PREFÁCIO

Denise Meyrelles de Jesus
Universidade Federal do Espírito Santo

Desde o início da década de 2010, acompanhamos os movimentos de profissionais de Santa Maria de Jetibá, ES, na busca por mediar questões relacionadas à Educação Especial e por assumir o compromisso com a formação de profissionais nessa área, os quais se associaram a diferentes grupos de pesquisa vinculados à Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Nesse movimento, a professora Joziane Jaske Buss, coautora desta obra, sempre esteve presente. Ela realizou seu mestrado junto ao Programa de Pós-graduação Profissional em Educação (PPGPE/Ufes) e, em 2023/2, retorna à Ufes, no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), para realizar seu doutorado sob a orientação da professora Andressa Mafezoni. Juntas, elas se colocam no desafio de pensar a Formação Continuada Coletiva de todos os profissionais da comunidade educativa, por uma educação inclusiva no espaço da escola comum.

Trazem para a área um novo livro: *Extensão e Formação Continuada Coletiva de servidores da educação: diálogos para a construção de uma cultura inclusiva em escolas municipais da microrregião Central Serrana do Espírito Santo*. Essa microrregião é composta pelos municípios de Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina, Santa Teresa, Itaguaçu e Itarana.

A obra narra a experiência de construção de Redes Coletivas de Aprendizagem, por meio da Formação Continuada Coletiva, que visam à formação

e à consolidação de uma cultura inclusiva nas escolas pelos servidores da educação. Tais redes constituem-se como espaços de encontros, diálogos e produção compartilhada de conhecimentos, tendo em vista a construção cotidiana comprometida com a inclusão escolar.

Como participantes dos cinco municípios envolvidos, destacam-se: professores regentes, professores de áreas específicas, professores especialistas em Educação Especial, diretores, pedagogos, coordenadores, supervisores escolares, inspetores escolares, auxiliares de Educação Especial, auxiliares de serviços educacionais, auxiliares de sala, monitores escolares, agentes de inclusão, estagiários, bibliotecários, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, motoristas, monitores de transporte escolar, porteiros, secretários escolares, vigilantes, além de gestores de Educação Especial e secretários de Educação, envolvendo mais de mil servidores da Educação da microrregião.

Cabe destacar que as formações continuadas coletivas, narradas no texto, constituíram-se como ações de extensão na pós-graduação, fomentadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES) e pela Pró-reitoria de Extensão (PROEX) no projeto PROEXT-PG/Ufes/CA-PES, tendo como objetivos a construção de conhecimentos, a transformação social e a democratização do acesso ao conhecimento, função social da Universidade. Nesta obra, narra-se de forma significativa a relação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão. Trata-se de um projeto que se afasta dos modos tradicionais de abordar a formação continuada de profissionais da Educação.

O livro organiza-se em três partes, nas quais encontramos capítulos que teorizam sobre a temática da Formação Continuada Coletiva, aporte teórico-metodológico, que retratam o trabalho investigativo realizado. As outras duas partes de forma sensível e ética narram experiências e olhares dos envolvidos e participantes sobre o vivido e experienciado, incluindo gestores locais, formadores e aqueles que realizam a Educação Inclusiva no cotidiano.

No Grupo de Estudo e Pesquisa, Inclusão Escolar e Processos de Ensino e Aprendizagem (Gepipea), do qual a Prof.^a Andressa Mafezoni é coordenadora e Joziane Jaske Buss é integrante, elas, juntas, apresentam suas análises

sobre a participação no projeto, como mediadoras dos encontros e com mediadores convidados. Apresentam, ainda, narrativas praticadas nos e pelos envolvidos na criação de experiências de Formação Continuada Coletiva nos espaços locais de seus municípios e escolas. Todos que se apropriaram dos conhecimentos e como protagonistas assinaram seus textos.

O livro traz para a área da Educação Especial o diálogo com Jack Mezirow, estudioso da Teoria da Aprendizagem Transformadora, constituindo-se um conhecimento novo na área. Evidenciam-se possibilidades de articulação e colaboração crítico-analítica entre a universidade e as comunidades escolares, produzindo conhecimento inovador sobre a Formação Continuada Coletiva, na qual todos envolvidos assumem um lugar de participantes em corresponsabilidade. Trata-se de um livro ético e problematizador para aqueles que quiserem pesquisar a temática da “Formação Continuada em Coletiva”.

Agradeço a Andressa e Joziane pela honra de prefaciар este livro.

Uno sguardo internazionale sul progetto di “Extensão”

Valentina Ghibellini
Università di Sassari

L’etimologia della parola “inclusione” deriva dal latino *includere* ed è composta dalla preposizione *in-* (“dentro”) e dal verbo *cludere* (“chiudere”). Il suo significato rimanda all’atto di incorporare, racchiudere, delimitare e, dunque, definire confini e appartenenze, che, per loro natura, possono essere tanto inclusivi quanto escludenti.

Nel contesto accademico e, soprattutto, nell’ambito delle scienze umane, il senso del termine “inclusione” non si limita alla dimensione semantica e al suo significato statico, ma comprende una concezione più dinamica e processuale. L’inclusione, infatti, non indica semplicemente una condizione di appartenenza spaziale o categoriale o un fatto compiuto o definito, ma si configura come un processo continuo di partecipazione attiva, di riconoscimento, affiliazione e di valorizzazione delle differenze (Saraceno, 2013; Castel, 1995, 2008).

Con particolare riferimento all’area sociale, è possibile constatare come alcune discipline si siano occupate di questo concetto con prospettive analitiche differenziate.

Con pertinenza a quanto esposto nelle pagine di questo libro, due esempi sono relativi alla sociologia e alla pedagogia. In maniera molto sommaria, la prima la interpreta come un processo di integrazione nei diversi sottosistemi

sociali (Luhmann, 1997), interrogandosi sui meccanismi di stratificazione e sulla costruzione del capitale sociale (Boudon, 1974; Bourdieu, 1986). La pedagogia, invece, concentra lo sguardo sui processi educativi che favoriscono l'apprendimento attraverso la rimozione delle barriere didattiche (Booth; Ainscow, 2002).

Se si considera il contesto scolastico e le persone che in esso sono coinvolte e lo popolano, così come nel progetto *"A Formação Continuada Coletiva na perspectiva da educação especial e inclusiva na microrregião Central Serrana do Espírito Santo"* esposto nelle pagine che seguono, uno studio e un utilizzo del concetto in un'ottica interdisciplinare risultano doverosi.

Se, l'articolazione differenziata a livello analitico e di campi di studio è opportuna per il sapere scientifico accademico per adempiere a ciò che concerne le azioni collocabili nelle due tradizionali missioni universitarie – quella di insegnamento (*Prima Missione*) e quella di ricerca (*Seconda Missione*) – quando si opera in una prospettiva di "Extensão" o impegno pubblico, civico e comunitario delle università con la società (*Terza Missione*), appare indispensabile non perdere di vista la natura profondamente unitaria e integrata dell'inclusione nella concretezza del vivere associato.

Nella realtà quotidiana, infatti, l'inclusione rappresenta un fenomeno sociale complesso che è il riflesso e l'esito dei processi associativi, relazionali, normativi, culturali, che connotano la convivenza e le pratiche sociali in una data realtà comunitaria. Essa è un'espressione concreta dell'applicazione dei valori democratici, di uguaglianza e di solidarietà che le persone realizzano nelle loro relazioni interpersonali e nei contesti di vita, al di là di ogni distinzione tra ambiti formali o ruoli sociali predefiniti.

In questa prospettiva più ampia, gli attori dell'inclusione non possono essere ridotti a categorie professionali specifiche o a ruoli istituzionali rigidamente predefiniti, ma vanno riconosciuti come "persone-attori" dotati di "libertà responsabile" (Cesareo; Vaccarini, 2006), capaci, cioè, di esercitare *agency* individuale e collettiva orientata al bene e interesse comune. In questo quadro, ogni persona, indipendentemente dalla posizione che occupa nella struttura sociale, è chiamata a essere protagonista attiva dei processi inclusivi attraverso le proprie scelte quotidiane, le modalità relazionali che

adotta, l'esercizio concreto della solidarietà e della responsabilità verso l'altro (Durkheim, 1893; Weber, 1922).

L'esperienza del progetto qui presentata incarna concretamente questa prospettiva, che obbliga a tenere conto di più punti di vista, integrandoli in una visione comune. L'inclusione nel contesto scolastico emerge nella sua forma più piena come processo collettivo che chiama ad agire in maniera consapevole e responsabile tutti i membri della comunità educante, compresi i membri accademici.

Questo quadro epistemologico e operativo è stato reso possibile dalla collaborazione tra le autrici del progetto le pedagogiste *Prof.ssa Andressa Mafezoni Caetano* e *Joziane Jaske Buss* dell'Universidade Federal do Espírito Santo (Brasile) e i sociologi del *Laboratorio FOIST per le politiche sociali e i processi formativi* dell'Università di Sassari (Italia), i quali hanno attivato una riflessione internazionale con ottica transdisciplinare condividendo pratiche operative e punti di vista teorici e scientifici differenti, per un'idea di inclusione che ha preso in considerazione e unito gli aspetti sia sociali sia pedagogici.

È alla luce di tale impianto teorico e operativo che l'esperienza progettuale qui presentata riveste particolare rilevanza a livello internazionale sia per chi opera nelle istituzioni del territorio sia per la comunità scientifica. Da una parte contribuisce, infatti, al rafforzamento e alla diffusione di approcci pedagogico-educativi innovativi nell'ambito dell'inclusione sociale ed educativa speciale. Dall'altra, favorisce un'idea di università che promuove la *Terza Missione* come lo spazio dove la *Prima* e la *Seconda Missione* trovano la loro massima espressione, con potenziali ricadute positive e trasformative nel contesto sia sociale sia accademico (Schuetze, 2010).

Referências

BOOTH, T.; AINSWORTH, M. **Index for Inclusion:** Developing Learning and Participation in Schools. Bristol: Centre for Studies on Inclusive Education (CSIE), 2002.

BOUDON, R. **Education, Opportunity, and Social Inequality:** Changing Prospects in Western Society. New York: Wiley, 1974.

BOURDIEU, P. The Forms of Capital. *In*: RICHARDSON, J. (ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood Press, 1986. p. 241–258.

CASTEL, R. **Les métamorphoses de la question sociale**. Paris: Gallimard, 1995.

CASTEL, R. The Roads to Disaffiliation: Insecure Work and Vulnerable Relationships. **International Journal of Urban and Regional Research**, [S. l.], v. 32, n. 3, p. 519–535, 2008.

CESAREO, V., VACCARINI, I. **La libertà responsabile**. Milano: Vita e Pensiero, 2006.

DURKHEIM, É. **De la division du travail social**. Trad. it. La divisione del lavoro sociale. Milano: Edizioni di Comunità, 1999.

LUHMANN, N. **Die Gesellschaft der Gesellschaft**. Frankfurt am Main: Suhrkamp. Trad. it. La società della società. Milano: FrancoAngeli, 2023.

MEAD, G. H. **Mind, Self, and Society from the Standpoint of a Social Behaviorist**. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

SARACENO, C. Esclusione sociale. *In*: CAMPANINI, A. (ed.). **Nuovo dizionario di servizio sociale**. Roma: Carocci, 2013. p. 249–253.

SCHUETZE, H. G. The Third Mission of Universities: Engagement and Service. *In*: INMAN, P.; SCHUETZE, H. G. (eds.). **The Community Engagement and Service Mission of Universities**. Leicester: NIACE, 2010. p. 13–31.

WEBER, M. **Wirtschaft und Gesellschaft**. Tübingen: Mohr. Trad. it. Economia e società. Milano: Edizioni di Comunità, 1995.

Um olhar internacional sobre o projeto de Extensão

Valentina Ghibellini
Universidade de Sassari

A etimologia da palavra “inclusão” deriva do latim *includere* e é composta pela preposição *in-* (“dentro”) e pelo verbo *claudere* (“fechar”). Seu significado remete ao ato de incorporar, encerrar, delimitar e, portanto, definir fronteiras e pertencimentos que, por sua própria natureza, podem ser tanto inclusivos quanto excludentes.

No contexto acadêmico e, sobretudo, no âmbito das ciências humanas, o sentido do termo “inclusão” não se limita à dimensão semântica e ao seu significado estático, mas abrange uma concepção mais dinâmica e processual. A inclusão, de fato, não indica simplesmente uma condição de pertencimento espacial ou categorial, nem um fato concluído ou definido, mas se configura como um processo contínuo de participação ativa, de reconhecimento, de afiliação e de valorização das diferenças (Castel, 1995, 2008; Saraceno, 2013).

Com particular referência à área social, é possível constatar como algumas disciplinas tenham se ocupado desse conceito a partir de perspectivas analíticas diferenciadas.

No que diz respeito ao que é exposto nas páginas deste livro, dois exemplos referem-se à sociologia e à pedagogia. De maneira bastante sintética, a primeira a interpreta como um processo de integração nos

diferentes subsistemas sociais (Luhmann, 1997), interrogando-se sobre os mecanismos de estratificação e sobre a construção do capital social (Boudon, 1974; Bourdieu, 1986). A pedagogia, por sua vez, concentra o olhar nos processos educativos que favorecem a aprendizagem por meio da remoção das barreiras didáticas (Booth; Ainscow, 2002).

Se considerarmos o contexto escolar e as pessoas que nele estão envolvidas e o constituem, assim como no projeto *A Formação Continuada Coletiva na perspectiva da educação especial e inclusiva na microrregião Central Serrana do Espírito Santo*, apresentado nas páginas que seguem, um estudo e uma utilização do conceito sob uma perspectiva interdisciplinar mostram-se necessários.

Se a articulação diferenciada em nível analítico e de campos de estudo é adequada ao saber científico acadêmico para atender às ações relacionadas às duas missões universitárias tradicionais, a do ensino (Primeira Missão) e a da pesquisa (Segunda Missão), quando se atua em uma perspectiva de “Extensão”, ou de compromisso público, cívico e comunitário das universidades com a sociedade (Terceira Missão), torna-se indispensável não perder de vista a natureza profundamente unitária e integrada da inclusão na concretude da vida associada.

Na realidade cotidiana, de fato, a inclusão representa um fenômeno social complexo que é reflexo e resultado dos processos associativos, relacionais, normativos e culturais que caracterizam a convivência e as práticas sociais em uma determinada realidade comunitária. Ela constitui uma expressão concreta da aplicação dos valores democráticos, de igualdade e de solidariedade que as pessoas realizam em suas relações interpessoais e nos contextos de vida, para além de qualquer distinção entre âmbitos formais ou papéis sociais previamente definidos.

Nessa perspectiva mais ampla, os atores da inclusão não podem ser reduzidos a categorias profissionais específicas ou a papéis institucionais rigidamente predefinidos, mas devem ser reconhecidos como “pessoas-atores” dotadas de “liberdade responsável” (Cesareo; Vaccarini, 2006), isto é, capazes de exercer *agency* individual e coletiva orientada ao bem e ao interesse comum. Nesse quadro, cada pessoa, independentemente da

posição que ocupa na estrutura social, é chamada a ser protagonista ativa dos processos inclusivos por meio de suas escolhas cotidianas, das modalidades relacionais que adota e do exercício concreto da solidariedade e da responsabilidade em relação ao outro (Durkheim, 1893; Weber, 1922).

A experiência do projeto aqui apresentada encarna concretamente essa perspectiva, que exige levar em consideração múltiplos pontos de vista, integrando-os em uma visão comum. A inclusão no contexto escolar emerge, em sua forma mais plena, como um processo coletivo que convoca todos os membros da comunidade educativa, incluindo os membros acadêmicos a agir de maneira consciente e responsável.

Esse quadro epistemológico e operativo foi possibilitado pela colaboração entre as autoras do projeto, as pedagogas Prof.^{as} Andressa Mafezoni Caetano e Joziane Jaske Buss, da Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil), e os sociólogos do Laboratório FOIST para Políticas Sociais e Processos Formativos da Universidade de Sassari (Itália), os quais promoveram uma reflexão internacional com uma perspectiva transdisciplinar, compartilhando práticas operativas e pontos de vista teóricos e científicos distintos, em favor de uma concepção de inclusão que considerou e integrou tanto os aspectos sociais quanto os pedagógicos.

É à luz desse arcabouço teórico e operativo que a experiência projetual aqui apresentada assume particular relevância em nível internacional, tanto para aqueles que atuam nas instituições do território quanto para a comunidade científica. Por um lado, contribui para o fortalecimento e a difusão de abordagens pedagógico-educativas inovadoras no âmbito da inclusão social e da educação especial inclusiva. Por outro, favorece uma concepção de universidade que promove a Terceira Missão (Extensão) como o espaço no qual a Primeira e a Segunda Missão encontram sua máxima expressão, com potenciais repercussões positivas e transformadoras, tanto no contexto social quanto no acadêmico (Schuetze, 2010).

APRESENTAÇÃO

A Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) ocupa papel essencial no fortalecimento da ciência, da tecnologia, da inovação e da extensão universitária em nosso estado. Ao fomentar projetos comprometidos com o desenvolvimento científico articulado às especificidades regionais e às demandas sociais, a Fapes reafirma o papel do Estado na promoção de uma ciência pública, socialmente contextualizada e orientada para a redução das desigualdades socioculturais. O apoio institucional da Fapes à produção desta obra expressa esse compromisso ao reconhecer a extensão universitária como uma dimensão da formação acadêmica e da produção do conhecimento.

O financiamento do Projeto Universal Extensão II – edital Fapes Nº 02/2024, TO: 791/2024, intitulado *A Formação Continuada Coletiva na perspectiva da educação especial e inclusiva na microrregião Central Serrana do Espírito Santo*, deve ser compreendido como um investimento social. Ao destinar recursos para iniciativas que articulam ensino, pesquisa e extensão, a Fundação contribui para a democratização do acesso ao conhecimento, para a interiorização da ciência e para o fortalecimento do vínculo entre universidade e sociedade. Um dos produtos desse projeto é este livro, que, de alguma forma, sistematiza o desenvolvimento da formação continuada de servidores da educação para a inclusão escolar, independente do cargo

ou função ocupada na escola, levando-os à reflexão, à análise e à mudança de suas ações e práticas, evidenciando a potência da extensão universitária como prática formativa, dialógica e transformadora.

Nessa parceria entre as Fundações de Amparo à Pesquisa Estaduais (FAPs), as universidades públicas brasileiras têm sido chamadas a reafirmar sua função social diante das desigualdades que marcam a sociedade. Em um contexto atravessado por desafios econômicos, sociais, culturais e educacionais, torna-se cada vez mais urgente fortalecer projetos de formação e produção do conhecimento comprometidos com a transformação social, com a democratização do acesso ao saber e com a construção de respostas coletivas às demandas concretas dos contextos sociais. É nesse cenário que a extensão universitária se consolida como uma dimensão da Educação Superior, atuando como ponte na articulação entre universidade e sociedade.

Longe de se constituir como atividade complementar, a extensão afirma-se como princípio formativo, dialógico e político, capaz de tensionar práticas acadêmicas tradicionais e de promover a aproximação entre os saberes científicos e os conhecimentos produzidos nos diferentes contextos sociais. Ao reconhecer a comunidade como espaço legítimo de produção de conhecimento, a extensão desloca a universidade de uma posição hierárquica para uma relação de diálogo, escuta e construção compartilhada, reafirmando o compromisso ético da Educação Superior com o bem público.

Dessa maneira, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, prevista na Constituição Federal de 1988, constitui um dos fundamentos da universidade brasileira, de forma que as políticas de extensão na Educação Superior são orientadas por normativas, como o Parecer CNE/CES nº 608/2018, que apresenta diretrizes gerais para as políticas de extensão; a Resolução CNE/CES nº 7/2018a, que regulamenta a extensão na Educação Superior em consonância com a Meta 12.7 do Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014); e o Parecer CNE/CES nº 576/2023b, que revisa e atualiza as diretrizes da Resolução nº 7/2018, reafirmando a importância da extensão como componente da formação acadêmica na graduação e na pós-graduação, integrando integração a universidade com a sociedade.

Alinhados com esses documentos legais, concordamos que a universidade não deve ser compreendida apenas sob uma perspectiva redentora da extensão, mas como espaço capaz de fortalecer a formação dos estudantes e ampliar sua capacidade de intervenção na sociedade, promovendo a transformação das realidades locais em que as Instituições de Educação Superior (IES) estão inseridas.

Nessa perspectiva, no campo da Educação, a extensão tem ressignificado os processos formativos ao articular teoria e prática em contextos reais, favorecendo uma formação ética e socialmente comprometida. No âmbito da pesquisa, tem tensionado modelos tradicionais de produção do conhecimento ao promover investigações fundamentadas nas realidades sociais, conectadas às problemáticas vivenciadas nos contextos, qualificando epistemológica e politicamente a produção científica.

Essas articulações também são relevantes na pós-graduação, historicamente orientada pela centralidade da pesquisa *stricto sensu*. A incorporação da extensão aos projetos de mestrado e doutorado contribui para a formação de pesquisadores mais capazes de articular rigor científico e impacto social. Nesse processo, o apoio das agências de fomento revela-se fundamental, na medida em que se concretiza por meio de editais com apoios financeiros que viabilizam a articulação entre extensão, pesquisa e ensino.

Ao apoiar iniciativas como esta, a Fapes fortalece a atuação da universidade que promove parcerias com secretarias municipais de educação, redes e sistemas de ensino e escolas, contribuindo para a construção de respostas inovadoras e socialmente sustentáveis. A extensão universitária, quando articulada ao contexto social, reafirma o compromisso da universidade pública com o desenvolvimento regional, com a defesa dos direitos humanos e com a melhoria das condições de vida das comunidades.

Este livro nasce, portanto, do reconhecimento da extensão universitária como um princípio da formação acadêmica, produção do conhecimento, e do papel fundamental das políticas de fomento na materialização desse projeto. Ao reunir reflexões, análises e as experiências extensionistas, a obra evidencia a importância da Fapes para a consolidação de uma universidade orientada para a transformação social.

Nesse cenário, os grupos de pesquisa assumem papel de importância na concepção, no desenvolvimento e na condução dos projetos extensionistas, com destaque para o protagonismo do Gepipea/CNPq/Ufes na coordenação e articulação do projeto ora em tela. Trata-se de um processo minucioso, que exige a construção coletiva desde a essência do projeto, a definição de fundamentos teórico-metodológicos e ético-políticos, bem como o planejamento, a execução e a avaliação sistemática das ações. Os grupos de pesquisa se constituem como espaços de articulação entre ensino, pesquisa e extensão, nos quais o conhecimento é produzido de forma colaborativa e em permanente diálogo com os contextos educacionais.

Assim, a atuação dos grupos de pesquisa demanda rigor científico, sensibilidade às demandas sociais e domínio de metodologias que possibilitem a construção compartilhada com os sujeitos envolvidos. O planejamento envolve a definição de objetivos, estratégias e instrumentos de acompanhamento; a execução requer flexibilidade e capacidade de mediação frente às dinâmicas dos contextos; e a avaliação configura-se como prática formativa e contínua, orientada ao aprimoramento das ações e ao fortalecimento de seu impacto social.

No âmbito do projeto desenvolvido na Região Central Serrana, essa articulação produziu ganhos significativos para a comunidade escolar ao fortalecer a formação continuada dos servidores da educação, tais como: professores regentes, professores de áreas específicas, professores especialistas em Educação Especial, diretores, pedagogos, coordenadores, supervisores escolares, inspetores escolares, auxiliares de Educação Especial, auxiliares de serviços educacionais, auxiliares de sala, monitores escolares, agentes de inclusão, estagiários, bibliotecários, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, motoristas, monitores de transporte escolar, porteiros, secretários escolares, vigilantes, além de gestores de Educação Especial e secretários de educação, para a consolidação de ações e práticas comprometidas com a construção de uma cultura inclusiva nas escolas.

Ressaltamos que também fizeram a inscrição e participaram da formação assistentes sociais e psicólogos de duas redes de ensino. Dessa maneira, considerando os contextos como referência e os sujeitos como

protagonistas do processo formativo, o projeto contribuiu para a qualificação das políticas educacionais locais e para a ampliação do acesso, da permanência e da participação de estudantes com deficiência nos cinco municípios participantes.

Os impactos dentro das comunidades escolares materializam-se na construção coletiva de ações, estratégias pedagógicas, administrativas e de gestão orientadas pelos princípios da inclusão, da equidade e do respeito às diferenças. A aproximação entre universidade, escolas, secretarias de educação e demais instituições dos contextos educacionais fortalece as Redes Coletivas de Aprendizagem (RECA), ampliando a circulação de conhecimentos e possibilitando a construção de respostas contextualizadas para os desafios enfrentados no cotidiano escolar. Outrossim, a dimensão avaliativa do projeto, concebida como prática participativa e reflexiva, permite acompanhar e qualificar continuamente os impactos das ações extensionistas, retroalimentando o planejamento e fortalecendo a relevância social do conhecimento produzido.

A composição do livro seguiu uma organização, iniciando-se com o prefácio elaborado pela professora Dra. Denise Meyrelles de Jesus, da Universidade Federal do Espírito Santo. Em seguida, a professora Dra. Valentina Ghibellini, da Università degli Studi di Sassari, na Sardenha/Itália, apresenta um olhar internacional sobre o projeto de extensão, levando em consideração o acompanhamento, a trajetória de diálogo e parceria com o Gepipea, além de sua participação na formação presencial realizada no mês de maio de 2025.

A apresentação do livro foi escrita pela professora Dra. Andressa Mafezoni Caetano, coordenadora do projeto de extensão que deu origem à obra. A parte 1 é composta pela *Apresentação da Microrregião Central Serrana do Espírito Santo: municípios e redes municipais de ensino*, em que se contextualizam os municípios e suas redes de ensino e também é composta por cinco capítulos. O capítulo 1, *O movimento da formação continuada coletiva: diálogo e reflexão no processo de construção de uma cultura inclusiva nas escolas pelos servidores da educação*, é de autoria de Joziane Jaske Buss e Andressa Mafezoni Caetano.

O capítulo 2, *Formação profissional e inclusão escolar: reflexões no contexto da Educação Básica*, conta com a contribuição da professora Dra. Patrícia Braun, do Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAP-Uerj-RJ), que atuou como formadora na modalidade presencial. O capítulo 3, *Formação Continuada Coletiva e inclusão escolar: experiências vividas e Redes Coletivas de Aprendizagem tecidas com servidores da educação*, é de autoria de Tania Mara Luiz dos Santos e Andressa Mafezoni Caetano. O capítulo 4, *Seminário intermunicipal e as Redes Coletivas de Aprendizagem: tecendo sentidos para uma escola de todos*, foi escrito por Vilmara Mendes Gonring, Guida Mesquita e Andressa Mafezoni Caetano.

A parte 2, intitulada *Narrativas sobre a Formação Continuada Coletiva e a Inclusão Escolar*, reúne relatos de diferentes servidores envolvidos no processo formativo. Nela, são apresentadas as *Narrativas de quem abre caminhos para a Educação Inclusiva*, escritas pelos(as) secretários(as) e subsecretária de educação; as *Narrativas de quem cuida da inclusão escolar*, compostas pelos gestores da Educação Especial; as *Narrativas de quem mediu e formou nos encontros*, produzidas pelos(as) colaboradores(as) da formação; e as *Narrativas de quem faz a inclusão acontecer*, escritas pelos participantes da Formação Continuada Coletiva.

A parte 3, intitulada *Formação Continuada Coletiva em ação: juntos na construção de uma cultura inclusiva na Microrregião Central Serrana do Espírito Santo*, reúne experiências desenvolvidas de forma autônoma pelas escolas dos municípios, que foram impulsionadas a partir da participação dos servidores nos momentos de formação, evidenciando ações, práticas, aprendizagens e diálogos em busca de construir uma cultura inclusiva nas escolas, mostrando a importância e o potencial da construção das Redes Coletivas de Aprendizagem.

Enfim, busca-se, por meio da formação continuada coletiva, contribuir para o reconhecimento da extensão universitária como um dos princípios da formação acadêmica e da produção do conhecimento, bem como do papel fundamental das políticas de fomento, em especial da Fapes, na materialização deste livro. Ao reunir reflexões teóricas, análises críticas e experiências desenvolvidas no contexto da Microrregião Central Serrana,

a obra reafirma o compromisso da universidade pública com a inclusão escolar de estudantes com deficiência, com o desenvolvimento regional e com a interiorização da ciência na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Andressa Mafezoni Caetano

Coordenadora do projeto no âmbito da FAPES

Janeiro de 2026

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Define as diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regulamenta a Meta 12.7 do PNE. Brasília, DF: MEC, 2018a. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/normas-classificadas-por-assunto/extensao=-na-educacao-superior-brasileira#:~:text=Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNE/CES%20n%C2%BA%207,2024%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs>. Acesso em: 10 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Parecer CNE/CES nº 608/2018, de 3 de outubro de 2018**. Aprova as Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira. Brasília: CNE, 2018b. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/parecer-ces-2018>. Acesso em: 05 jan. 2026.

BRASIL. **Portaria Conjunta CAPES/SESU nº 1, de 8 de novembro de 2023**. Dispõe sobre o Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação (PROEXT-PG). Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2023. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detalhar?idAtoAdmElastic=13486>. Acesso em: 10 dez. 2025.

PARTE 1

APRESENTAÇÃO DA MICRORREGIÃO CENTRAL SERRANA DO ESPÍRITO SANTO: MUNICÍPIOS E REDES MUNICIPAIS DE ENSINO

Os municípios que compõem a Microrregião Central Serrana

A Microrregião Central Serrana, situada no interior do estado do Espírito Santo, é composta por cinco municípios: Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa, Santa Leopoldina, Itarana e Itaguaçu. A região ocupa cerca de 6,44% do território do estado e reúne uma população estimada de mais de 100 mil habitantes, de acordo com o Censo de 2022, distribuída entre áreas urbanas e rurais, com Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) que variam de médio a alto.¹ Geograficamente localizada em uma área de clima tropical de altitude e com presença de Mata Atlântica

1 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades: Espírito Santo. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

preservada, a Microrregião Central Serrana apresenta paisagens naturais, incluindo vegetação densa e estratificada, com fauna diversificada e recursos hídricos importantes, fatores que favorecem o turismo ecológico local.

A região é marcada pela tradição e pelos costumes de origem europeia, especialmente de imigrantes pomeranos, italianos e alemães, que chegaram, em maior quantidade, a partir da segunda metade do XIX e cuja presença moldou aspectos culturais, linguísticos e sociais das comunidades locais, presentes nas festas, na culinária, no modo de vida e nas práticas comunitárias que caracterizam o cotidiano dos municípios.

A economia da Microrregião Central Serrana tem como base atividades de agropecuária, serviços e indústrias. Tradicionalmente, a agropecuária está relacionada ao cultivo de café e hortifrutigranjeiros, além da presença da agroindústria e do agroturismo, setores importantes para a geração de renda e emprego na região.

O município de Santa Maria de Jetibá se destaca como o município mais populoso e um dos mais economicamente ativos da Microrregião, com forte presença de hortifrutigranjeiros, sendo o maior produtor de ovos do Brasil.

Santa Teresa chama a atenção por sua biodiversidade e registro de espécies naturais, reforçando sua vocação para o turismo científico-ecológico, com destaque para o Museu de Biologia Professor Mello Leitão, fundado pelo naturalista Augusto Ruschi.

Santa Leopoldina, atualmente, é o maior produtor de gengibre do Brasil e também se destaca na produção de café, banana e pimenta. Itaguaçu e Itarana são produtores de café e banana e dispõem de paisagens naturais com formações rochosas, cachoeiras, trilhas e rampa de voo livre.

A existência de uma microrregião onde ocorre a combinação de patrimônios naturais, identidades culturais, natureza, produção agrícola e iniciativas de desenvolvimento social e econômico torna-a uma potencial fortalecedora das redes de cooperação intermunicipal e de crescimento sustentável.

O município de Santa Maria de Jetibá possui uma população estimada em 45.575 habitantes (2025). A rede municipal é composta por 43 escolas, distribuídas da seguinte forma: 05 Creches; 07 Centros de Educação Infantil

(CMEIs); 02 Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs); 23 Escolas Municipais Unidocentes e Pluridocentes de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMPEIEFs); 06 Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs).

A Secretaria Municipal de Educação atualmente dispõe de um total de 413 profissionais. Esse número inclui 243 servidores efetivos e 170 contratados sob o regime de Designação Temporária (DT), distribuídos de forma a atender às demandas de todas as etapas da Educação Básica.

Atualmente, existem 637 alunos matriculados na Creche, 1.216 na Educação Infantil, 2.396 no Ensino Fundamental; 219 são estudantes público da Educação Especial, sendo 132 com Transtorno do Espectro Autista (TEA), 15 com deficiência física, 1 com visão monocular, 2 com baixa visão, 9 com deficiência auditiva, 45 com deficiência intelectual (DI), 2 com Altas Habilidades e Superdotação e 13 com deficiência múltipla.

O município de Santa Teresa possui uma população estimada em 23.872 habitantes (2025). A rede municipal é composta por 17 escolas, distribuídas da seguinte forma: 6 Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs); 5 Escolas Municipais Unidocentes e Pluridocentes de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMPEIEFs); 2 Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs); 4 Escolas Municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEFs).

A Secretaria Municipal de Educação atualmente dispõe de um total de 586 profissionais. Esse número inclui 192 servidores efetivos e 394 contratados sob o regime de DT, distribuídos de forma a atender às demandas de todas as etapas da Educação Básica.

Atualmente, existem 347 alunos matriculados na creche, 556 Educação Infantil, 2.011 no Ensino Fundamental e 176 são estudantes público da Educação Especial; 111 com TEA, 1 com deficiência física, 51 com DI, 4 com Síndrome de Down, 2 com Deficiência Múltipla, 3 com deficiência auditiva, 3 com baixa visão e 1 com cegueira.

O município de Santa Leopoldina possui uma população estimada em 13.813 habitantes (2025). A rede municipal é composta por 18 escolas, distribuídas da seguinte forma: 2 Creches, 1 Centro Municipal de Educação

Infantil (CMEI), 6 Escolas Municipais Unidocentes e Pluridocentes de Educação Infantil e Ensino Fundamental, (EMPEIEFs), 3 Escolas Municipais Unidocentes de Ensino Fundamental (EMUEIEFs), 1 Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF), 2 Escolas Municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEFs), 1 Escola Municipal Pluridocente de Ensino Fundamental (EMPEIEF) 1 Escola Municipal Pluridocente de Educação Infantil e Ensino Fundamental de Tempo Integral (EMPEIEFTI), 1 Escola Municipal Unidocente de Ensino Fundamental (EMUEF).

A Secretaria Municipal de Educação atualmente dispõe de um total de 156 profissionais. Esse número inclui 115 servidores efetivos e 41 contratados sob o regime de DT, distribuídos de forma a atender às demandas de todas as etapas da Educação Básica.

Atualmente, existem 110 alunos matriculados na Creche, 341 na Educação Infantil, 1.122 no Ensino Fundamental e 64 são estudantes público da Educação Especial, sendo 58 com TEA, 2 com deficiência física, 1 com visão monocular, 1 com DI e 2 com deficiência múltipla.

O município de Itarana possui uma população estimada em 10.975 habitantes (2025). A rede municipal é composta por 12 instituições educacionais, distribuídas da seguinte forma: 02 Centros de Educação Infantil (CMEIs), 02 Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs), 08 Escolas Municipais Unidocentes e Pluridocentes de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMPEIEFs).

A Secretaria Municipal de Educação atualmente dispõe de um total de 266 profissionais. Esse número inclui 50 servidores efetivos e 216 contratados sob o regime de DT, distribuídos de forma a atender às demandas de todas as etapas da Educação Básica.

Atualmente, existem 195 alunos matriculados na Creche, 256 na Educação Infantil, 651 no Ensino Fundamental e 65 são estudantes público da Educação Especial, sendo 42 com TEA, 2 com deficiência física, 1 com deficiência auditiva, 1 com baixa visão, 17 com DI e 2 com deficiência múltipla.

O município de Itaguaçu, possui uma população estimada em 14.042 habitantes (2025). A rede municipal é composta por 13 escolas, distribuídas

da seguinte forma: Itaguaçu: 3 Centros de Educação Infantil (CEIs); 2 Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs); 1 Escola Municipal Unidocente de Ensino Fundamental e Educação Infantil (EMUEFEI); 1 Escola Municipal Pluridocente de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMPEIEF); 1 Escola Municipal Pluridocente de Ensino Fundamental e Educação Infantil (EMPEFEI); 3 Escolas Municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEFs) e 2 Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs).

A Secretaria Municipal de Educação atualmente dispõe de um total de 373 profissionais. Esse número inclui 71 servidores efetivos e 302 contratados sob o regime de DT, distribuídos de forma a atender às demandas de todas as etapas da Educação Básica.

Atualmente, existem 249 alunos matriculados na Creche, 306 na Educação Infantil, 807 no Ensino Fundamental e 42 são estudantes público da educação especial, sendo 37 com TEA, 1 com deficiência física e 4 com DI.

Objetivo e desenvolvimento da formação continuada coletiva

O objetivo é fortalecer a Formação Continuada Coletiva de professores e demais profissionais da educação, na perspectiva da Educação Inclusiva, assim como as ações e práticas pedagógicas desenvolvidas com estudantes com DI e TEA, visando à consolidação da inclusão escolar nos municípios da Microrregião Central Serrana

O desenvolvimento do projeto teve início a partir do estabelecimento de contato institucional com os secretários municipais de educação e com os gestores da Educação Especial da Microrregião. Nesse primeiro momento, foram encaminhadas às Redes Municipais de Ensino a proposta do projeto e outros documentos adicionais, formalizando a adesão de participação de cada município. Esse movimento inicial assegurou o reconhecimento institucional do projeto e fortaleceu o compromisso coletivo das redes municipais com a formação continuada proposta.

Com a adesão formalizada, o Grupo de Estudo e Pesquisa Inclusão Escolar e Processos de Ensino e Aprendizagem (Gepipea) trabalhou com a mobilização das gestoras de Educação Especial para que elas contactassem

as equipes gestoras das escolas, com a finalidade de apoiar a divulgação e adesão voluntária dos servidores das unidades escolares na Formação Continuada Coletiva. Ressaltamos que esse processo ocorreu, inicialmente, por meio do diálogo entre gestores, diretores e equipes escolares, favorecendo a apresentação da proposta de todo o projeto e o esclarecimento de seus objetivos. Em segundo momento, a divulgação foi ampliada com a produção e circulação de vídeos explicativos, elaborados pelos integrantes (Gepipea), que detalharam a organização da Formação Continuada Coletiva e o percurso formativo previsto.

Na sequência, após a divulgação, foi aberto um período de 20 dias para a realização das inscrições, efetuada por meio de formulário eletrônico (*Google Forms*). Para além de um instrumento de adesão, o formulário foi concebido como um espaço de escuta dos servidores, contemplando campos destinados à identificação de necessidades formativas, curiosidades, demandas do cotidiano escolar e sugestões de temáticas consideradas relevantes para o apoio e desenvolvimento do trabalho. Esse procedimento possibilitou a participação ativa dos servidores na definição dos temas a serem abordados ao longo da formação, reforçando o caráter dialógico e coletivo do projeto.

Após o encerramento das inscrições, os dados foram organizados e categorizados pela equipe do projeto. Inicialmente, ele contou com a inscrição de mil servidores participantes. Em seguida, realizou-se uma nova reunião com os gestores da Educação Especial e com as equipes gestoras das escolas, como o objetivo de analisar os temas indicados pelos participantes e definir, de forma compartilhada, os encaminhamentos formativos e as estratégias de condução das discussões, sempre alinhadas às necessidades reais vivenciadas no cotidiano escolar. Esse modo de organização do projeto, ancorado no diálogo com os municípios, na escuta dos servidores e no replanejamento contínuo das ações, materializa-se também na estrutura da Formação Continuada Coletiva desenvolvida no âmbito do projeto. A organização e a condução dos encontros ficam sob a responsabilidade da doutoranda Joziane Jaske Buss, em articulação com o Gepipea/CNPq/Ufes.

Os encontros formativos acontecem nos próprios municípios participantes no turno noturno, com periodicidade mensal sempre em conformidade com o calendário escolar das redes municipais. A proposta prevê a alternância entre encontros presenciais e encontros *on-line*, de modo que, a cada mês, os participantes vivenciam uma modalidade distinta de formação, favorecendo diferentes formas de interação e participação. Cada encontro possui duração média de até três horas.

Quando realizados de forma presencial, os locais são definidos por cada município da Microrregião, em diálogo com a coordenação da formação, considerando as condições e possibilidades locais. A formação foi organizada em dois módulos e iniciada em agosto de 2024, com datas específicas definidas em consonância com as realidades de cada município, destacando que o cronograma foi construído de forma conjunta com os municípios, mantendo o princípio da corresponsabilidade e da tomada de decisões coletivas. Ressaltamos que os servidores, deram ciência de sua participação no projeto por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE).

Os encontros presenciais e não presenciais ocorrem na forma de transmissões ao vivo pelo canal do Gepipea no *Youtube*, contando com a participação de integrantes do grupo de pesquisa e de convidados externos, e também ampliando o diálogo com pesquisadores nacionais, internacionais e profissionais que atuam no campo da Educação Especial e da Educação Inclusiva. Para além desses momentos síncronos, a formação prevê a destinação de horas não presenciais voltadas ao estudo de textos, à realização de atividade em grupo e à participação em fóruns de debate disponibilizados nas salas de aulas no *Google Classroom*. Essas atividades são organizadas de modo a considerar as realidades, necessidades e demandas de cada município fortalecendo a construção coletiva do conhecimento e reafirmando os princípios que orientam o projeto, de maneira que a avaliação da formação ocorre de forma processual, considerando a participação dos servidores nas atividades propostas na plataforma digital, bem como a frequência nos encontros presenciais e *on-line*.

É importante ressaltar que todo o movimento da Formação Contínua-Coletiva pode ser visualizado no *Instagram* do Gepipea – @gepipeaoficial – e no canal do Gepipea no *YouTube*: www.youtube.com/@gepipea.

CAPÍTULO 1

O MOVIMENTO DA FORMAÇÃO CONTINUADA COLETIVA: DIÁLOGO E REFLEXÃO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA INCLUSIVA NAS ESCOLAS PELOS SERVIDORES DA EDUCAÇÃO

Joziane Jaske Buss¹

Andressa Mafezoni Caetano²

DOI: 10.52695/978-65-5456-167-9.1

Os primeiros movimentos para o início da experiência e da proposta da Formação Continuada Coletiva de servidores da educação podem ser

-
- 1 Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora do município de Santa Maria de Jetibá/ES. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa, Inclusão escolar e Processos de Ensino e Aprendizagem (Gepipea/CNPq/Ufes).
 - 2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora do Centro de Educação (CE/Ufes), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGE). Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa, Inclusão escolar e Processos de Ensino e Aprendizagem (Gepipea/CNPq/Ufes). Coordenadora dos Projetos nos âmbitos da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) Edital nº 02/2024 – Universal de extensão, TO: 791/2024, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Projeto 1132/2024 PROEXT- PG/UFES.

registrados ainda no ano de 2010, no município de Santa Maria de Jetibá, localizado na Microrregião Central Serrana do Espírito Santo, quando uma gestora do Centro de Referência da Educação Inclusiva (Crei) começou a participar da pesquisa *Políticas de Educação Especial no Espírito Santo: implicações para a formação continuada de gestores públicos de Educação Especial*, desenvolvida pelo Grupo Educação Especial: Formação de Profissionais, Práticas Pedagógicas e Políticas de Inclusão Escolar (Gepee-fpp/CNPq/Ufes).

Essa pesquisa envolveu municípios do Estado do Espírito Santo vinculados às Superintendências Regionais de Educação de Carapina, Cariacica, Vila Velha, Cachoeiro de Itapemirim, Afonso Cláudio e Guaçuí e revelou, entre outros aspectos, fragilidades na formação dos profissionais responsáveis pela implementação das políticas de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva, bem como desafios estruturais e conceituais nos contextos municipais (Jesus; Mafezoni; Gonçalves, 2012; Vieira; Effgen; Jesus, 2012).

Em 2013, uma nova coordenadora do Crei, Joziane Jaske Buss, continuou o percurso da gestora anterior e passou a integrar uma nova pesquisa, na qual essas discussões foram ampliadas com o desenvolvimento do estudo *Processos de formação continuada de profissionais desencadeados pela gestão de Educação Especial na região sul do estado do Espírito Santo*, conduzida pelo Grupo de Pesquisa Formação, Pesquisa-Ação e Gestão da Educação Especial (Grufopees/CNPq/Ufes). O estudo aprofundou a compreensão acerca dos desafios enfrentados por professores, gestores e demais profissionais na efetivação de práticas voltadas à inclusão escolar. Em continuidade a esse movimento, no ano de 2014, o Grufopees, desenvolveu o projeto de extensão *Formação Continuada de Profissionais no estado do Espírito Santo*, que reforçou a necessidade de pensar a formação continuada para além do professor, incluindo gestores e outros sujeitos que compõem o cotidiano das escolas (Jesus; Almeida, 2014).

Nesse contexto de pesquisa e extensão, a coordenação e a equipe do Crei de Santa Maria de Jetibá tiveram um papel importante para consolidar, posteriormente, uma primeira proposta de formação continuada coletiva, à medida que sua participação nas investigações desenvolvidas

pelos grupos de pesquisa da área da Educação da Ufes possibilitou uma aproximação com a produção acadêmica, favorecendo a problematização dos efeitos concretos das políticas públicas de Educação Especial voltadas à inclusão escolar. Durante o desenvolvimento dessas pesquisas, documentos normativos, diretrizes e resoluções também foram analisadas, evidenciando que a formação continuada acerca da Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva, tal como vinha sendo organizada e executada, pouco dialogava com as especificidades do contexto local e com as demandas reais vivenciadas pelas escolas.

O ano de 2015 marca um ponto de inflexão nesse percurso. A coordenação, juntamente com a equipe do Crei, propôs a implementação de uma formação continuada em serviço, inicialmente direcionada a pedagogos e coordenadores pedagógicos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Diferentemente das propostas tradicionais, essa formação foi pensada a partir de decisões coletivas e orientada pelo diálogo entre os profissionais, tomando os desafios da inclusão escolar como eixo estruturante.

Desde então, tornou-se necessário refletir não apenas sobre os conteúdos da formação, mas sobre o próprio sentido de uma política formativa construída no interior da rede municipal. A formação foi concebida como um processo construído “com” os profissionais e não “para” eles, reconhecendo as necessidades das escolas e valorizando a partilha de experiências. Essa perspectiva favoreceu a ressignificação das práticas pedagógicas e evidenciou a urgência de ampliar a formação continuada para além do professorado, envolvendo os diferentes servidores que atuavam no espaço escolar.

Em 2016, foi estabelecida uma parceria entre a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), por meio do Grufopees e do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Especial (Neesp), e a Secretaria Municipal de Educação de Santa Maria de Jetibá, no âmbito do Crei. A pesquisa proposta pelo Grufopees se fundava na pesquisa-ação colaborativo-crítica, o que permitiu analisar os processos de acesso e permanência de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no ensino comum. Nesse percurso, os profissionais da rede municipal passaram a ocupar um lugar

ativo na produção e socialização de conhecimentos (Almeida, 2016; Caetano; Buss; Espíndula, 2017).

Ao longo de 2016 e 2017, os conhecimentos produzidos pelos membros dos Crei e da Ufes foram socializados em eventos acadêmicos e publicações, ao mesmo tempo que documentos normativos passaram a incorporar princípios relacionados à formação continuada. Destacaram-se, nesse período, a Meta 4 do Plano Municipal de Educação (2018), especialmente a estratégia 4.9, e o Regimento Interno da Secretaria Municipal de Educação, que reafirma a formação continuada como eixo para o desenvolvimento de ações pedagógicas inclusivas, reconhecendo os profissionais como sujeitos ativos na construção coletiva do conhecimento (Santa Maria de Jetibá, 2024).

Em 2018, a parceria entre o município e a Ufes foi renovada, dando origem ao estudo *Formação de profissionais da educação e pesquisa-ação: perspectivas e práticas para a educabilidade das pessoas público-alvo da Educação Especial*, aproximando a academia e o cotidiano da rede municipal de ensino, mobilizando os profissionais para a participação em processos formativos continuados. Em 2019, a inserção do município no curso extensão *Formação em políticas, gestão e financiamento da Educação Especial* contribuiu para aprofundar os debates sobre inclusão escolar e fortalecer, de modo mais sistemático, as ações formativas desenvolvidas na rede municipal.

À medida que os encontros formativos avançavam, tornou-se evidente que a proposta de replicar os conhecimentos construídos encontrava limites diante das múltiplas demandas de trabalho dos pedagogos e da necessidade de envolver outros servidores da escola. A partir desse reconhecimento, emergiu a indagação sobre como ampliar a formação continuada de modo que todos os sujeitos que compõem o cotidiano escolar estivessem implicados no processo de inclusão. Esse questionamento impulsionou a ampliação do público participante, incluindo professores regentes, professores de Educação Especial e, progressivamente, outros servidores da escola.

Dessa constatação, decorreu a necessidade de pensar uma formação que considerasse a interação entre diferentes agentes: professores de sala

comum e de áreas específicas, professores de Educação Especial, diretores, supervisores, coordenadores, secretários escolares, auxiliares de Educação Especial, estagiários, bibliotecários, auxiliares de creche, merendeiras, motoristas e auxiliares de serviços gerais, entre outros (Buss, 2021).

A Formação Continuada Coletiva passou, então, a se constituir de forma gradual, baseada na adesão voluntária dos servidores da rede municipal. Ainda não configurada como política pública institucionalizada, a proposta foi ofertada fora do horário de expediente, no período noturno, alternando encontros presenciais e atividade em ambiente virtual, com certificação ao final de cada ciclo. As temáticas eram definidas a partir das demandas apresentadas pelos próprios participantes, reforçando o caráter dialógico e contextualizado da formação.

Esse percurso formativo motivou a coordenadora do Crei a ingressar no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) da Universidade Federal do Espírito Santo, no ano de 2019. A dissertação desenvolvida nesse período discutiu a formação continuada de professores e demais servidores da educação na perspectiva da inclusão escolar, evidenciando a Formação Continuada Coletiva como possibilidade concreta e necessária para a inclusão dos estudantes com deficiência na rede municipal de Santa Maria de Jetibá/ES.

A pesquisa envolveu professores regentes de sala comum, professores de áreas específicas e professores especializados em Educação Especial, tomando como foco os modos como esses sujeitos compreendiam e vivenciavam os processos formativos no interior da rede municipal. No delineamento conceitual adotado, o termo profissionais da educação foi utilizado para designar supervisores escolares, coordenadores de áreas, diretores, enquanto servidores não docentes, os auxiliares de Educação Especial, auxiliares de creche, estagiários, bibliotecários, merendeiras, motorista, secretários escolares e auxiliares de serviços gerais, foram compreendidos como colaboradores da pesquisa.

A experiência desenvolvida no município, aliada à realização da dissertação de mestrado, produziu impactos significativos no contexto educacional local ao evidenciar que a transformação das ações e práticas são

possíveis quando os processos formativos são construídos de maneira compartilhada. Esse percurso reforçou a compreensão de que a inclusão escolar demanda a ressignificação das ações coletivas e o reconhecimento do papel de todos os servidores que atuam no espaço escolar.

Os desdobramentos dessa experiência passaram a dialogar com outros contextos da região, favorecendo a ampliação da proposta para os municípios da Microrregião Central Serrana do Espírito Santo, Itaguaçu, Itarana, Santa Teresa, Santa Maria de Jetibá e Santa Leopoldina. Esse movimento deu origem à estruturação do projeto de pesquisa de doutorado de Joziane Jaske Buss, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Ufes), iniciada em 2023, de modo que submetemos a proposta do projeto de extensão *A Formação Continuada Coletiva na perspectiva da educação especial e inclusiva na microrregião Central Serrana do Espírito Santo* ao edital Fapes Nº 02/2024, Universal Extensão II, no qual fomos contemplados e está vinculado ao TO: 791/2024.

Também submetemos em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB/CEUNES/UFES), a proposta que envolveu os municípios de São Mateus, Pedro Canário e Conceição da Barra, intitulada *A Formação Continuada Coletiva na perspectiva da Educação Especial e inclusiva em municípios capixabas*, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Projeto 1132/2024 PROEXT– PG/UFES, edital 01/2024 – Apoio a ações de extensão na Pós-Graduação.

A proposta de extensão vinculada à Formação Continuada Coletiva desenvolvida se configura como uma iniciativa inovadora no Estado do Espírito Santo, tanto pela sua abrangência quanto pela concepção formativa que a sustenta. Fundamentada na Teoria da Aprendizagem Transformadora de Jack Mezirow, a proposta tem como eixo central o fortalecimento das ações e práticas inclusivas nas escolas na construção de uma cultura inclusiva pelos servidores da educação.

Esse movimento tem se materializado por meio da constituição das Redes Coletivas de Aprendizagem (RECA), compreendidas como espaços de encontro, diálogo e produção compartilhada de conhecimentos nos

quais os diferentes saberes são reconhecidos e valorizados. Ao apostar na participação de todos os profissionais da educação, o projeto amplia a compreensão da formação continuada tradicionalmente pensada para determinadas categorias e afirma a corresponsabilidade de todos os servidores que compõem o cotidiano escolar no processo de inclusão, tendo clareza do papel de cada um no processo de escolarização de estudantes com deficiência.

Nesse sentido, a proposta de formação continuada coletiva envolveu professores regentes, professores de áreas específicas, professores especialistas em Educação Especial, diretores, pedagogos, coordenadores, supervisores escolares, inspetores escolares, auxiliares de Educação Especial, auxiliares de serviços educacionais, auxiliares de sala, monitores escolares, agentes de inclusão, estagiários, bibliotecários, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, motoristas, monitores de transporte escolar, porteiros, secretários escolares, vigilantes, além de gestores de Educação Especial e secretários de educação, entre outros, reconhecendo que a inclusão escolar também se constrói a partir da atuação articulada desses diferentes servidores.

Para além de uma proposição de natureza acadêmica, a Formação Continuada Coletiva emergiu de demandas concretas dos municípios e do cotidiano vivido nas escolas. Sua singularidade reside no fato de não se limitar a ações pontuais ou a processos formativos fragmentados, mas de se constituir como um movimento contínuo, coletivo e dialógico, que articula municípios e diferentes servidores da educação em torno da construção cotidiana de ações e práticas comprometidas com a inclusão escolar. É a partir dessa trajetória, marcada pelo diálogo entre universidade e extensão, redes municipais e sujeitos da escola, que se torna possível compreender a concepção formativa que sustenta essa experiência e orienta suas ações no presente.

Nesse sentido, o percurso de planejamento e desenvolvimento da Formação Continuada Coletiva tem tido como um de seus pilares o diálogo e a reflexão com os servidores da Microrregião Central Serrana, com o objetivo de avançar em termos de inclusão escolar de estudantes com deficiência nas escolas dos municípios. Nesses termos, enquanto coordenação do

projeto e do grupo de pesquisa que atua nessa condução, temos trazido, para o diálogo com o nosso fazer extensionista, estudos e autores que nos auxiliam, cada vez mais, a fortalecer essa proposta, em colaboração com a formação continuada dos diferentes servidores dessas escolas. Essa conjugação entre os saberes acadêmicos e as necessidades reais dos contextos tem nos auxiliado a realizar, pensar, avaliar, rever e ressignificar práticas, ampliando olhares, fortalecendo o trabalho coletivo e promovendo ações mais sensíveis às singularidades dos estudantes e dos próprios servidores.

Assim, a Teoria da Aprendizagem Transformadora, desenvolvida por Jack Mezirow, embasa-nos a compreender que aprender, no caso dos servidores, não significa apenas receber informações novas, mas, principalmente, repensar nossas crenças, atitudes e formas de agir a partir das experiências que vivemos no cotidiano. Muitas vezes, essas aprendizagens acontecem quando nos deparamos com situações que nos tiram da zona de conforto e nos fazem refletir sobre aquilo que sempre fizemos “do mesmo jeito”.

Na Formação Continuada Coletiva dos servidores, esse processo ganha ainda mais força, pois acontece no encontro com o outro. O diálogo é um elemento central: conversar, trocar experiências e refletir juntos permite que diferentes pontos de vista apareçam e que possamos questionar nossas próprias práticas. O diálogo não é apenas falar, mas estar aberto a ouvir e a aprender com as vivências dos colegas.

Nesse sentido, a escuta sensível torna-se fundamental. Escutar de forma sensível é prestar atenção ao que o outro diz, sente e vive, sem julgamentos prévios. Quando os servidores se sentem ouvidos e respeitados, o ambiente de formação se torna mais acolhedor e propício à aprendizagem. Essa escuta também nos ajuda a perceber situações de exclusão que, muitas vezes, passam despercebidas na rotina institucional. O respeito à singularidade é outro ponto essencial. Cada servidor traz consigo uma história, saberes, dificuldades e formas próprias de compreender o mundo, e, da mesma forma, cada estudante é único. Reconhecer essas diferenças não é um obstáculo, mas uma riqueza para o trabalho coletivo. A educação inclusiva se fortalece quando valorizamos essas singularidades e evitamos ações e práticas padronizadas que não atendem a todos.

A partir disso, a formação crítica dos servidores se constrói quando há espaço para refletir sobre as próprias ações, questionar rotinas e rever ações e práticas que podem, mesmo sem intenção, gerar exclusões. Não se trata de apontar erros, mas de compreender que todos estamos em constante processo de aprendizagem e transformação. Assim, a formação continuada deixa de ser apenas um momento de repasse de informações e passa a ser um espaço de reflexão coletiva, diálogo e transformação, contribuindo para uma atuação mais consciente, humana e comprometida com a educação inclusiva.

Referências

BUSS, Joziane Jaske. **A formação continuada de professores, profissionais da educação e colaboradores na perspectiva da inclusão escolar**. 2021. 224f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Graduação de Mestrado Profissional em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

JESUS, Denise Meyrelles de; ALMEIDA, Mariangela Lima. Pesquisa e Educação Especial: constituindo pistas de diálogo com a formação continuada. In: MARTINS, Lucia de Araújo Ramos; PIRES, Gláucia Nascimento da Luz; PIRES, José (org.). **Caminhos para uma educação inclusiva**: políticas, práticas e apoios especializados. João Pessoa: Ideia, 2014. p. 85–114. v. 1.

JESUS, Denise Meyrelles de; MAFEZONI, Andressa Caetano; GONÇALVES, Agda Felipe. Os processos de formação continuada. In: JESUS, Denise Meyrelles de (org.). **Políticas de Educação Especial no Espírito Santo**: Um olhar sobre a instituições especializadas e a gestão da educação especial. 1. ed. Vitória: [S. n.], 2012, v. 01, p. 01–282. E-book.

JESUS, Denise Meyrelles de; GONÇALVES, Agda Felipe; VIEIRA, Alexandro Braga; EFFGEN, Ariadna Pereira Siqueira. As políticas públicas em ação no estado do Espírito Santo: o que nos dizem as superintendências e as secretarias municipais de educação. In: MENDES, Enicéia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amélia (org.). **A pesquisa sobre inclusão escolar em suas múltiplas dimensões**: teoria, política e formação. 1. ed. Marília: ABPEE, 2012, v. 1. p. 159–174.

MAFEZONI, Andressa Caetano; BUSS, Joziane Jaske; ESPÍNDULA, Vanize. Processos Formativos de Pedagogos em Santa Maria de Jetibá-ES, Brasil: Diálogos sobre Inclusão Escolar. **Revista estreiadiálogos**, v. 2, p. 27–44, 2017.

MEZIROW, Jack. **Transformative dimensions of adult learning**. San Francisco: Jossey-Bass, 1991.

MEZIROW, Jack. Transformative learning: theory to practice. *In*: CRANTON, Patricia (ed.). **New Directions for Adult & Continuing Education**, n. 74, p. 5-12, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1002/ace.7404>.

MEZIROW, Jack. On critical reflection. **Adult Education Quarterly**, v. 48, n. 3, p. 185-198, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1177/074171369804800305>.

MEZIROW, Jack. **Learning as Transformation**: Critical perspectives on a theory in progress. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

SANTA MARIA DE JETIBÁ. Secretaria de Educação. **Regimento Escolar da rede municipal de ensino**. Santa Maria de Jequitibá, ES: Secretaria de Educação do Estado, 2024.

VIEIRA, Alexandro Braga *et al.* Ações instituídas e praticadas para elaboração do currículo do curso de formação de gestores públicos em educação especial. *In*: JESUS, Denise Meyrelles de (org.). **Política de Educação Especial no Espírito Santo**: um olhar sobre as instituições especializadas e a gestão da educação especial. Vitória: Edson Maltez Heringer, 2012. p. 89-102. v. 1.

CAPÍTULO 2

FORMAÇÃO PROFISSIONAL E INCLUSÃO ESCOLAR: REFLEXÕES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Patrícia Braun¹

DOI: 10.52695/978-65-5456-167-9.2

Há décadas, permanece como pauta de diversos estudos, na área de Educação Especial, o foco em análises sobre a formação profissional, especificamente direcionadas à atuação docente e às práticas oriundas desta, de forma a propiciar conhecimentos para estratégias que respondam a demandas estudantis no contexto da inclusão escolar (Braun, 2012; Dantas; Farias; Bezerra, 2024; Dias; Silva, 2020; Garcia, 2013; Kassir, 2014; Melro, 2024; Michels, 2006; Pletsch, 2009; Tavares; Santos; Freitas, 2016).

Além disso, esses estudos também aventam que a formação é ponto essencial e de partida para a (re)organização da cultura escolar que vivencia, no seu coletivo de profissionais, a responsabilidade de oferecer espaços, tempos e proposições para todos os estudantes participarem, aprenderem, conviverem e se desenvolverem. E, ainda, que as práticas

1 Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Professora associada do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira CAP-Uerj. Professora do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica – PP-GEBCAP-Uerj.

escolares, com a meta de prover inclusão escolar, “suscitam a organização de uma nova cultura escolar que envolve mais do que a oferta de um atendimento educacional especializado” (Braun; Marin, 2016, p. 193).

Nesse conjunto de análises, é relevante considerar as reflexões sobre as proposições para as práticas que envolvem o processo de tornar a escola um lugar sem barreiras arquitetônicas, pedagógicas e atitudinais para aqueles que nela compartilham momentos da escolarização na Educação Básica, seja no lugar de quem aprende, seja no lugar de quem ensina, seja no lugar de quem provê condições e estrutura ao espaço escolar.

Entendemos que as práticas são pensadas, planejadas, propostas e realizadas pelos profissionais que atuam na escola. E, embora seja muito comum os estudos e seus debates desenharem um eixo temático dado na relação entre “escola – práticas – formação docente”, o que propomos neste texto é uma reflexão que amplia esse eixo e, portanto, também amplia o debate. A intenção é, nas linhas que seguem, refletir sobre esse eixo, com vistas à formação profissional além do perfil docente para a escolarização e inclusão escolar, a partir das seguintes questões: 1. as práticas que envolvem a escolarização são constituídas, tão somente, a partir de ações docentes ou envolvem outros profissionais na escola? 2. E, se a escola não se constitui unicamente de docentes, em que medida é pensada e proposta a formação para a articulação entre as práticas de todos os profissionais que a compõem?

A perspectiva que consideramos é de que a escola de Educação Básica é composta por um rico e diverso universo de profissionais, com perfis que podem dar respaldo ao bem-estar físico, emocional e pedagógico, oportunizando aprendizagens a partir do currículo [conhecimentos científicos] e das interações pessoais na convivência em tempos e espaços comuns, com um público entre a infância e a adolescência. Independentemente do tamanho e dos recursos de que a escola dispõe, ela precisa de um coletivo de profissionais, além de docentes, para organizar sua estrutura.

Todavia, nesse cenário, quando citada a formação profissional, é a formação docente que se revela como protagonista no debate que envolve as práticas na escola. Acordamos sobre a relevância da formação

docente e o quanto ela tem impactos sobre a cultura escolar. Também acordamos, como indicam estudos, que essa mesma formação apresenta lacunas no que se refere a subsidiar conhecimentos para docência que gera aprendizagens escolares. E, observamos que, sobre gerar aprendizagens escolares, as dimensões se revelam ainda maiores, sobretudo quando nos referimos à escolarização com e para todos a partir da presença de estudantes com deficiência, autismo ou com outra especificidade no desenvolvimento, na sala de aula, no pátio, na cantina, no refeitório, nos espaços de circulação, na escola.

Para ilustrar o contexto ao qual nos referimos, num recorte temporal de duas décadas, entre 2006 e 2026, por exemplo, estudos como o de Michels (2006, p. 421) citam “a formação docente como elemento-chave para a mudança na escola”. Pletsch (2009, p. 147) ratifica a “necessidade de melhoria da formação de professores como condição essencial e premente para a promoção eficaz da inclusão de alunos com necessidades especiais em rede regular de ensino”.

Garcia (2013, p. 116) provoca nosso pensar sobre a caracterização das formações ofertadas aos docentes, no país, ao apontar a “perpetuação do conhecimento hegemônico na educação especial, associada à carência de debate pedagógico e de discussões acerca do trabalho do professor [...]”. E o que nos parece ser ainda mais sério, diante das intenções para a inclusão escolar, Garcia (2013, p. 116) diz haver “[...] a proposição de serviços e de formação que não considera as características da educação básica em seus níveis e modalidades, sendo mantida [a educação especial] como modalidade que existe à parte do sistema educacional”.

Braun (2012, p. 77) afirma que “[...] o formato dos cursos de formação e as condições em que as ações acontecem na escola não têm favorecido ao professor ser reflexivo” sobre a prática pedagógica que ele mesmo realiza. E pondera ainda que a “formação inicial pouco se aproxima da realidade vivida pela escola, o que pode configurar uma atuação, praticamente, isolada na sala de aula [...]”, sem oferecer subsídios teóricos e práticos que atualizem, reestruem, possibilitem ao docente melhores condições técnicas para seu trabalho.

Nessa direção, Kassar (2014, p. 218) é pontual na sua análise, com tensionamentos que dizem da “preocupação com a formação de docentes para atuar em uma educação inclusiva”, uma vez que a formação inicial ou a formação continuada apresentam precariedades e limitações, panorama que se revela ora pela via de concepções teóricas e didáticas que não favorecem práticas pedagógicas inclusivas, ora pelo formato dos programas de formação do governo federal, ofertados.

Tavares, Santos e Freitas (2016, p. 527) ratificam “o reconhecimento da importância da formação pelos docentes”, mas também, alertam sobre “a angústia pela percepção de formação insuficiente”, e, nesse contexto, os docentes vão em “busca pela formação continuada ou ainda por especializações através de cursos e até mesmo pós-graduação como forma de preencher essa lacuna, [...]”. A ideia sobre as formações terem um formato ou conhecimentos insuficientes, para o desenvolvimento de “boas práticas” na inclusão escolar, tem sentido quando estudos revelam que ainda são considerados conhecimentos opcionais ou ausentes aqueles que se debruçam sobre o desenvolvimento do ensino e aprendizagem de estudantes com deficiência. Fato este apontado por Dias e Silva (2020, p. 423) ao afirmarem que há a:

[...] ausência de disciplinas que abordem a educação inclusiva nas universidades [...], sobretudo nas licenciaturas, [...] tal ausência reforça, além dos mecanismos de exclusão, a justificativa de que os professores não são formados para atuar na educação das pessoas com deficiência.

Faz coro a essa análise de Dias e Silva (2020) o estudo de Dantas, Farias e Bezerra (2024) quando se referem a entraves que o processo de escolarização evidencia no que tange aos estudantes com deficiência, autismo ou outra especificidade. O estudo destaca a falta de estrutura das escolas e as lacunas na formação docente, enfatizando que:

[...] no tocante à formação inicial, apenas três universidades públicas brasileiras possuem cursos de licenciatura em Educação Especial, a saber: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Uni-

versidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) (Dantas; Farias; Bezerra, 2024, p. 02).

E, para fechar esse recorte temporal que nos respalda nessas reflexões, Melro (2025, p. 01) volta a afirmar o que outros estudos afirmam nas últimas duas décadas, dizendo ser urgente – o que antes já era também:

[...] que a formação de professores/as muna as escolas de ferramentas pedagógico-culturais que ajude os/as professores/as a ultrapassar dúvidas, receios e ceticismo face à implementação, nas práticas que apresentam, de uma educação mais inclusiva. Propõe-se um outro paradigma de formação que considere o trabalho dos/as professores/as como fundamental para o desenvolvimento flexível do currículo, afirmando a escola como espaço e tempo de reflexibilidade crítica, reconhecendo nos processos de formação de professores/as uma oportunidade única para a escola por em ação os princípios e práticas de uma educação inclusiva [...].

Deste modo, a partir das ideias de Melro (2024) e dos demais estudos abordados aqui, convidamos à reflexão sobre a formação profissional para a inclusão escolar, a partir do seguinte pensamento:

- Se a formação profissional até o momento ofertada aos docentes não é suficiente para contemplar ações para a escolarização, na perspectiva inclusiva.
- Se há a necessidade de um outro paradigma de formação, com um programa que considere a realidade estrutural e cotidiana da escola e promova, coletivamente, a reflexão sobre as práticas, por quem as realiza.
- Se as ações, para a estrutura da escola, não são realizadas tão somente por docentes.

Logo, as práticas nela geradas são oriundas, também, de ações desenvolvidas por outros profissionais que nela atuam, de forma que haja subsídios técnicos e profissionais para a oferta e garantia de acesso, permanência, participação e aprendizado aos estudantes.

Portanto, nesta via de pensamento, associamo-nos a Buss e Mafezoni (2025, p. 1) ao afirmarem sobre a importância da constituição de espaços formativos comprometidos com a criação de um coletivo dentro das escolas, marcado pela partilha de diversos saberes, pela colaboração e participação de todos os seus integrantes no processo de inclusão escolar. Em outras palavras, no que tange à perspectiva de inclusão escolar, é necessário pensarmos a formação para as práticas escolares inclusivas a partir de propostas com diálogos, encontros, estudos e partilhas de conhecimentos, para além do fazer docente. Essencialmente, entendemos a necessidade de propostas que promovam a formação sobre e com o fazer docente, unido ao fazer dos demais profissionais que atuam na escola, da portaria à gestão administrativa.

Para situar o perfil da formação profissional que nos levou a pensar as reflexões abordadas neste texto, lançaremos mão de memórias a partir de um relato de experiência. O contexto desse relato caracteriza-se na atuação colaborativa em um curso de formação por entre escolas de Educação Básica, em cinco municípios da Microrregião Central Serrana do Espírito Santo. Essa formação integrou parte da metodologia do projeto de extensão e pesquisa para o campo de uma investigação de doutorado, a qual nos apresentou a perspectiva de “Formação Continuada Coletiva” (Buss, 2024). A mesma proposta de formação, da qual participamos como professora formadora, foi vinculada ao Projeto de Extensão (FAPES e Ufes/PROEXT-PG/CAPES) *Formação Continuada Coletiva na Perspectiva da Educação Especial e Inclusiva na Microrregião Central Serrana do Espírito Santo*, desenvolvido na Universidade Federal do Espírito Santo (Buss; Mafezoni, 2025).

De pronto, vale dizer da expectativa inicial sobre ofertar um encontro formativo para um coletivo considerável de profissionais, pois todos os que atuavam na escola foram convidados e lá estavam. Foi um desafio alinhar, para esse coletivo, ideias e conhecimentos no campo da Educação

Especial e educação inclusiva, sobre ações e práticas que respondam às necessidades dos estudantes durante sua escolarização. O objetivo desse momento formativo foi dialogar sobre o perfil do desenvolvimento do estudante com deficiência intelectual e ações, práticas, interações e recursos que os profissionais da escola podem oferecer para a participação e pertencimento dele no e com o contexto escolar.

A cada encontro, ao longo de cinco dias, visitamos, encontramos e dialogamos com um coletivo de profissionais que atuam nas escolas e garantem o processo de escolarização para centenas de estudantes. Havia docentes, sim, claro! E, junto, no coletivo de profissionais, todos os demais atores que atuam na escola.

Como docente da Educação Básica, lidando com percepções, entendimentos e disponibilidades que variam no fazer escolar, entre os profissionais que atuam na escola, nas diversas funções, percebemos o quanto é necessário desenvolver e organizar uma cultura escolar que, de fato, agregue, propicie e revele práticas coletivas e colaborativas que considerem a diversidade do desenvolvimento humano presente, entre os perfis estudantis que compõem cada turma de ano escolar. E por que citamos a ideia de cultura escolar?

Porque a compreendemos como um conjunto que reúne: elementos: práticas, concepções, normas, costumes, rotinas, valores, recursos; pessoas: docentes, gestores, estudantes, famílias, profissionais da manutenção, limpeza, alimentação, segurança, inspetoria, entre outros, que circulam e atuam no dia a dia dos espaços e tempos da escola, com interações, relações e concepções que perpassam e seguem para além do aprender os conhecimentos curriculares (Silva, 2006). E, se escola se caracteriza a partir desse conjunto, especialmente no que se refere aos recursos humanos, então, parece-nos coerente que propostas de formação promovam momentos no coletivo dos que atuam na escola, uma vez que, dessa forma, seria possível propor reflexões no conjunto de profissionais que precisam prover práticas para os mesmos estudantes, em tempos e espaços diversos.

Estar à frente de um coletivo com um perfil profissional diverso para dialogar num encontro de formação foi, também, revelador. Estavam presentes

docentes, diretores, coordenações, orientadores escolares, merendeiras, seguranças, motoristas, profissionais da limpeza ou manutenção, da secretaria, auxiliares pedagógicos, entre outros que atuam na estrutura do conjunto de escolas dos municípios. Nessa experiência, percebemos que a proposta da “formação continuada coletiva” vem ao encontro da demanda real que vivenciamos na escola: pensar a escola com e para todos. Porque o estudante não é de um ou de outro docente, de uma ou outra sala.

Aliás, o estudante não é de ninguém e nem está restrito a um espaço específico, como a sala de recursos multifuncional. O estudante está na escola, tem sua matrícula em um ano escolar, que mudará no ano seguinte; terá um coletivo de profissionais mais próximo a ele, mas viverá diversas situações entre outros coletivos, a cada ano, até que conclua a Educação Básica. Esse estudante está hoje em uma turma com um ou outro docente. Ele frequenta hoje o espaço e o cotidiano da escola com apoio de um ou de outro servidor da escola. Mas ele está para e com todos ao longo de sua escolarização.

Diante das reflexões oriundas da experiência relatada aqui, deparamo-nos com uma questão a qual defendemos, que precisa ser ponto de debate nos grupos de pesquisa e de formação das universidades, nas políticas públicas e na escola, com urgência: se desejamos e trabalhamos por um espaço escolar inclusivo, não podemos restringir o acesso, a interação e a experiência do estudante, na escola, a um ou outro profissional.

Ao olhar para o coletivo de profissionais, em cada encontro de formação nas escolas, à medida que falávamos sobre práticas e situações do cotidiano escolar, entre os diversos espaços da escola, também foi mote de atenção selecionar estratégias didáticas e a abordagem de linguagem que seria mais acessível, capaz de impactar e gerar reflexões sobre as ações que cada um desenvolve no seu campo de atuação escolar e que constitui o coletivo de práticas que o estudante acessa. Preocupamo-nos em apresentar informações acessíveis, o que não significa simplificar ou empobrecer os conhecimentos e, especialmente, enfatizar, para e com todos os profissionais presentes, a importância de olharem e considerarem em primeiro plano o sujeito, o estudante, e não a deficiência que apresenta.

Também foi mote de nossa atenção provocar algo como uma consciência escolar coletiva sobre as práticas que são comuns, que se atravessam e se complementam, pois o estudante tem sua sala de aula; mas ele vai à cantina, ao refeitório, ao pátio, passa pela portaria, vai à enfermaria, ao banheiro, secretaria etc. E, nesse contexto do ambiente escolar, há estratégias de interação e de orientação ao estudante que tanto o docente aborda com ele quanto o auxiliar, o porteiro, o pessoal da cantina. Em suma, o estudante circula pelos espaços da escola e, nesse sentido, ratificamos que o docente não pode ser o único responsável por ele, pois a escola vai além da sala de aula.

Assim, a formação para a inclusão escolar precisa ir além da formação docente. Não é uma coisa ou outra, e, sim, unir conhecimentos, estratégias, práticas para o mesmo estudante. À medida que pensávamos formas de propor essas reflexões na formação coletiva, também nos preocupamos com a seleção por mídias e recursos didáticos que pudessem dialogar sobre a cultura escolar que envolve o estudante com deficiência. E, nessa direção, provocar reflexões e a percepção de que essa cultura é composta por todos que nela estão e, por isso, todos se tornam responsáveis pela articulação das práticas que são necessárias ao estudante, seja sobre o aprender e ler, escrever ou calcular; seja para aprender a se comunicar, a usar recursos da escola, a interagir com colegas e adultos. Enfim, práticas que ofereçam ao estudante estratégias e possibilidades para estar, participar, aprender e se sentir pertencente ao contexto da escola.

Nossa intenção foi organizar uma fala com conhecimentos que “tocasse” o coletivo de profissionais presentes, de forma que se sentissem responsabilizados, mas também valorizados pelo lugar profissional que ocupam. Não era para um ou para outro, não foi somente para docentes. Parafraseando Cecília Meireles (2002), não era para ser “isto ou aquilo”, e, sim, sobre isso e aquilo, sobre um rol de conhecimentos, com todos juntos.

Nesse contexto, a perspectiva da “formação continuada coletiva” proposta por Buss (2024) ultrapassa as perspectivas de qualquer formato de formação dado, seja inicial ou continuada, usualmente para um único perfil profissional. Ao considerarmos que pouquíssimos profissionais da

escola tiveram acesso à formação inicial com estudos sobre inclusão escolar, então notamos a real necessidade de ampliar o alcance e a oferta de espaços formativos na escola e no coletivo. Porque a escola está dada e todos estão ali, atuando. Assim, a “formação continuada coletiva” oferece a possibilidade de gerar conhecimentos, reflexões, discussões, revisões, inovações sobre o fazer na escola de que todos precisam; onde profissionais e estudantes vivem a escolarização, quando os primeiros têm a responsabilidade de ofertar a estrutura e os segundos o direito de usufruírem.

Do mesmo modo, a “formação continuada coletiva” lança luz sobre a ideia de que todos que estão na escola precisam, podem e têm lugar para falar sobre inclusão escolar. Afinal, não tem nenhum documento que diga que essa temática é restrita ao docente, mas, culturalmente, é dada como um foco que cabe a ele, sobrecarregando-o. Claro, na escola, o docente é uma figura em evidência pelo fato de essa ter a função primordial de ofertar ensino e aprendizagem. Entretanto, como já problematizado em linhas anteriores deste texto, se o estudante está, circula e usufrui do que a escola oferece, inclusão escolar precisa ser uma temática de diálogo com todos que ali estão, para organizar a escolarização dele com as aprendizagens que vislumbramos.

Dentre as revelações dadas nessa experiência, outra reflexão que realizamos foi sobre os entrelaçamentos necessários entre todos que atuam na escola, dos lugares que ocupam e das suas práticas. Porque as práticas que, na escola, fazem-se presentes são de cunho escolar, dadas a partir das iniciativas, das ações de todos os profissionais que nela atuam. Esse é um aspecto que nos parece equivocado entre os entendimentos sobre o que compõe a escola, e a formação continuada coletiva nos fez rever.

A prática escolar não é exclusiva do professor. É parte da cultura que caracteriza a escola. É constituída pelas ações de todos que estão na escola, do porteiro, do segurança, do pessoal da equipe de limpeza, da cantina, da secretaria... Não se caracterizam apenas pela via das atividades que envolvem ler e escrever. Estas são parte essencial do processo escolar, mas para que estas tenham condições de serem desenvolvidas e, ainda, para que o estudante se perceba como integrante real da escola,

é necessário um conjunto de profissionais, o qual constitui o coletivo das práticas necessárias à escolarização.

Outro ponto de nossa reflexão nesta experiência é quanto à caracterização da ideia de “formação continuada coletiva”. Pensamos o perfil dos encontros com debates e conhecimentos que não cabem na concepção de formação generalista, tampouco na concepção de formação especializada, como já discutiu Bueno (1999). Isso porque, na primeira, os conhecimentos são amplos e, até o momento, a maioria dos programas das licenciaturas não contemplam conhecimentos sobre inclusão escolar de forma responsável, diríamos. Pois a maioria dos cursos que preparam para a atuação docente oferece disciplinas sobre inclusão escolar e educação especial como opcionais ou nem as oferece. E a formação continuada fica a critério de escolha de cada profissional, ou seja, se for do seu interesse e se tiver possibilidade (tempo, recursos econômicos), ocorre a sua busca por formações mais aprofundadas.

Mas a escola está ali, com a escolarização acontecendo, ou quase! Os profissionais têm suas formações específicas e, diante do que é ofertado, ou não, em formações a estes, o que nos parece ser uma lacuna é a consideração sobre conhecimentos que são comuns a todos, que devem estar presentes nas práticas coletivas e colaborativas, dentro da escola. E, a partir dessa reflexão, pensamos que a “formação continuada coletiva” na escola pode ser uma possibilidade para atender a essa lacuna e impactar positivamente na escolarização sobre a perspectiva da inclusão escolar.

Não é seguir uma lista de itens ou regras para propor algo na prática deste ou aquele profissional, mas é ter a consciência de que há práticas que são realizadas por mais de um profissional e nem sempre, ou nunca, são compartilhadas entre os que atuam na mesma escola com o mesmo estudante. Isso fragiliza o processo para o estudante que precisa se ajustar aos modos de cada um interagir com ele, quando deveria ser o oposto.

Refletimos sobre o perfil dessa formação, que abarca práticas coletivas necessárias, que consideram o coletivo e a escola onde atuam, de forma a reverem ou transformarem a cultura escolar que há, na direção da cultura escolar que precisa haver, para que todos sejam contemplados

em seus processos de escolarização. Por isso, é necessário considerarmos os entrelaçamentos das ações de cada um e de todos nos espaços e tempos compartilhados, bem como a análise e a compreensão sobre o coletivo no qual a escola se estrutura.

Nesse perfil, observamos que compartilhar a escuta e o diálogo, no mesmo momento, pode propiciar as aproximações sobre o que cada um faz. No cotidiano da escola, ter a oportunidade de saber sobre o fazer de cada um é um momento restrito ou ausente, por diversos fatores, mas principalmente pela falta de tempo para encontros do coletivo, com diálogo sobre a escola e os “fazeres” de todos, com os estudantes. Todos na escola têm um papel que é essencial à estrutura e seu funcionamento. Cada um no seu lugar, cada um com o seu saber, e esses saberes todos, em conjunto, atendem à demanda do percurso da Educação Básica, a qual abarca crianças e adolescentes, com perfis únicos, para além da sala de aula, para além do que o professor tem como tarefa. É sobre isto que nossa atenção se fez, a cada encontro da “formação continuada coletiva”: olhar para a escola realmente como ela é composta e não na síntese que socialmente é percebida, a partir de cadernos, lápis e professor.

Na trajetória dessa experiência e das reflexões provocadas a cada encontro formativo, ousamos sugerir que a proposta de “formação continuada coletiva” tem sua caracterização extremamente dada pela ideia de formação em serviço (Toledo; Vitaliano, 2012). Ou seja, é um formato de formação continuada e em serviço que ocorre no e sobre o contexto real dos espaços onde os profissionais escolares atuam e sobre as realidades que vivenciam.

Também é parte destas reflexões sobre a caracterização da formação com a qual colaboramos aspectos que precisam ser considerados, como: de que forma é organizada a disponibilidade de tempo para unir e ter este coletivo de profissionais e como é proposta a oferta de formação de modo a ser uma proposta que não sobrecarregue os participantes. A rotina de trabalho da grande maioria dos profissionais da escola exige, consideravelmente, de todos, deslocamentos e dupla jornada de trabalho, por exemplo, só para citar dois dentre outros elementos deste cenário. Ou

seja, ofertar formação continuada aos profissionais da escola pede um olhar humanizado para que a adesão seja profícua, assim como as reflexões oriundas da proposta realizada a eles.

Tratar de inclusão escolar nos pede olhar, pensar, analisar e propor o fazer sobre e para o dia a dia da escola em que atuamos. O fazer que não é de um, mas de vários e de todos. Portanto, a “formação continuada coletiva” e em serviço é uma perspectiva que nos faz vislumbrar encaminhamentos mais palpáveis e efetivos para a escola e seus profissionais, ante a escolarização de estudantes com deficiência, autismo, ou outra especificidade.

Defendemos ser formação em serviço, além de continuada coletiva, pela finalidade que contempla, profissionalmente, aqueles que atuam e devem planejar estratégias, procedimentos e saberes para a escola, a partir do coletivo de recursos humanos que a mesma dispõe. A escolarização é o tempo em que as ações deste coletivo se estabelecem e vivenciam possibilidades e contradições deste processo. Por isso, trata-se de uma formação em serviço, pois busca propiciar reflexões aos profissionais que vivenciam o processo de escolarização, considerando o local e o contexto em que atuam.

Assim, a concepção sobre a formação continuada se expande, no sentido de ganhar função social para quem ela quer impactar, para quem serve, a quem é direcionada. Não é uma mudança de concepção, necessariamente, sobre o que é a formação, mas sobretudo, é uma compreensão do como ela ganha sentido.

E, por isso, entendemos que essa se configura na escola e na realidade da escola, de forma que considere os tempos necessários para garantir aos profissionais o respeito à rotina, nem sempre favorável a eles e às possibilidades para fazerem a formação. Há, nesta experiência formativa vivida, uma provocação reflexiva sobre os tempos e lugares em que as formações continuadas ocorrem, na grande maioria. Provocação que nos revela que se mantêm urgentes proposições de formação contextualizadas à realidade profissional que precisa se dar na escola.

E, para finalizar, na certeza de que isso é só o começo de uma ampla e produtiva proposição ao campo educacional, nossa percepção é de que a

formação tem repercussões significativas quando pensa o tempo do profissional para dela participar, considera a realidade onde atua e o perfil das duas práticas na escola onde ele e os demais profissionais compartilham o fazer para os mesmos estudantes.

Por isso, tão relevante quanto o tempo e o quando é ofertada a formação, é onde esta acontece, pois vejamos: pode ser em serviço, dando tempo para o profissional usar o tempo dele para fazer uma formação na universidade. Mas a universidade pode ir até ele, o que, inclusive, é uma forma de tornar o acesso mais favorável ao profissional. Então, é somar as duas coisas: ofertar formações continuadas coletivas, em serviço, na escola e isto, aos nossos olhos, ilumina o percurso das possibilidades para pensar e termos a escola para e com todos. Especialmente, ilumina as reflexões para estruturar e propor as práticas à escolarização diante da inclusão escolar.

Referências

BRAUN, Patrícia. **Uma intervenção colaborativa sobre os processos de ensino e aprendizagem do aluno com deficiência intelectual**. 2012. 324 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj/handle/1/10337>. Acesso em: 19 jan. 2026.

BRAUN, Patrícia; MARIN, Márcia. Ensino colaborativo: uma possibilidade do Atendimento Educacional Especializado. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 193–215, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817352016193>. Acesso em: 19 jan. 2026.

BUENO, José G. S. Crianças com necessidades educacionais especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas? **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 03, n. 05, p. 07–25, set. 1999. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65381999000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso: em 19 jan. 2026.

BUSS, Joziane J. **A formação continuada coletiva nos municípios da Microrregião Central Serrana do Espírito Santo e a inclusão escolar dos estudantes com deficiência intelectual e transtorno do espectro autista**. 2024. Projeto de qualificação de tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2025.

BUSS, Joziane Jaske; MAFEZONI, Andressa Caetano. O produto educacional no mestrado profissional em educação: possibilidades de socialização do conhecimento. **Educar em Revista**, [S. l.], p. 2-17, 2025. DOI: 10.1590/1984-0411.92159. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/92159>. Acesso em: 19 jan. 2026.

DANTAS, Taisa C.; FARIAS, Adenize Q. de; BEZERRA, Andreza V. Inclusão Escolar e Formação de Professores no Estado da Paraíba: Percepções dos Egressos de uma Formação Lato Sensu em Atendimento Educacional Especializado. **Rev. bras. educ. espec.**, [S. l.], v. 30, p. 1-18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-54702024v30e0094>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/L5T8KkFNX975dyh6XhVtnWb/?lang=pt>. Acesso em: 19 jan. 2026.

DIAS, Viviane B.; SILVA, Luciene M. da. Educação inclusiva e formação de professores: o que revelam os currículos dos cursos de licenciatura? **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 43, p. 406-429, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/6822>. Acesso em: 19 jan. 2026.

GARCIA, Rosalba M. C. Política de educação especial na perspectiva inclusiva e a formação docente no Brasil. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p. 101-119, 2013. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782013000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 jan. 2026.

KASSAR, Mônica. de C. M. A formação de professores para a educação inclusiva e os possíveis impactos na escolarização de alunos com deficiências. **Cadernos CEDES**, [S. l.], v. 34, n. 93, p. 207-224, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622014000200005>. Acesso em: 19 jan. 2026.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustrações de Thais Linhares. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

MELRO, Joaquim. Educação inclusiva: a formação de professores/as em foco. **Revista Saber Incluir**, [S. l.], v. 2, n. 3, 2025. DOI: 10.24065/rsi.v2i3.2814. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistasaberincluir/article/view/2814>. Acesso em: 12 fev. 2026.

MICHELS, Maria H. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], v. 11, n. 33, p. 406-423, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000300003>. Acesso em: 19 jan. 2026.

PLETSCH, Márcia D. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. **Educar em Revista**, [S. l.], n. 33, p. 143–156, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/VNnyNh-5dLGQBRR76Hc9dHqQ/?lang=pt>. Acesso em: 19 jan. 2026.

SILVA, Fabiany de C. T. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar em Revista**, [S. l.], v. 22, n. 28, p. 201–216, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/7620>. Acesso em: 19 jan. 2026.

TAVARES, Lídia M. F. L.; SANTOS, Larissa M. M. dos.; FREITAS, Maria N. C. A Educação Inclusiva: um Estudo sobre a Formação Docente. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 527–542, out. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/NPXMqY7W5L7jRr6DwDCLZBw/?lang=pt>. Acesso em: 19 jan. 2026.

TOLEDO, Elizabeth H.; VITALIANO, Célia R. Formação de professores por meio de pesquisa colaborativa com vistas à inclusão de alunos com deficiência intelectual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 18, n. 2, 2012, p. 177–358. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000200010>. Acesso em: 19 jan. 2026.

CAPÍTULO 3

FORMAÇÃO CONTINUADA COLETIVA E INCLUSÃO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E REDES COLETIVAS DE APRENDIZAGEM TECIDAS COM SERVIDORES DA EDUCAÇÃO

Tania Mara Luiz dos Santos¹

Andressa Mafezoni Caetano²

DOI: 10.52695/978-65-5456-167-9.3

Introdução

No Brasil, a inclusão escolar é um direito assegurado aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, considerados público da Educação Especial de acordo com a

-
- 1 Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Pedagoga no município de Vitória e Serra/ES. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa, Inclusão escolar e Processos de Ensino e Aprendizagem (Gepipea/CNPq/Ufes).
 - 2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora do Centro de Educação (CE/Ufes), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGE). Coordenadora dos Projetos nos âmbitos da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) Edital nº 02/2024 - Universal Extensão, TO: 791/2024 e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) - Projeto 1132/2024 PROEXT- PG/UFES.

Política Nacional de Educação Especial de 2008. Nessa direção, destacamos a Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), garantindo direitos como o diagnóstico precoce, o atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS), a inclusão educacional e a vedação de qualquer forma de discriminação.

Reafirmando os direitos desse público, a Lei nº 13.146/2015, conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, reconheceu o autismo como deficiência para fins legais, com o objetivo de assegurar a inclusão social e a igualdade de oportunidades às pessoas com TEA. No último trimestre de 2025, foi publicado o Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025, que instituiu a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva (PNEEI). Após questionamentos da sociedade organizada, o texto foi reformulado pelo Decreto nº 12.773, de 8 de dezembro de 2025, que reforça as diretrizes da educação inclusiva no sistema público, garantindo o direito à participação, à permanência e à aprendizagem de todos os estudantes na escola comum.

O decreto vai na direção da acessibilidade, incentiva o uso de tecnologias assistivas, fortalece a articulação entre educação, saúde e assistência social e institui instrumentos pedagógicos como o Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE) e o Plano Educacional Individualizado (PEI), reafirmando a inclusão em todos os níveis e etapas de ensino.

Nesse movimento de reconhecimento de direitos e de acesso à matrícula de estudantes com deficiência nas escolas brasileiras, o trabalho educacional com estudantes com TEA na escola tem se caracterizado como um desafio para professores e demais servidores, tanto no que se refere ao trabalho de ensino e aprendizagem em sala de aula, realizado pelos professores regentes, professores de Educação Especial e professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), quanto à atuação dos demais profissionais da escola, que se constituem como uma rede de apoio fundamental ao processo de inclusão escolar.

Nesse cenário, dentro dos objetivos propostos nos projetos *A Formação Continuada Coletiva na Perspectiva da Educação Especial e Inclusiva na Microrregião Central Serrana do Espírito Santo* e *A Formação Continuada*

Coletiva na perspectiva da Educação Especial e inclusiva em municípios capixabas, coordenado pela professora Andressa Mafezoni Caetano, com o apoio da doutoranda Joziane Jaske Buss, que desenvolve sua tese no âmbito dos projetos, temos sido formadoras nos encontros, discutindo diferentes temas sobre a Educação Especial e Inclusiva com todos os servidores da educação. Nesse sentido, foram realizadas diferentes ações formativas que buscaram promover a troca de experiências entre os profissionais e fomentar a construção coletiva de saberes, contribuindo para uma educação inclusiva e de qualidade nas escolas.

Ressalto que no ano de 2025, tornei-me parte do Gepipea/CNPq/Ufes, e temos trabalhado incansavelmente para desenvolver a formação continuada que denominamos coletiva por entender que a construção do conhecimento se fortalece no diálogo, na troca de experiências e na atuação conjunta entre diferentes profissionais da escola, tendo em vista que essa Rede Coletiva de Aprendizagem (RECA), proposta na tese e no projeto de extensão, promove uma formação interprofissional, contribuindo de maneira significativa para o processo de inclusão social e escolar.

Nesse processo de reuniões, discussões, planejamentos, revisões e realização das formações, buscamos sempre desenvolver as ações de extensão baseadas na pesquisa científica, sem perder de vista a construção da Formação Continuada Coletiva a partir das solicitações e necessidades dos contextos educacionais dos servidores participantes. Dessa maneira, esse movimento fortaleceu a articulação entre teoria e prática, garantindo que as ações formativas fossem contextualizadas, significativas e comprometidas com a realidade educacional vivenciada pelos profissionais.

Nessa perspectiva acadêmico-científica-extensionista, o grupo de pesquisa sempre se atentou ao desenvolvimento dos objetivos propostos, vislumbrando uma visão global da educação e de suas interconexões. Dessa maneira, nas ações planejadas e desenvolvidas, buscamos também atender ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 – Educação de qualidade, embora também o projeto esteja alinhado transversalmente aos ODS 10 – Redução das desigualdades, ODS 16 – Paz, justiça e instituições eficazes, e ODS 17 – Parcerias e meios de implementação.

O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4), estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), tem como finalidade assegurar uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade para todas as pessoas, bem como promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, até o ano de 2030. O alcance dessa meta constitui uma responsabilidade compartilhada entre os países membros, os governos, as organizações da sociedade civil e os indivíduos.

Entendemos que promovemos a educação inclusiva, equitativa e de qualidade por meio da formação continuada de servidores da educação dos cinco municípios da Microrregião Central Serrana do Estado do Espírito Santo. As ações desenvolvidas tiveram como foco a qualificação de ações e práticas educacionais em parceria com as secretarias de Educação, gestores de Educação Especial, diretores, pedagogos e dos participantes das escolas, especialmente no atendimento a estudantes com Deficiência Intelectual e Transtorno do Espectro Autista, contribuindo para a garantia do direito à aprendizagem e para a redução das desigualdades educacionais.

O alinhamento ao ODS 4 também foi evidenciado no planejamento participativo das ações, construído em diálogo com os municípios envolvidos, bem como na adoção de uma abordagem metodológica que articula teoria, prática e reflexão coletiva. A realização de encontros formativos presenciais e não presenciais, com estratégias de acessibilidade, como a presença de intérpretes de Libras e o uso de linguagem adequada à diversidade de funções dos participantes, ampliou o acesso às oportunidades de aprendizagem ao longo da vida e fortaleceu a formação dos profissionais da educação.

Nessa perspectiva, fui convidada pelo grupo de pesquisa para realizar a formação presencial em dois momentos no ano de 2025, discutindo com os participantes dois temas: o primeiro, no mês de abril, *Autismo: como saber se é birra ou crise?*; e o segundo, realizado em novembro, *Como agir em momentos de birra, crise e agressividade: o papel de cada servidor*. Em ambos os encontros, discutimos possíveis ações e práticas pedagógicas voltadas ao atendimento de estudantes com TEA no contexto escolar, tiramos dúvidas e ressignificamos alguns mitos e preconceitos.

Sendo formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), especialista em Educação Especial, e atuando como pedagoga em duas redes municipais da Grande Vitória desde 2009, além de ser mãe de um jovem com autismo, atualmente com 18 anos e mestranda em Educação, tive a oportunidade de conduzir os diálogos de forma fundamentada, discutindo a temática e apresentando exemplos práticos sobre como proceder em diferentes situações. Foram momentos profundamente gratificantes, especialmente porque a Formação Continuada Coletiva acontece com a participação voluntária dos servidores no período noturno. Em alguns encontros, enfrentamos dias de chuva que, no interior, torna o deslocamento bastante difícil, uma vez que as formações ocorrem nos centros urbanos dos municípios, e muitos profissionais vêm de regiões mais afastadas. Ainda assim, tivemos uma participação expressiva, revelando o compromisso desses profissionais com a própria formação e o desenvolvimento do projeto de extensão pelo Gepipea.

O entusiasmo e o desejo de aprender e de trocar conhecimentos dos participantes evidenciaram a importância de a academia ultrapassar seus muros físicos, alcançando as comunidades escolares e fortalecendo o vínculo entre o saber acadêmico e a realidade escolar. Esse movimento dialoga diretamente com a concepção de práxis defendida por Paulo Freire (1996), que compreende a prática educativa como uma ação que exige reflexão crítica constante, articulando teoria e prática de forma indissociável. Dialoga ainda com as concepções de Mezirow (2013) por entendermos que a formação coletiva em serviço pode ser compreendida como um processo que ultrapassa a dimensão técnica e operacional, configurando-se como um espaço de aprendizagem transformadora. Nesse contexto, o aprendizado dos servidores sobre a inclusão escolar de estudantes com deficiência significa repensar as formas de agir no dia a dia do trabalho.

No dia a dia do trabalho, os profissionais vivem situações difíceis que os fazem questionar o que sempre fizeram e acreditaram. Quando essas experiências são conversadas e trabalhadas juntas em momentos de formação, elas se tornam oportunidades para pensar sobre as próprias atitudes e a forma como a instituição atua. Nesse processo, a conversa entre os colegas tem um papel muito importante, pois ajuda a questionar ideias já formadas,

a enxergar novas possibilidades e a construir entendimentos em conjunto. Assim, a aprendizagem acontece quando as pessoas escutam umas às outras, trocam ideias e refletem sobre suas experiências, fortalecendo sua forma de atuar como profissionais, sendo os encontros formativos espaços férteis para discutir, analisar, ressignificar e aprimorar ações e práticas à luz de uma perspectiva de transformação social por meio da extensão.

Dessa maneira, o objetivo deste texto é apresentar e refletir sobre alguns momentos vivenciados nos meses de abril e novembro de 2025, ao longo da Formação Continuada Coletiva realizada nos cinco municípios da região central serrana, distribuída em dez dias distintos. Buscamos evidenciar as contribuições dessa experiência para a formação de recursos humanos no interior do estado, bem como os ganhos decorrentes do processo formativo para os processos de inclusão escolar. Espera-se, ainda, que os participantes da formação e os leitores se sintam contemplados ao longo da leitura deste texto.

As experiências vividas e as Redes Coletivas de Aprendizagem tecidas

Inicialmente, para compreendermos as experiências vividas e o movimento tecido por meio das RECA, é importante colocarmos em suspensão a nossa concepção de formação continuada quando falamos em inclusão escolar. Sabemos que, a partir da legislação educacional e das políticas públicas que vêm sendo implementadas desde a década de 1990, os sistemas de ensino e, conseqüentemente, as escolas tiveram que realizar modificações em relação à formação de professores, à organização pedagógica, à gestão escolar e à estrutura física e administrativa. A proposta de uma Formação Continuada Coletiva pretende oferecer uma formação para todos os servidores da educação sobre a inclusão escolar, sem, no entanto, desqualificar a importante função do professor e o processo de ensino e aprendizagem.

Nos encontros, formativos, dialogamos com um público diverso, composto por todos os profissionais da escola e não apenas professores. Em determinados momentos, enquanto formadores, quando falamos em

inclusão de estudantes com deficiência, percebemos que tendemos a direcionar a fala ao corpo docente, o que é reflexo natural, quando pensamos na forma como a Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva foi se constituindo. Entretanto, a experiência vivenciada corrobora o que apontam Buss (2021) e Buss e Mafezoni (2025): a formação continuada coletiva, estruturada de forma dialógica, precisa reconhecer a escola como um espaço plural no qual cada profissional atua como parte constitutiva do processo educacional.

No mês de abril, durante o primeiro encontro formativo, iniciamos o diálogo com os servidores, destacando a importância de diferenciar birra e crise no atendimento a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que cada situação demanda intervenções distintas. Compreender essa diferença mostrou-se fundamental para a condução adequada das situações vivenciadas no cotidiano escolar.

Em casos de birra, é importante conversar com a criança de forma clara, direta e respeitosa, sem mandar ou tentar manipular. Ouvir a criança e explicar, aos poucos, o que precisa ser feito ajuda ela a entender e seguir as orientações. É importante lembrar que a criança tem direitos e pode fazer escolhas, mesmo que precise de mais tempo para compreender as regras e limites. Durante o diálogo, enfatizamos que a postura do adulto é determinante nesse processo. Situações de estresse, pressa ou impaciência podem funcionar como gatilhos, fazendo com que uma birra evolua para uma crise. Assim, a condução consciente, empática e sensível às especificidades da criança com TEA é indispensável.

Esclarecemos que as birras, no contexto do TEA, costumam estar relacionadas a três motivações principais: o desejo de obter algo, a recusa em realizar determinada atividade ou a busca por atenção. Em todas essas situações, orientamos que o adulto mantenha a calma e explique, de forma objetiva, os motivos pelos quais um pedido não pode ser atendido naquele momento ou por que determinada ação é necessária, evitando negativas bruscas.

No ambiente escolar, especialmente em sala de aula, discutimos a importância de analisar se as atividades propostas estão adequadas ao

nível de aprendizagem da criança. Atividades muito simples podem gerar desinteresse, enquanto propostas excessivamente complexas podem provocar frustração, resultando em birras. Nesse sentido, destacamos a relevância de conhecer o processo de aprendizagem da criança e de dispor de atividades mais visuais ou relacionadas aos seus interesses específicos, como estratégia preventiva.

Argumentamos com os servidores que, para a realização do trabalho pedagógico com estudantes com TEA, a utilização de temas, objetos ou atividades vinculadas aos seus interesses específicos — ou seja, muitas vezes o que chamamos de hiperfocos — pode favorecer de maneira significativa o engajamento, a participação e o desenvolvimento do interesse tanto pela aprendizagem em sala de aula quanto para as interações sociais. Considerando que muitos estudantes com TEA podem vivenciar sobrecarga sensorial ou dificuldades associadas à autorregulação, torna-se essencial que o planejamento pedagógico e institucional respeite esses momentos, oferecendo atividades mais interativas, lúdicas e flexíveis, assim como um ambiente acolhedor no qual os servidores podem contribuir quando compreendem o modo de ação desses estudantes.

Oferecer oportunidades para que o estudante expresse o que deseja aprender, como aprende melhor e quais recursos necessita ampliar sua autonomia favorece sua participação ativa no percurso educativo. Mesmo que sua comunicação ocorra por meios não convencionais, cabe à escola garantir condições para que esse diálogo aconteça, reconhecendo que toda forma de expressão verbal, gestual, visual ou comportamental é um caminho legítimo de comunicação.

Abordamos também situações do dia a dia escolar que envolvem outros profissionais, como merendeiras, motoristas de transporte escolar e servidores da portaria. A partir de relatos do grupo, refletimos sobre como esses profissionais exercem papel fundamental no processo de inclusão, uma vez que estabelecem vínculos importantes com as crianças. Saber conduzir situações como seletividade alimentar, preferências por lugares específicos no transporte ou acolhimento na chegada à escola contribui para a prevenção de birras e para a construção de um ambiente mais seguro.

Na sequência, passamos a discutir as crises, destacando que, diferentemente das birras, elas não envolvem intencionalidade. As crises podem ser desencadeadas por sobrecarga sensorial ou emocional e manifestam-se por meio de choro intenso, gritos e movimentos repetitivos. Nessas situações, a prioridade deve ser garantir a segurança da criança e das demais pessoas, organizando o ambiente, reduzindo estímulos e, quando necessário, realizando contenções físicas apenas para evitar riscos, sempre de forma respeitosa.

Após a crise, enfatizamos a necessidade de respeitar o tempo de recuperação da criança, evitando exigências imediatas. Também discutimos estratégias preventivas, como a antecipação de mudanças na rotina por meio de diálogo e recursos visuais, especialmente em situações como saídas pedagógicas e eventos escolares. Destacamos ainda a importância de espaços de autorregulação em momentos de festas nos quais o excesso de estímulos pode gerar desconforto.

Ao longo do encontro, reforçamos que o objetivo de todos no ambiente escolar deve ser evitar gatilhos que possam desencadear crises, o que exige conhecimento sobre cada criança e diálogo coletivo entre os profissionais. Destacamos que a aprendizagem não se restringe aos conteúdos curriculares, mas inclui o convívio social, a autorregulação emocional e a participação nas rotinas escolares. Encerramos o encontro com a exibição de vídeos ilustrativos sobre birras e crises no autismo, incluindo o depoimento de dois estudantes com TEA que relataram como o excesso de barulho impacta seu bem-estar. Esse momento reforçou a importância de possibilitar que as crianças se expressem e sejam ouvidas.

Por fim, compartilhamos a experiência de uma das autoras, como mãe atípica, mostrando um vídeo de seu filho tocando piano e violino. No começo, ele tinha crises intensas e comportamentos agressivos, precisando de mais apoio. Com a mediação adequada da família, da escola e dos terapeutas, ele apresentou grandes avanços. A partir dessa vivência, percebemos que o autismo não justifica privilégios, mas exige atenção às necessidades de cada criança, garantindo, de forma respeitosa, o direito à igualdade de oportunidades.

No segundo encontro, realizado no mês de novembro, abordamos o tema *Como agir em momentos de birra, crise e agressividade: o papel de cada servidor*, a partir do qual refletimos sobre a centralidade da interação no processo de aprendizagem, destacando que todos os profissionais da escola são corresponsáveis pela formação dos estudantes. Na sequência, apresentamos vídeos com pessoas com diferentes deficiências, propondo situações hipotéticas e orientações práticas para o cotidiano escolar. Diferentemente do primeiro encontro, ampliamos o debate para além do Transtorno do Espectro Autista (TEA), contemplando as deficiências de forma geral.

Iniciamos pela deficiência física, exemplificada por crianças com dificuldades de locomoção, destacando a importância de respeitar o tempo ampliado necessário para a realização de determinadas tarefas e ressaltando que inclusão não significa privar a criança de vivenciar experiências comuns, como permanecer na fila da merenda, mas garantir que ela participe dessas situações com o suporte adequado.

Posteriormente, abordamos o Transtorno Opositor Desafiador (TOD), enfatizando a necessidade de rever a forma de comunicação com essas crianças. Ressaltamos que o uso frequente de comandos negativos e imperativos tende a dificultar a interação, sendo mais eficaz convidá-las à ação, explicando o sentido e a importância das atividades propostas. Reforçamos, mais uma vez, a importância de reconhecer a criança como sujeito de direitos, capaz de compreender, escolher e participar ativamente do processo educativo.

Dando continuidade, apresentamos o depoimento de um professor com surdez que atua na rede pública na Grande Vitória/ES. Ele relatou que, durante sua vida escolar, foi obrigado a aprender a falar, sem acesso à Língua Brasileira de Sinais (Libras), o que lhe trouxe inúmeras dificuldades. Apenas aos 40 anos, já cursando a faculdade de Matemática, compreendeu que dependia da leitura labial associada ao uso de aparelho auditivo, conseguindo identificar sons apenas quando está de frente para quem fala. Apesar de levar oito anos para concluir a graduação, destacou-se como um profissional de excelência.

O relato suscitou diversos questionamentos, entre eles a insegurança de profissionais que não dominam a Libras. Esclarecemos que há respaldo legal para o atendimento desses estudantes e que os recursos tecnológicos e visuais atualmente disponíveis ampliam significativamente as possibilidades de comunicação e aprendizagem.

Também abordamos a deficiência visual, a deficiência intelectual, a Síndrome de Down e o Transtorno do Déficit de Atenção (TDA/TDAH), destacando, especialmente, a dispersão e a dificuldade de foco presentes nesses quadros. Ressaltamos que esses estudantes, muitas vezes subestimados, necessitam de mais estímulo e acompanhamento individualizado. No caso do TDAH, problematizamos a exigência excessiva de imobilidade, enfatizando que o movimento faz parte do processo de autorregulação e que modelos pedagógicos rígidos tendem a limitar as aprendizagens.

Apresentamos ainda o depoimento de uma pessoa com autismo, que enfatizou a importância de ser ouvida e respeitada. O relato destacou a experiência com um professor que mantinha altas expectativas para toda a turma, sem distinções, afirmando acreditar na capacidade de cada estudante. Segundo o depoente, essa postura foi determinante para seu desenvolvimento, reforçando que o respeito e a confiança são essenciais para o processo educativo.

Nesse sentido, reforçamos que a escola contemporânea demanda práticas que valorizem a participação, a interação e a expressão, compreendendo que aprender vai além da execução de atividades curriculares e envolve também o desenvolvimento social e emocional.

Foi discutida também a necessidade de acolhimento e orientação às famílias, que, muitas vezes, sentem-se sozinhas e confusas diante das demandas de cuidado. O estabelecimento de uma relação de confiança e afinidade é fundamental para fortalecer o diálogo e construir uma ação conjunta entre escola e família. O momento foi finalizado com a apresentação do clipe da música *Gente*, de Caetano Veloso, que reforça a ideia de que, independentemente das diferenças, todos somos pessoas e, por isso, merecemos respeito e dignidade. Durante os encontros, ficou claro o desejo enorme de aprender mais.

Algumas considerações

As Redes Coletivas de Aprendizagem tecidas no texto evidenciam que a Formação Continuada Coletiva constitui uma ação fundamental para o fortalecimento da educação inclusiva, especialmente no que se refere ao atendimento de estudantes com TEA. Ao reunir todos os profissionais da escola em processos reflexivos, colaborativos e dialógicos, foram construídas possibilidades de realização da inclusão escolar de forma responsiva e conectada às necessidades reais das escolas e dos estudantes. Além disso, as interações estabelecidas durante os encontros, por meio das falas, exemplos e narrativas dos próprios servidores, proporcionaram-nos a possibilidade de aprender com suas experiências concretas, enriquecendo ainda mais o processo formativo.

A articulação entre a legislação vigente, os conhecimentos produzidos pela pesquisa acadêmica e as experiências compartilhadas nos encontros formativos reforça que a inclusão não se sustenta apenas em normativas, mas se concretiza no cotidiano escolar por meio de práticas sensíveis, qualificadas e coletivamente construídas. Nesse sentido, reafirma-se a importância de políticas públicas permanentes e da formação continuada, garantindo não apenas o acesso, mas também a participação, a aprendizagem e o desenvolvimento de todos os estudantes. Trata-se, portanto, de assegurar o direito constitucional à educação inclusiva e de qualidade, reconhecendo a diversidade humana como princípio orientador das ações educativas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducapespecial.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2026.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 26 jan. 2026.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 26 jan. 2026.

BRASIL. **Manual de atuação do Ministério Público em defesa da educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** 1. ed. Brasília, DF: CNMP, 2024.

BRASIL. **Lei nº 15.256, de 8 de novembro de 2025.** Altera a Lei nº 12.764/2012 para incluir diretrizes sobre diagnóstico de TEA em adultos e idosos. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2025.

BRASIL. **Decreto n. 12.686, de 20 de outubro de 2025.** Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 21 out. 2025. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2025/decreto-12686-20-outubro-2025-798166-publicacaooriginal-176779-pe.html>. Acesso em: 12 jan. 2026

BRASIL. **Decreto n. 12.773, de 8 de dezembro de 2025.** Altera o Decreto n. 12.686/2025. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 9 dez. 2025. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2025/decreto-12773-8-dezembro-2025-798454-publicacaooriginal-177304-pe.html>. Acesso em: 12 jan. 2026

BUSS, Joziane Jaske. **A formação continuada de professores, profissionais da educação e colaboradores na perspectiva da inclusão escolar.** 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

BUSS, Joziane Jaske; CAETANO, Andressa Mafezoni. **Formação continuada em foco:** a inclusão escolar e a construção de conhecimentos coletivos. São Carlos: Pedro & João, 2021.

BUSS, Joziane Jaske; MAFEZONI, Andressa Caetano. O produto educacional no mestrado profissional em educação: possibilidades de socialização do conhecimento. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 41, p. 1-17, 2025. DOI: 10.1590/1984-0411.92159. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/92159>. Acesso em: 21 jan. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MEZIROW, Jack. Aprendizagem transformadora: teoria e prática. *In*: ILLERIS, Knud (org.). **Teorias contemporâneas da aprendizagem.** Porto Alegre: Penso, 2013.

CAPÍTULO 4

SEMINÁRIO INTERMUNICIPAL E AS REDES COLETIVAS DE APRENDIZAGEM: TECENDO SENTIDOS PARA UMA ESCOLA DE TODOS

Vilmara Mendes Gonring¹

Guida Mesquita²

Andressa Mafezoni Caetano³

DOI: 10.52695/978-65-5456-167-9.4

-
- 1 Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa, Inclusão escolar e Processos de Ensino e Aprendizagem (Gepipea/CNPq/Ufes). Pedagoga do Ensino Médio na Rede Estadual de Ensino.
 - 2 Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa, Inclusão escolar e Processos de Ensino e Aprendizagem (Gepipea/CNPq/Ufes). Pedagoga da Educação Infantil na Prefeitura de Vitória.
 - 3 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora do Centro de Educação (CE/Ufes), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGE). Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa, Inclusão escolar e Processos de Ensino e Aprendizagem (Gepipea/CNPq/Ufes). Coordenadora dos Projetos nos âmbitos da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) Edital nº 02/2024 – Universal Extensão, TO: 791/2024 e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – Projeto 1132/2024 PROEXT- PG/UFES.

Introdução

No contexto das atividades da Formação Continuada Coletiva, realizada na Microrregião Central Serrana do Espírito Santo, o Seminário Intermunicipal representou um momento de integração e síntese das ações desenvolvidas, com o tema *Redes Coletivas de Aprendizagem: Tecendo Sentidos para uma Escola de Todos*. O seminário foi planejado considerando a parceria entre o Gepipea, as Secretarias de Educação dos municípios envolvidos: Itaguaçu, Itarana, Santa Teresa, Santa Leopoldina e Santa Maria de Jetibá, que sediou o evento, a Fapes, o Proext-PG/CAPES/Ufes e empresas locais.

O seminário reuniu cerca de quatrocentos e cinquenta profissionais da educação que integraram o processo formativo, criando um espaço para o compartilhamento de experiências e reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas. O encontro teve como foco fortalecer o compromisso coletivo com a inclusão escolar dos estudantes com deficiência, tendo em vista a construção de uma cultura inclusiva nas escolas dos municípios participantes.

Para colocar em prática os conhecimentos construídos até o momento do seminário, o Gepipea, organizador do evento, juntamente com as Secretarias de Educação e as escolas dos municípios, mobilizou os servidores participantes nos três meses anteriores. Por meio de reuniões, discussões, contatos e outras ações, a preparação do seminário contou com muito diálogo e organização.

Entre as atividades planejadas coletivamente para socializar esses “saberes e fazeres”, o Gepipea solicitou que cada município selecionasse uma escola e seus servidores para apresentar um relato de experiência durante o seminário. Na programação, esse momento foi intitulado *Práticas Inclusivas em Movimento*, permitindo que diferentes profissionais compartilhassem seus movimentos nas escolas acerca da inclusão escolar. As demais equipes escolares tiveram a oportunidade de expor seus trabalhos e resultados por meio de *banners*, demonstrando as ações e práticas coletivas realizadas nas escolas, o que evidenciou a importância de uma formação dialogada e assumida por aqueles servidores, transformando as escolas em um local mais acolhedor, emancipatório e inclusivo.

Reconhecendo que uma escola inclusiva vai além de adequações físicas ou curriculares e solicita ações e práticas pedagógicas intencionais, colaborativas e culturalmente significativas, apresentamos, aqui, três experiências desenvolvidas pelas escolas municipais participantes do projeto de extensão. Apresentaremos as iniciativas e ações das Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEIF) Professor Josué Baldotto e Fazenda Camilo Bridi, localizadas em Itarana; do CEMEI São Francisco de Assis, em Santa Leopoldina; e do CEI “Maria Galazzi Covre”, em Itaguaçu. As experiências com os municípios de Santa Maria de Jetibá e Santa Teresa serão publicados em um capítulo em outro livro.

As ações construídas pelas escolas ilustram, de forma inspiradora, como a articulação entre formação continuada, participação ativa da comunidade e valorização da diversidade pode construir uma cultura inclusiva na escola.

A construção de uma cultura inclusiva nas escolas: práticas pedagógicas como fundamento da educação para todos

As experiências a seguir evidenciam como a Formação Continuada Coletiva e o Seminário Intermunicipal serviram como espaço de aprendizagem, reflexão e troca entre os servidores da educação. Por meio da articulação entre os servidores, cada escola desenvolveu ações concretas voltadas à inclusão escolar, promovendo ações e práticas intencionais, colaborativas e com significado para cada contexto. As narrativas apresentadas evidenciam o potencial existente nos contextos, mostrando como iniciativas locais podem fortalecer uma cultura escolar mais acolhedora, inclusiva e participativa.

A experiência *Escola para Todos: construindo juntos a inclusão*, apresentada pelo município de Itarana, evidenciou uma perspectiva inclusiva ao destacar práticas pedagógicas que tecem, no dia a dia, os alicerces de uma comunidade educativa e educadora. Dessa maneira, utilizou a literatura infantil como ferramenta de sensibilização e diálogo sobre a diversidade. Foram trabalhadas obras como *Uma amiga diferente*, de Márcia Honora; *Liz e seus amigos*, de Daniel Brandão e Thiago Krening; e *Vivi, a*

gaivota que não podia ver, do livro *Histórias da Vovó*. Essas narrativas funcionam como espelho e janela para as crianças: servem de espelho ao validar suas próprias experiências, permitindo que se identifiquem, e de janela ao abrir espaço para a compreensão e o respeito pelas vivências dos outros. Essa mediação literária, ao abordar temas como deficiência visual, autismo e diferenças físicas de forma lúdica e afetiva, desconstrói preconceitos e naturaliza a diversidade como parte constituinte da sociedade. Paralelamente, a apresentação enfatizou a importância da criação e flexibilização de materiais pedagógicos concretos e acessíveis.

A confecção de recursos como ampliações em alto relevo, no âmbito de projetos como o *Agrinho*, representa um compromisso com a equiparação de oportunidades de aprendizagem. Essa prática reconhece que a informação deve ser ofertada em múltiplos formatos, como tátil, visual e auditivo, para que todos os alunos, independentemente de suas especificidades sensoriais ou cognitivas, possam acessar o conhecimento. A materialidade do ensino, portanto, deixa de ser um detalhe técnico e passa a ser entendida como uma condição fundamental para a participação efetiva.

Contudo, nenhuma prática pedagógica inovadora se sustenta sem a formação continuada e o engajamento de toda a comunidade escolar. O seminário mostrou que para pensar o processo de inclusão escolar, há a necessidade de envolver não apenas professores, mas também os servidores participantes do projeto, assim como outros atores sociais, como as famílias, nutricionista, entre outros, na construção da cultura inclusiva na escola.

Esse enfoque ampliado revela uma compreensão holística da educação: a inclusão escolar também pode acontecer a partir do transporte escolar, no refeitório, no pátio etc. Na apresentação, o grupo de servidores utilizou a argumentação de que a escola deve ser um espaço em que as crianças possam ser autênticas, valorizando suas diferenças em vez de ocultá-las. Assim foi discutido que, quando todos os adultos do ambiente educacional compreendem seu papel e recebem formação pertinente, criam-se redes coletivas de apoio consistentes que visam garantir ao estudante com deficiência um ambiente seguro em sua rotina.

Em síntese, a apresentação delineou uma proposta de ação pedagógica inclusiva que é, simultaneamente, afetiva (pelas histórias), concreta (pelos materiais adaptados), coletiva (pelo envolvimento comunitário) e ética (pela defesa do direito de ser quem se é). Por meio dessa rede de práticas intencionais, a escola se reconstrói com a possibilidade de ser um espaço democrático onde a aprendizagem se constitui como um direito garantido a todos, materializando os princípios da Educação Inclusiva.

A festa junina e as práticas inclusivas: a construção de uma comunidade educativa e educadora

A inclusão escolar de estudantes com deficiência, para além de normativas, se materializa nas práticas cotidianas que tecem o dia a dia da instituição. O projeto *Vivência da Festa Junina na Educação Infantil*, pensado e realizado pelo Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) São Francisco de Assis, localizado no município de Santa Leopoldina, transcende a ideia de uma comemoração sazonal, configurando-se como uma proposta para pensar a inclusão escolar por meio da cultura popular. Por meio da apropriação pedagógica de uma tradição cultural, o projeto demonstra como práticas aparentemente simples podem operar como bons mecanismos de interação social entre todos.

A Festa Junina não foi um pano de fundo decorativo, mas um eixo que estruturou e organizou um mês de atividades interdisciplinares na perspectiva da inclusão escolar. Essa escolha permitiu que o aprendizado surgisse de um contexto significativo e afetivo para as crianças, valorizando a cultura popular brasileira como elemento constitutivo de identidade e pertencimento coletivo. Ao aprender sobre bandeirinhas, músicas, danças e comidas típicas, as crianças não apenas assimilam informações, mas se reconhecem como parte de uma tradição compartilhada, um sentimento fundamental para a construção de qualquer comunidade inclusiva.

Talvez a dimensão mais impactante do projeto tenha sido o envolvimento de toda a comunidade escolar como estratégia pedagógica. A inclusão deixa de ser uma responsabilidade exclusiva do professor e passa a ser uma corresponsabilidade partilhada. Ao enviar bandeirinhas para

serem decoradas em família, a escola dissolve as barreiras entre o espaço doméstico e o escolar, convocando os familiares a serem corresponsáveis do ambiente de aprendizagem.

Da mesma forma, o envolvimento ativo de merendeiras, auxiliares e demais funcionários na ornamentação e organização demonstra uma ação coletiva. Quando a merendeira cozinha o milho que as crianças descascaram, ou quando todos colaboram para pendurar as bandeirinhas, consolida-se a ideia de que a escola é viva, e cada um, independentemente de sua função, é um agente educativo essencial para criar um ambiente seguro, previsível e acolhedor para todas as crianças, especialmente para aquelas que necessitam de maior suporte. É o ponto em que o aprendizado se transforma em expressão, a colaboração, em alegria compartilhada, e a inclusão deixa de ser um conceito para se tornar uma experiência vivida e sentida por todos.

Portanto, por meio da ação, esse projeto se concentra sobre os pilares de uma Educação Inclusiva, mostrando que a inclusão se edifica na criação de ambientes relacionais nos quais a cultura é vivenciada, o aprendizado é experiencial e a comunidade é convocada a participar.

A corresponsabilidade como fundamento: a inclusão escolar na prática de todos os servidores

Quando falamos em inclusão escolar, de modo geral, constatamos que o discurso sobre a Educação Inclusiva frequentemente se concentra no professor regente, no currículo acessível, nos professores de Educação Especial e em outros recursos especializados, como se a inclusão escolar, para que se materialize, fosse um fenômeno circunscrito à sala de aula. É importante ressaltar que os professores têm um papel essencial no processo de escolarização de estudantes com deficiência, mas que também podemos ampliar nosso olhar para uma inclusão em que todos contribuam para a efetivação da aprendizagem em sala de aula.

Dessa maneira, a apresentação Centro de Educação Infantil (CEI) “Maria Galazzi Cobre” de Itaguaçu compartilhou uma ação transformadora: a escola inclusiva é uma construção coletiva, sustentada pela ação pedagógica

intencional de cada um de seus servidores. Esse modelo desloca o eixo da inclusão de uma responsabilidade pontual para uma corresponsabilidade coletiva, na qual a prática pedagógica deixa de ser um atributo exclusivo do professor para se tornar parte de toda a interação que ocorre no espaço escolar. A inclusão, assim, revela-se como uma cultura organizacional que redefine o papel de cada servidor.

O primeiro pilar dessa cultura é entender a escola como um espaço em que todos ensinam e aprendem. As funções como as de merendeira, auxiliar de serviços gerais, motorista e secretário escolar podem ser vistas como apoio logístico, distantes do processo educacional. Na proposta apresentada, a merendeira, ao respeitar as seletividades alimentares de estudantes com essa especificidade, geralmente aqueles com TEA e, ao oferecer apoio durante as refeições, lança mão de ações de aceitação e cuidado.

O auxiliar de serviços gerais, ao manter os espaços organizados e previsíveis, contribui para a criação de um ambiente seguro, condição para a aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e deficiência intelectual, por exemplo. O motorista, ao transformar o transporte em um prolongamento do ambiente escolar seguro, garante que a inclusão não tenha fronteiras físicas. Nesse ambiente, cada função é ressignificada e sustenta a estrutura que facilita a inclusão escolar emocional e física sobre a qual o ensino formal se ergue.

O segundo pilar reside na organização de práticas pedagógicas acessíveis a todos, com foco na clareza e na comunicação. A atenção às rotinas bem-organizadas, ao uso de uma linguagem clara e simples e aos apoios visuais não é responsabilidade apenas do professor. Trata-se de uma orientação comum, que deve ser conhecida e praticada por todos na escola, desde a equipe gestora aos funcionários da cozinha. Essa forma de agir não é burocrática, mas ajuda no cuidado e na aprendizagem. Para a criança que precisa de mais organização, saber a sequência das atividades na sala, o cardápio do almoço e a ordem de entrada no ônibus traz segurança, reduz a ansiedade e facilita a aprendizagem. Assim, a boa comunicação passa a ser um elemento comum da escola, garantindo que a criança seja compreendida e se sinta acolhida em todos os momentos e por todos os adultos com quem convive.

Para que essa proposta funcione, são necessárias uma liderança inclusiva e uma gestão feita em parceria. O papel do diretor e dos pedagogos vai além das tarefas administrativas e de supervisão, pois eles passam a organizar e articular o trabalho de todos. Cabe a eles promoverem a formação continuada para toda a escola, preparando não apenas os professores, mas todos os servidores para compreender o TEA e aplicar estratégias de apoio. Também é responsabilidade da gestão incentivar o trabalho em equipe, de forma integrada, em que a secretaria organiza os documentos, a merendeira compartilha observações sobre a alimentação e o auxiliar de Educação Especial atua como ligação entre esses diferentes saberes. A organização das informações e a boa comunicação com as famílias completam esse processo, tornando a escola um espaço unido, atento e preparado para responder às necessidades das crianças.

Em conclusão, a apresentação defende que a inclusão escolar bem-sucedida é menos sobre recursos materiais extraordinários e mais sobre a transformação da consciência e da prática de cada servidor que compõe a comunidade escolar. A prática pedagógica inclusiva, portanto, é redefinida. Ela é o acolhimento no olhar do motorista, a paciência no gesto da merendeira, a organização meticulosa da secretária e a liderança sensível da direção. É na tessitura desses micropapéis, desenvolvidos com consciência de seu impacto educativo, que se constrói uma escola para todos.

Palavras finais

O Seminário Intermunicipal, realizado em agosto de 2025, no município de Santa Maria de Jetibá, anfitrião do evento, consolidou-se como um importante momento de síntese do projeto, reunindo cerca de quatrocentos e cinquenta participantes, entre secretários e subsecretários de educação, gestores de Educação Especial, servidores da educação, pesquisadores, colaboradores e integrantes da comunidade escolar. O evento evidenciou o princípio da interdisciplinaridade e da interprofissionalidade ao promover a participação de servidores com diferentes funções na discussão sobre a Educação Especial e Inclusiva, reafirmando o papel da extensão universitária na construção de processos formativos voltados para a transformação social

Além disso, o Seminário Intermunicipal evidenciou que a inclusão escolar é um processo coletivo, intencional e contínuo. As experiências compartilhadas durante o evento demonstram que uma escola para todos se constrói no cotidiano, por meio de ações pedagógicas planejadas, da participação ativa de toda a comunidade escolar e da corresponsabilidade de cada servidor, do diretor ao auxiliar de serviços gerais.

Essa construção coletiva se sustenta na criação de uma cultura inclusiva em que todos reconhecem seu papel educativo e assumem práticas de cuidado, respeito e acolhimento às diferenças. A inclusão, nesse sentido, deixa de ser responsabilidade de alguns e passa a ser compromisso compartilhado, presente nas rotinas, nas interações e nas ações cotidianas da escola.

O seminário também reafirmou a relevância da extensão universitária como espaço de diálogo entre saberes acadêmicos e saberes produzidos nas escolas, fortalecendo processos formativos que valorizam as realidades locais e impulsionam transformações pedagógicas e institucionais. Essa articulação promove a construção de práticas inclusivas socialmente comprometidas, sustentadas pelo trabalho colaborativo, pela escuta ativa e pela reflexão crítica.

Por fim, as ações desenvolvidas e socializadas reforçam que a inclusão escolar não depende apenas de recursos materiais, mas também da transformação da consciência e da prática de cada membro da comunidade escolar.

A escola inclusiva é construída pela liderança sensível, pela atenção à comunicação, pelo cuidado com a rotina, pela participação das famílias e pelo compromisso ético de todos. É nesse conjunto de ações e atitudes, conscientes de seu impacto educativo, que se consolida uma escola educativa e educadora, na busca da garantia a todos os estudantes o direito de aprender, participar e serem reconhecidos em sua singularidade.

PARTE 2

NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA COLETIVA E A INCLUSÃO ESCOLAR

NARRATIVAS DE QUEM ABRE CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

“A experiência do município com a Formação Continuada Coletiva em Educação Especial e Inclusiva reafirma a importância do trabalho coletivo e interinstitucional”

A experiência do município no desenvolvimento da Formação Continuada Coletiva na área da Educação Especial e Inclusiva, em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e com o Grupo de Estudo e Pesquisa, Inclusão Escolas e Processos de Ensino e Aprendizagem (Gepipea), tem representado um avanço na consolidação de práticas educacionais inclusivas e comprometidas com a garantia do direito à educação para todos os estudantes. Essa parceria tem fortalecido o diálogo entre a gestão municipal, os profissionais da educação e a universidade, promovendo uma formação contextualizada e alinhada às necessidades reais da rede de ensino.

Os encontros para estudo e reflexão sobre a inclusão de estudantes com deficiência favoreceram diálogos que ampliaram os espaços de escuta, troca e colaboração entre os profissionais da educação. Esse movimento tem contribuído para o fortalecimento dos vínculos profissionais, o estímulo à reflexão coletiva e à construção de maior segurança nas práticas inclusivas desenvolvidas no cotidiano escolar.

Compreende-se, nesse contexto, que a inclusão não se limita ao espaço da sala de aula, mas se efetiva em toda a escola nos diferentes ambientes e nas múltiplas interações estabelecidas ao longo do dia a dia na escola. Assim, todos os profissionais que compõem a instituição de ensino assumem papel relevante nesse processo, incluindo agentes de limpeza, motoristas, seguranças, merendeiras, secretários, professores regentes e especialistas, supervisores escolares, diretores, coordenadores, auxiliares de educação especial, e demais servidores. A atuação consciente e articulada desses profissionais contribui para a construção de um ambiente escolar acolhedor, seguro e comprometido com a inclusão escolar desses estudantes.

Dessa forma, a Formação Continuada Coletiva fortalece a compreensão de que a Educação Especial e a inclusão escolar é uma responsabilidade compartilhada, que exige o engajamento de toda a comunidade escolar, promovendo práticas mais humanas, sensíveis e alinhadas aos princípios da educação inclusiva.

Assim, a experiência do município com a Formação Continuada Coletiva em Educação Especial e Inclusiva reafirma a importância do trabalho coletivo e interinstitucional. A iniciativa tem contribuído para o desenvolvimento profissional dos servidores, para a qualificação do atendimento aos estudantes com deficiência e para o fortalecimento de políticas educacionais inclusivas, reafirmando o compromisso do município com uma educação pública de qualidade, equitativa e socialmente referenciada.

Marcileide Stuhr

Secretária Municipal de Santa Maria de Jetibá-ES

“Esse movimento fortaleceu a autonomia da rede municipal e reafirmou a importância de uma formação contextualizada, que considere as especificidades culturais, sociais e educacionais.”

Enquanto Gestão Municipal de Educação de Santa Maria de Jetibá/ES, participar do desenvolvimento da Formação Continuada Coletiva na Perspectiva da Educação Especial e Inclusiva, em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), tem representado uma experiência significativa, marcada por aprendizagens, reflexões profundas e movimentos construídos coletivamente ao longo dos últimos dois anos. Desde o início, a proposta formativa apresentou-se como um espaço de diálogo e escuta, no qual diferentes sujeitos da rede – gestores, pedagogos, professores e demais servidores – puderam refletir sobre suas práticas, concepções e desafios cotidianos da educação pública municipal.

A parceria com a Ufes foi fundamental para garantir densidade teórica, rigor metodológico e, sobretudo, uma aproximação respeitosa com a realidade local, valorizando os saberes já construídos em nosso município. A Formação Continuada Coletiva possibilitou à gestão repensar processos, rever encaminhamentos e fortalecer o entendimento de que a formação não se limita à transmissão de conteúdos, mas se constrói no encontro, na problematização da prática e na articulação entre teoria e realidade.

Ao longo dos encontros, foi possível perceber o envolvimento crescente dos participantes, bem como a ampliação das reflexões sobre políticas públicas, organização do trabalho pedagógico, inclusão, diversidade e o compromisso social da escola. Destaca-se que um dos aspectos mais relevantes desse processo foi a construção coletiva do conhecimento entre as redes municipais de ensino da Microrregião Central Serrana. A formação não ocorreu de forma verticalizada, mas por meio de trocas constantes, nas quais as experiências dos municípios dialogam com os aportes acadêmicos trazidos pelo Gepipea/Ufes.

Esse movimento fortaleceu a autonomia da rede municipal e reafirmou a importância de uma formação contextualizada que considere as especificidades culturais, sociais e educacionais. Para a gestão municipal, esse processo formativo também representou um espaço de autoavaliação e fortalecimento institucional. Foi possível identificar avanços, reconhecer desafios e

reafirmar o compromisso com uma educação pública de qualidade, equitativa e democrática. A formação contribuiu para alinhar concepções, fortalecer vínculos entre os diferentes setores da Secretaria Municipal de Educação e promover uma atuação mais integrada junto às unidades escolares.

Ao longo desses meses, foram construídos movimentos que ultrapassam o tempo da formação em si. As reflexões provocadas continuam reverberando nas escolas, nos planejamentos, nas ações pedagógicas e nas decisões da gestão. Esse processo formativo deixa marcas importantes na rede não apenas pelo conteúdo discutido, mas pelo modo como foi conduzido: com respeito, escuta, compromisso e corresponsabilidade. Assim, registrar essa experiência é também reconhecer sua relevância histórica para o município.

A Formação Continuada Coletiva na Perspectiva da Educação Especial e Inclusiva, desenvolvida em parceria com a Ufes, reafirma a importância da colaboração entre a universidade e as redes municipais de ensino, contribuindo para a construção de políticas formativas sólidas e alinhadas às reais necessidades da educação pública. Vale ressaltar, ainda, a importância do Centro de Referência de Educação Inclusiva (Crei), que teve atuação direta nesse processo formativo, contribuindo com grande maestria para a organização dos encontros, tanto presenciais quanto *on-line*, em nossa rede municipal.

Outro marco histórico na rede municipal foi sediar o encontro das redes da Microrregião Central Serrana, ocorrido durante o Seminário Intermunicipal, realizado em Santa Maria de Jetibá, em 23 de agosto de 2025. Enquanto gestão, seguimos comprometidos em fortalecer esses espaços formativos, compreendendo que investir na formação dos servidores é investir diretamente na qualidade da Educação oferecida à população de Santa Maria de Jetibá/ES. É por meio da formação continuada que a Educação Inclusiva deixa de ser apenas um princípio orientador e se consolida como prática pedagógica efetiva e como política pública comprometida com a equidade e a qualidade da Educação.

Vanusa Maria Sarnaglia Schereder
Subsecretária de Educação
Município de Santa Maria de Jetibá

“Compreende-se que é essencial que os profissionais da Educação Especial, assim como todos os demais que atuam nas unidades escolares, tenham pleno conhecimento desses temas.”

O processo de Formação Continuada Coletiva, desenvolvido em parceria com a Ufes e o Gepipea, foi de grande relevância para o município, uma vez que possibilitou o engajamento de diferentes profissionais da rede municipal no aprofundamento dos temas abordados ao longo dos encontros. Os encontros ocorreram de forma híbrida, o que facilitou a participação de um número significativo de profissionais. Os palestrantes oportunizaram momentos de reflexão e discussão acerca da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, das políticas governamentais pertinentes, tecendo discussões, comentários e sugestões que contribuíram significativamente para o aprimoramento das práticas escolares.

Ressaltou-se, ainda, a importância do estudo contínuo, por meio de leituras relacionadas aos temas abordados, a fim de que os profissionais estejam sempre informados e atualizados para o exercício de suas funções, ampliando a atenção para aspectos fundamentais da prática educacional. Os temas relacionados à Educação Especial na Perspectiva Inclusiva também se mostraram de grande relevância, pois ampliaram o olhar dos profissionais sobre a articulação entre legislação, família e as questões práticas do cotidiano escolar.

Nesse sentido, compreende-se que é essencial que os profissionais da Educação Especial, assim como todos os demais que atuam nas unidades escolares, tenham pleno conhecimento desses temas, de modo a realizar um trabalho pautado na excelência, na efetividade e na promoção de uma Educação equitativa, que contemple as necessidades educacionais de todos os estudantes. Dessa forma, o município de Santa Teresa reconhece como fundamental a realização da Formação Continuada Coletiva para seus profissionais, entendendo-a como um instrumento essencial para o fortalecimento das práticas pedagógicas e para a consolidação de uma Educação Inclusiva e de qualidade.

Márcia Regina Ferreira Rodrigues
Secretária de Educação
Município de Santa Teresa

“Essa experiência reforçou, em nossa gestão, a convicção de que a formação continuada precisa ser permanente, coletiva e contextualizada.”

Enquanto secretário municipal de Educação de Santa Leopoldina, no Espírito Santo, considero que a participação do município na Formação Continuada Coletiva na Perspectiva da Educação Especial e Inclusiva, desenvolvida em parceria com a Ufes e com o Gepipea, representou um processo formativo significativo para a nossa Rede Municipal de Ensino. Desde o início da parceria, a formação se configurou como um espaço de escuta, diálogo e reflexão coletiva, permitindo-nos olhar com mais profundidade para os desafios cotidianos da inclusão escolar em nosso território.

Para além de uma ação formativa pontual, a proposta trouxe a possibilidade de construir um processo contínuo, articulado à realidade das escolas e às necessidades concretas dos profissionais que atuam na rede. No município de Santa Leopoldina, a formação envolveu gestores escolares, pedagogos, professores da educação comum e da Educação Especial e os demais servidores, fortalecendo a compreensão de que a inclusão escolar é uma responsabilidade de todos. Esse movimento foi fundamental para romper com visões fragmentadas e para promover uma atuação mais integrada entre os diferentes sujeitos que compõem a Rede Municipal de Ensino.

Os impactos da formação nas escolas têm sido perceptíveis. Ao longo dos encontros, foi possível observar avanços importantes nas reflexões e nas práticas pedagógicas, especialmente no que se refere à atenção às singularidades dos estudantes público da Educação Especial. As escolas passaram a dialogar mais entre si, a compartilhar experiências e a buscar estratégias pedagógicas construídas de forma colaborativa, fortalecendo o compromisso com uma Educação que respeite as diferenças e promova a aprendizagem de todos. A parceria com a Ufes e com o Gepipea foi essencial para qualificar esse processo.

A articulação entre os conhecimentos acadêmicos, as pesquisas desenvolvidas e as experiências vivenciadas no cotidiano escolar contribuíram para o aprofundamento das discussões sobre políticas públicas, organização dos serviços da Educação Especial e práticas pedagógicas

inclusivas. Para a gestão municipal, a formação também se constituiu como um importante apoio na tomada de decisões e no planejamento de ações mais alinhadas aos princípios da Educação Inclusiva. Outro aspecto que considero importante diz respeito à continuidade da formação. Essa experiência reforçou, em nossa gestão, a convicção de que a formação continuada precisa ser permanente, coletiva e contextualizada.

Nesse sentido, a Formação Continuada Coletiva não se encerra com o término dos encontros, mas fortalece um movimento contínuo de estudo, acompanhamento e reflexão sobre as práticas desenvolvidas nas escolas, orientando ações futuras da Secretaria Municipal de Educação. Ao longo desse percurso, a formação consolidou-se como um espaço de construção de sentidos, fortalecimento de vínculos e corresponsabilização entre universidade, gestão municipal e escolas. Trata-se de uma experiência que reafirma a importância das parcerias interinstitucionais e do investimento em processos formativos comprometidos com a Educação pública.

Assim, enquanto secretário municipal de Educação de Santa Leopoldina/ES, reconheço a relevância da Formação Continuada Coletiva desenvolvida em parceria com a Ufes e o Gepipea, destacando seus impactos positivos nas escolas e reafirmando o compromisso do município com a continuidade de ações formativas que fortaleçam uma Educação Especial na perspectiva inclusiva, democrática e de qualidade para todos os estudantes.

Tiago Pittol

Secretário de Educação
Município de Santa Leopoldina

“A Educação Inclusiva é construída de forma coletiva, com empatia, diálogo e compromisso.”

O município de Itarana tem desempenhado um papel fundamental no desenvolvimento da Formação Continuada Coletiva, levando em consideração a parceria estabelecida com a Ufes e com o Gepipea, configurando-se como muito mais do que uma ação formativa, mas como um encontro de saberes, de escuta e de cuidado com a Educação. A atenção dedicada à Educação Especial e à inclusão escolar tocou profundamente todos os envolvidos, pois nos ajudou a compreender melhor

as singularidades de cada aluno e a reafirmar o direito de todos à aprendizagem, ao pertencimento e ao respeito.

Ver essa formação alcançar todos os funcionários da Educação do município que quiseram participar, foi impactante, pois reforçou a ideia de que a Educação Inclusiva é construída de forma coletiva, com empatia, diálogo e compromisso. Foi uma experiência maravilhosa, que deixou marcas, transformou práticas e ações e fortaleceu ainda mais nossa certeza de que, quando caminhamos juntos, conseguimos promover uma educação mais humana, justa e inclusiva.

Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão à Prof.^a Andressa Mafezoni Caetano, coordenadora do projeto de extensão na Microrregião Central Serrana, pelo compromisso, sensibilidade e dedicação com que conduziu esse trabalho tão significativo em nosso município. Seu olhar atento, sua escuta acolhedora e sua condução responsável foram essenciais para que a Formação Continuada Coletiva se concretizasse.

Nossos sinceros agradecimentos também a Joziane Jaske Buss, doutoranda em Educação pelo PPGE/Ufes, cuja contribuição teórica e prática de maneira tão humana e transformadora enriqueceu profundamente os momentos formativos, especialmente no fortalecimento das reflexões sobre a Educação Especial e a inclusão e a contribuição de cada funcionário nesse processo. A presença, o conhecimento compartilhado e a sensibilidade de ambas foram fundamentais para que essa parceria com a Ufes e o Gepipea deixasse marcas tão positivas em Itarana. Somos imensamente gratos por caminhar ao lado de profissionais tão comprometidos com uma Educação pública, inclusiva e de qualidade.

Aline Chiabai Costa Franco
Secretária de Educação
Município de Itarana

***“A experiência vivenciada deixou marcas positivas e
sinalizou caminhos possíveis para o aprimoramento das práticas
inclusivas no município.”***

A participação do Município de Itaguaçu/ES no projeto de extensão *A Formação Continuada Coletiva na Perspectiva da Educação Especial e*

Inclusiva, desenvolvido pelo Gepipea/Ufes, constituiu-se como uma experiência formativa significativa, potente e articulada às demandas reais da rede municipal de ensino. Desde o início do processo, a formação foi compreendida pelo município não apenas como uma sequência de encontros formativos, mas como um movimento coletivo, contínuo e dialógico de reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas, as políticas públicas educacionais e os desafios cotidianos enfrentados pelas escolas no atendimento aos estudantes público da Educação Especial.

A proposta formativa, construída a partir da parceria entre universidade e território, possibilitou a valorização dos saberes docentes, a escuta sensível das experiências locais e a construção coletiva do conhecimento, respeitando os tempos, os contextos e as especificidades da rede municipal. No contexto de Itaguaçu/ES, a Formação Continuada Coletiva contribuiu de forma expressiva para o fortalecimento da compreensão da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva como um direito inalienável, transversal a todas as etapas e modalidades da Educação Básica.

Ao longo do percurso formativo, as discussões oportunizaram o aprofundamento teórico-prático sobre temas centrais, como o Atendimento Educacional Especializado, a função social da escola comum, a organização do trabalho pedagógico inclusivo, o papel da gestão escolar, a corresponsabilidade entre os diferentes profissionais da Educação e a necessária articulação entre políticas educacionais e demais políticas públicas. A metodologia adotada ao longo da formação, constituiu-se como um dos elementos centrais do processo. Fundamentada na problematização da realidade concreta das escolas, na socialização de experiências e na valorização do trabalho coletivo, a proposta formativa favoreceu a construção de espaços de diálogo qualificados.

Nesses espaços, professoras e professores, gestoras e gestores, técnicas e técnicos da Secretaria Municipal de Educação, bem como outros profissionais da Educação, puderam compartilhar desafios, inquietações, avanços e estratégias construídas coletivamente no cotidiano escolar. Esse movimento formativo contribuiu para o fortalecimento de vínculos institucionais, para o sentimento de pertencimento ao processo e para

o reconhecimento da formação continuada como um espaço legítimo de aprendizagem, escuta e transformação dos contextos educacionais.

A troca de experiências entre os diferentes sujeitos da rede possibilitou a ampliação do olhar sobre a Educação Inclusiva, favorecendo a construção de práticas mais sensíveis às singularidades dos estudantes e mais comprometidas com a equidade educacional. A formação também impulsionou reflexões importantes acerca da necessidade de reorganização das ações e práticas pedagógicas, da revisão de concepções historicamente excludentes e da ampliação do olhar para as potencialidades, os modos de aprender e as especificidades dos estudantes público da Educação Especial.

Nesse sentido, o processo formativo contribuiu para o desenvolvimento de uma postura mais investigativa, ética e comprometida com a garantia do direito à educação de qualidade, equitativa e socialmente referenciada para todos e todas. Outro aspecto relevante foi a aproximação efetiva entre universidade e rede municipal de ensino, que possibilitou o acesso a estudos, pesquisas e referenciais teóricos atualizados, ao mesmo tempo que reconheceu o município como espaço legítimo de produção de conhecimento. Essa relação dialógica reafirmou a importância da extensão universitária como elo entre teoria e prática, fortalecendo políticas públicas educacionais contextualizadas, construídas a partir do território e comprometidas com a transformação social.

Ao longo da formação, foi possível observar avanços no engajamento dos profissionais da Educação, no amadurecimento das discussões sobre Educação Inclusiva e na construção de encaminhamentos mais articulados entre escola, Secretaria Municipal de Educação e demais instâncias da política educacional. Ainda que persistam desafios, como a ampliação de recursos humanos e materiais, a continuidade dos processos formativos e o fortalecimento das condições de trabalho, a experiência vivenciada deixou marcas positivas e sinalizou caminhos possíveis para o aprimoramento das práticas inclusivas no município.

Dessa forma, a participação do município de Itaguaçu/ES na Formação Continuada Coletiva, em parceria com a Ufes e o Gepipea, reafirma o compromisso da gestão municipal com a defesa da Educação Pública,

Inclusiva e Democrática. A trajetória construída coletivamente evidencia que a formação continuada, quando pensada a partir do diálogo, da corresponsabilidade e da realidade concreta das escolas, constitui-se como um instrumento fundamental para a transformação das ações e práticas pedagógicas e para a consolidação de uma escola que reconhece, valoriza e respeita a diversidade em todas as suas dimensões.

Átila Lamberti Gumes

Secretário de Educação e Cultura

Município de Itaguaçu

NARRATIVAS DE QUEM CUIDA DA INCLUSÃO ESCOLAR

“A continuidade da Formação Continuada Coletiva representa não apenas a consolidação de um percurso iniciado, mas também a possibilidade de sua institucionalização como política pública permanente.”

A Formação Continuada Coletiva desenvolvida no município de Santa Maria de Jetibá, iniciada em 2024, por meio da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação, a Ufes e o Gepipea, constituiu-se como um pilar no fortalecimento das ações que fomentam os movimentos em prol da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.

Naquele período (2024), eu, Luana, ainda atuava como professora de Educação Especial, cargo no qual já participava regularmente das formações oferecidas, especialmente as realizadas em colaboração com a universidade. Vanize já atuava na função de professora assessora pedagógica na equipe Multidisciplinar do Centro de Referência de Educação Inclusiva desse município (Crei).

A implementação da Formação Continuada Coletiva, mesmo que por adesão voluntária representou, portanto, um avanço ampliando a participação de todos os profissionais da escola, compreendendo que o processo educativo é necessariamente coletivo e compartilhado. Como afirma Freire (1987, p. 75), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão”, destacando a essencialidade da interação e do diálogo na constituição de práticas pedagógicas transformadoras.

A perspectiva de que a inclusão exige corresponsabilidade e a ação conjunta tornou-se mais evidente a partir da possibilidade de participação de todos os servidores na formação com esse tema. O envolvimento ampliado das equipes escolares tem gerado impactos perceptíveis tanto no cotidiano da escola quanto na organização da Educação Especial no município. Os momentos de estudo passaram a favorecer diálogos que se estendem para além dos encontros formais, fortalecendo vínculos profissionais, estimulando a reflexão participativa e promovendo maior segurança nas práticas inclusivas.

Na posição atual de coordenação da Educação Especial, do Crei, observo que a formação vem se consolidando como uma oportunidade de qualificação contínua, favorecendo a construção de um repertório comum de conhecimentos sobre inclusão e estimulando práticas de participação ativa. Esse modelo coletivo fortalece o senso de pertencimento dos profissionais, ao mesmo tempo que amplia a consciência sobre o papel de cada um dentro de suas atribuições específicas no processo inclusivo.

Adicionalmente, a publicação do Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025, que instituiu a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva (PNEEI) e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva no Brasil, estabelece que a formação mínima obrigatória para profissionais em contato direto com os estudantes público da Educação Especial. O decreto original previa que a formação específica dos profissionais de apoio fosse com carga mínima de 80 horas, e, após o Decreto nº 12.773/2025 (atualização), a exigência foi ampliada para um mínimo de 180 horas. Essa atualização reafirma que o município de Santa Maria de Jetibá já se encontra em consonância com essa legislação e, com entusiasmo, podemos dizer que até mesmo à frente das exigências nacionais.

Embora o decreto enfatize os profissionais diretamente envolvidos com os alunos (professor de Educação Especial e o profissional de apoio), a experiência em nossa rede demonstra que, mobilizada e formada, produz resultados mais sólidos, consistentes e alinhados com o princípio da Educação como responsabilidade coletiva. Assim, a continuidade da Formação Continuada Coletiva representa não apenas a consolidação de um percurso iniciado, mas também a possibilidade de sua institucionalização como

política pública permanente pela qual esse decreto também enfatiza. Que essa experiência siga crescendo, reafirmando que o caminho da inclusão se faz com diálogo, corresponsabilidade e formação de qualidade para todos.

Luana Berger

Professora e coordenadora pedagógica do Centro de Referência em Educação Inclusiva de Santa Maria de Jetibá

Vanize Espindula

Professora e assessora pedagógica do Centro de Referência em Educação Inclusiva de Santa Maria de Jetibá

Referências

BRASIL. **Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025**. Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 21 out. 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/decreto/d12686.htm. Acesso em: 20 jan. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

“Pensar em políticas públicas voltadas para a formação também significa pensar na valorização dos profissionais.”

A experiência da Formação Continuada Coletiva em Educação Especial e Inclusiva, realizada no município de Santa Teresa, entre os anos de 2024 e 2026, foi importante, pois oportunizou a participação de todos os profissionais da Educação, independentemente do cargo e/ou função que ocupavam. Esse formato buscou o aprimoramento de ações e práticas pedagógicas e a ampliação do conhecimento teórico sobre a Educação Especial, área ainda pouco conhecida por muitos profissionais da Educação. As ações propostas pelo Gepipea possibilitaram o envolvimento coletivo, bem como o fortalecimento do compromisso com sua efetivação.

Ficou evidenciado que todos os profissionais são fundamentais para o processo de inclusão efetiva dos estudantes nas escolas. Assim, compreende-se que a formação em Educação Especial e Inclusiva deve ocorrer de forma contínua e contemplar todos os profissionais da escola. No entanto, ainda existem desafios a serem superados, tais como

a necessidade de uma carga horária específica destinada à formação, o deslocamento de profissionais de localidades distantes e a realização dos encontros em horário noturno.

Nesse sentido, pensar em políticas públicas voltadas para a formação também significa pensar na valorização dos profissionais, nas condições de participação e no fortalecimento da autoestima por meio de incentivos à participação. Reconhece-se, ainda, que existem subjetividades próprias de cada profissional, ao mesmo tempo em que há a exigência da entrega de resultados de excelência, visando ao bem-estar, à garantia de permanência e à aprendizagem dos estudantes com deficiência nas escolas.

Cirlei Pereira Guss Matiello

Coordenadora da Educação Especial

Fabiana Bridi Daleprane

Coordenadora da Educação Especial

Município de Santa Teresa

“Os resultados já são perceptíveis, tanto no maior engajamento e motivação dos profissionais quanto na ampliação da harmonia e da corresponsabilidade entre as diferentes funções exercidas no cotidiano escolar.”

Apesar dos avanços significativos nas políticas públicas voltadas à Educação Especial, a efetivação desse direito de maneira equânime e qualitativa ainda se apresenta como um dos grandes desafios do sistema educacional brasileiro. Atender de forma eficaz a essa diversidade exige o enfrentamento de múltiplos desafios, que vão desde a formação dos profissionais até a reorganização das ações e práticas pedagógicas e das estruturas institucionais.

Nesse cenário, a Formação Continuada Coletiva, desenvolvida no município em parceria com a Ufes e o Gepipea, tem se constituído como um importante espaço formativo, contribuindo para o fortalecimento de ações e práticas pautadas na segurança profissional, na autonomia docente e na construção de uma escola inclusiva. A organização dessa formação coletiva destaca-se como um diferencial, uma vez que promove a participação de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo,

favorecendo a troca de experiências, a reflexão crítica sobre a prática e a valorização dos diferentes saberes profissionais.

Esse movimento formativo tem possibilitado o desenvolvimento de competências que ampliam a segurança e a autonomia dos educadores, refletindo-se diretamente na qualidade do atendimento oferecido aos estudantes. Os resultados já são perceptíveis, tanto no maior engajamento e motivação dos profissionais quanto na ampliação da harmonia e da responsabilidade entre as diferentes funções exercidas no cotidiano escolar.

Os temas abordados ao longo da formação, conduzidos de maneira clara, fundamentada e reflexiva, têm oportunizado a desconstrução de concepções baseadas em modelos de desempenho escolar padronizados e homogêneos. Ao mesmo tempo, instiga a necessidade permanente de aprofundamento teórico e de ações concretas voltadas à estruturação de políticas públicas inclusivas e acolhedoras, capazes de garantir não apenas o acesso, mas também a permanência e a aprendizagem significativa de todos os estudantes.

Ademais, a Educação Inclusiva transcende os benefícios individuais, promovendo ganhos coletivos para toda a comunidade escolar e para a sociedade. Ao possibilitar a convivência com a diversidade humana, a escola inclusiva contribui para a formação de sujeitos mais sensíveis às diferenças, fortalecendo valores como o respeito, a empatia e a participação social, elementos essenciais para a construção de uma sociedade democrática e plural.

Jeane Lucy Dos Santos Guss

Gestora da Educação Especial / Supervisora escolar
Município de Santa Leopoldina

“Enquanto ação de gestão, a Formação Continuada Coletiva representou um instrumento para pensarmos em futuras decisões referentes às ações e práticas que se alinham às diretrizes legais e às políticas públicas vigentes.”

Na condição de coordenadora da Educação Especial do município de Itarana, considero a experiência da Formação Continuada Coletiva, desenvolvida em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo

(Ufes) e o Grupo de Estudo e Pesquisa, Inclusão Escolar e Processos de Ensino e Aprendizagem (Gepipea), como um movimento formativo de grande relevância para o fortalecimento das práticas pedagógicas, da gestão educacional e da política pública de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.

A formação se constituiu como um espaço de diálogo, reflexão e construção coletiva de saberes, articulando fundamentos teóricos, análise crítica da prática e escuta sensível das realidades vivenciadas pelas unidades escolares do município.

Ao longo do processo, foi possível promover encontros que favoreceram a problematização do cotidiano escolar, principalmente no que se refere aos desafios da inclusão, ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), às estratégias pedagógicas inclusivas e à corresponsabilidade de todos os profissionais da Educação no processo de escolarização dos estudantes público da Educação Especial.

Destaco positivamente a metodologia adotada, o diálogo pautado na valorização das experiências dos profissionais da rede, no estudo de referenciais teóricos atualizados e na mediação qualificada realizada pela Ufes e pelo Gepipea.

Essa articulação possibilitou efeitos da formação no cotidiano escolar que tornaram-se perceptíveis à medida que os profissionais passaram a demonstrar maior segurança conceitual, intencionalidade pedagógica e sensibilidade frente às especificidades dos estudantes. Enquanto ação de gestão, a Formação Continuada Coletiva representou um instrumento para pensarmos em futuras decisões referentes às ações e práticas que se alinhem às diretrizes legais e às políticas públicas vigentes.

Assim, a formação desenvolvida, possibilitou à gestão municipal, um olhar ampliado para a rede e suas necessidades relativas à inclusão escolar, permitindo refletir sobre uma política de Educação Especial fundamentada na equidade, no direito à aprendizagem e na valorização da diversidade.

Por fim, compreendo que esse movimento formativo, construído em parceria com a Ufes e o Gepipea, contribuiu para o fortalecimento da política

pública de Educação Especial no município de Itarana, ao promover a formação crítica dos profissionais, o alinhamento das ações e práticas educativas e a consolidação de uma cultura inclusiva nas escolas. Trata-se de uma experiência que reafirma a importância da formação continuada como uma das bases da qualidade da Educação Pública e como estratégia para a efetivação do direito à educação de todos os estudantes.

Christiany Karla Bullerjhann Valin
Coordenadora da Educação Especial
Município de Itarana

***“Os conteúdos abordados não se limitaram a exposições teóricas
distantes do chão da escola.”***

A experiência de desenvolvimento da Formação Continuada Coletiva em nosso município, Itaguaçu, realizada em parceria com a Ufes e o Gepipea, constituiu-se como um marco no fortalecimento das políticas educacionais, especialmente no que se refere à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Foi um processo formativo que se destacou, de forma muito positiva, por contemplar todos os servidores da Educação, independentemente de cargo ou função, reafirmando o princípio de que a construção de uma escola inclusiva é responsabilidade coletiva.

Desde o início, a proposta da formação apresentou-se como uma ação democrática e comprometida com a escuta sensível, promovendo espaços reais de voz e vez para professoras e professores, equipes gestoras, coordenadores pedagógicos, profissionais de apoio, técnicos administrativos e demais servidores que compõem o cotidiano das unidades escolares e da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Itaguaçu. Essa característica foi reconhecida como um dos pontos mais relevantes da formação, pois rompeu com modelos tradicionais e hierarquizados, nos quais apenas determinados segmentos são considerados protagonistas dos processos formativos.

A condução da formação continuada pelos formadores e pesquisadores ocorreu de maneira ética, responsável e profundamente comprometida com a realidade local. Os conteúdos abordados não se limitaram a exposições teóricas distantes do chão da escola; ao contrário, dialogam constantemente com as experiências vividas pelos participantes, valorizando

saberes construídos na prática e incentivando reflexões críticas sobre os desafios enfrentados no Atendimento Educacional Especializado e na efetivação da Educação Inclusiva.

As estratégias utilizadas, como rodas de conversa, estudos de caso, análise de situações concretas, socialização de experiências e momentos de reflexão, possibilitaram que os servidores se reconhecessem como sujeitos ativos da formação. No âmbito da organização da Educação Especial no município, a formação contribuiu para qualificar o olhar da gestão e das equipes técnicas sobre a necessidade de planejamento integrado, acompanhamento e avaliação contínua das ações desenvolvidas.

A escuta qualificada dos servidores, promovida ao longo da formação, subsidiou tomadas de decisão mais coerentes com as demandas reais das escolas e dos estudantes. Além disso, a Formação Continuada Coletiva contribuiu para o fortalecimento da política pública de Educação Especial no município. Ao envolver diferentes atores da rede de ensino, o processo formativo consolidou a compreensão de que políticas públicas eficazes não se constroem de forma isolada, mas por meio do diálogo, da participação e do compromisso coletivo.

De modo geral, a experiência foi avaliada como positiva pelos participantes, não apenas pela qualidade dos conteúdos abordados, mas, sobretudo, pela postura ética, acolhedora e comprometida dos formadores. A maneira responsável com que a formação foi conduzida demonstrou respeito aos profissionais da Educação e às especificidades do contexto, fortalecendo a confiança na formação continuada como instrumento de transformação das ações, práticas e das políticas educacionais.

Finalizamos certos de que a Formação Continuada Coletiva, desenvolvida em parceria com a Ufes e o Gepipea, representou um importante avanço para o município, ao promover o diálogo e fortalecer a gestão educacional, qualificar a organização da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva e reafirmar o direito de todos os servidores da Educação à formação. Foi um movimento que deixou marcas positivas no cotidiano escolar e que contribuiu, de forma consistente, para a consolidação de uma educação pública inclusiva, democrática e socialmente comprometida.

Rosimar Bastos

Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura
Município de Itaguaçu

NARRATIVAS DE QUEM MEDIOU E FORMOU NOS ENCONTROS COLETIVOS

Pensar a Formação Continuada Coletiva, pelo viés da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, é vislumbrar novos horizontes em busca de uma escola comum para todas as pessoas. Desse modo, a minha experiência em participar do projeto na Microrregião Serrana do Espírito Santo tem me movimentado em direção à esperança do verbo freiriano *esperançar*. Nas duas formações que tive a oportunidade de compartilhar conhecimentos, aprendi muito com todos os profissionais envolvidos nesse processo.

Ora com partilhas de vivências que permeiam a coletividade pertencentes a uma comunidade, ora com indagações que nos levam a refletir sobre os lugares que ocupamos e os papéis que desempenhamos na existência humana. Nas temáticas dos encontros formativos que ministrei, o (auto)cuidado entremeado à necessidade de estabelecermos conexões com o outro foram premissas para garantirmos o direito de comunicação para todos.

Por meio das diversas interações nos *chats* das formações, foi possível dialogarmos sobre a importância de construirmos uma Educação emancipadora e que acredita no potencial do desenvolvimento humano. Essa é a escola que queremos! Essa é a escola pela qual lutamos! Essa é a escola que fazemos!

Alline Siqueira Freitas da Silva

Mestranda em Educação pelo PPGE/Ufes
Membra do Gepipea

Atuei como mediadora em dois encontros *on-line* da Formação Continuada Coletiva, nos quais conduzi o diálogo entre os palestrantes e a interlocução dos temas desenvolvidos ao longo dos encontros. No primeiro encontro, discutiu-se a *Relação Família e Escola no Processo de Inclusão*

dos Estudantes com Deficiência Intelectual e TEA, e no segundo, A inclusão dos estudantes com deficiência é compromisso de todos? Além disso, participei presencialmente, como mestra de cerimônias, do Seminário Intermunicipal, realizado em agosto de 2025, cujo tema foi *Redes Coletivas de Aprendizagem: tecendo sentidos para uma escola de todos*. Ressalto que a experiência de assistir às apresentações das atividades foi ímpar.

Um dos grupos elegeu uma colega que atua como auxiliar de serviços gerais para fazer a explanação, o que me fez ter a certeza de que todos os servidores são fundamentais para a construção de uma cultura inclusiva na escola vislumbrando uma sociedade mais inclusiva. Destaco que essas experiências foram importantes para o meu desenvolvimento acadêmico, profissional e humano, uma vez que participar de um movimento formativo que reconhece, valoriza e inclui todos os servidores fortalece o trabalho conjunto e reafirma o compromisso de que a inclusão constitui um processo contínuo e uma responsabilidade compartilhada.

Indiana Reis da Silva Beceveli

Doutoranda em Educação pelo PPGE/Ufes
Membra do Gepipea

Tive uma experiência marcante no seminário intermunicipal por ter sido convidada a relatar minha vivência como pessoa com deficiência física, especialmente no que diz respeito à forma como enfrento situações adversas em uma sociedade que ainda não é totalmente acessível. Venho de uma época em que não se falava em inclusão, nem havia o apoio de profissionais para garantir um desenvolvimento mais adequado. Sempre precisei adaptar-me ao meio para conquistar meu espaço nas escolas e no mercado de trabalho, enfrentando desafios relacionados à locomoção, aos trajetos e à falta de acessibilidade.

O Seminário Intermunicipal possibilitou que eu contribuísse para que outros servidores da Educação desenvolvessem um olhar mais sensível em relação às pessoas que compõem o público da Educação Especial, no sentido de colaborar para que seus direitos sejam garantidos e o acesso aos espaços seja facilitado. Nada é fácil de conquistar; no entanto, quando há abertura e são oferecidas condições de inclusão, garante-se a participação

e o desenvolvimento de todos no ambiente escolar. Assim, esse momento foi uma ação extensionista que permitiu o envolvimento de todos como uma importante oportunidade de aprendizagem.

Guida Mesquita

Mestra em Educação pelo PPGE/Ufes

Membra do Gepípea

Falar sobre inclusão escolar para um público formado por diferentes profissionais da escola foi uma experiência desafiadora e, ao mesmo tempo, enriquecedora. Ao longo das formações realizadas, especialmente em fevereiro de 2025, de modo *on-line*, quando dividi esse momento com a professora Sulamar Snaider Loreto, reunindo todos os profissionais dos cinco municípios.

No tema do encontro, *Autismo e Deficiência Intelectual: são a mesma coisa?*, durante o momento de formação, as falas dos servidores reforçaram a importância do acesso à informação, sinalizando o impacto positivo da formação na compreensão das diferenças e das necessidades dos estudantes, quando escreveram: *o aprendizado é fundamental para todos na escola, pois o aluno é de todos na escola*, evidenciando a corresponsabilidade de todos os servidores no processo educativo.

Essa mesma perspectiva esteve presente nas outras experiências formativas das quais participei como mediadora, nos encontros realizados em outubro de 2024, com a professora Daniella Côrtes Pereira Borges, que abordou o tema: *Os estudantes com Deficiência Intelectual e Transtorno do Espectro Autista: Leis e Direitos*, e em outubro de 2025, com a professora Ione Aparecida Duarte Santos Dias, que discutiu *Deficiência Intelectual, Autismo e outras condições: o que precisamos saber no cotidiano escolar*. Durante as discussões, buscou-se enfatizar que compreender as especificidades dos estudantes não significa rotulá-los, mas reconhecê-los em sua singularidade.

Em relação ao Seminário intermunicipal, saí do evento com a certeza de que a inclusão é um compromisso coletivo, que se constrói na corresponsabilidade de todos os profissionais e no diálogo constante entre os municípios, o que garantiu que não fosse um evento isolado, mas um

projeto contínuo, contextualizado e comprometido com a transformação efetiva das escolas. Foi essa sinergia que permitiu transpor os muros das instituições e criar uma verdadeira Rede Coletiva de Aprendizagem (RECA), indicando que um dos caminhos para uma Educação Inclusiva e de qualidade se constrói, necessariamente, de mãos dadas.

Ana Lúcia Sodré de Oliveira

Doutoranda em Educação pelo PPGE/Ufes

Membra do Gepipea

As ações formativas desenvolvidas ao longo do projeto destacaram-se como espaços fundamentais de reflexão e construção de saberes. Na ocasião, a formação foi conduzida por mim, em parceria com a professora Ana Lúcia de Oliveira Sodré. A diversidade de funções e áreas de atuação dos participantes contribuiu para ampliar o debate acerca da corresponsabilidade institucional na efetivação de práticas inclusivas.

Durante a formação, evidenciou-se que a inclusão escolar não pode ser compreendida como atribuição exclusiva do professor, mas como um compromisso coletivo que envolve gestores, equipes pedagógicas, profissionais de apoio e demais servidores da escola. A avaliação positiva do encontro, expressa por meio de relatos que ressaltaram a relevância e a significatividade das informações compartilhadas, indica que espaços formativos dessa natureza favorecem a sensibilização dos profissionais, o fortalecimento de práticas colaborativas e a promoção de uma Educação que reconheça a diversidade como princípio estruturante.

Sulamar Snaider Loreto

Mestre em Educação pelo PPGE/Ufes

Membro do Gepipea

Durante as formações discutimos sobre os mitos que permeiam a Educação Especial e a perspectiva de Educação Inclusiva no imaginário de alguns profissionais da Educação, para além do que a legislação estabelece. Como formador, penso que agrupar todos os servidores em um único espaço para sua formação foi uma proposta audaciosa, pois havia uma presença expressiva dos servidores da Educação do município. Considero que essa abordagem rompe com a visão fragmentada que, muitas vezes, atribui a

responsabilidade pela inclusão de estudantes com deficiência, aos professores, o que reforça a ideia de que a escola é um espaço coletivo.

A importância dessa formação coletiva, que reúne um público diverso, não pode ser subestimada. Quando professores, merendeiras, vigilantes, diretores, funcionários da secretaria de Educação e motoristas do transporte escolar se juntam nesse ambiente de aprendizado, todos compartilham experiências e saberes que enriquecem a discussão. Além disso, essa abordagem colaborativa estimula a construção de um sentimento de comunidade entre os profissionais. Essa união entre diferentes funções dentro da escola favorece uma atmosfera de apoio mútuo, onde cada indivíduo se sente valorizado e importante para o processo de escolarização em uma perspectiva inclusiva.

Ricardo Tavares de Medeiros

Doutorando em Educação pelo PPGE/Ufes

Membro do Gepipea

Falar sobre inclusão escolar para um público formado por diferentes profissionais da escola foi uma experiência intensa, desafiadora e muito significativa. Desde o início da preparação do material, me preocupei em construir uma formação que pudesse dialogar com pessoas com trajetórias formativas bastante diversas. Confesso que, em alguns momentos, tive receio de que o conteúdo não atendesse a todos, porque para uns poderia ser algo novo, mas para outros poderia ser um assunto já conhecido, mas esse aspecto se tornou um aprendizado importante sobre como comunicar temas mais elaborados de forma acessível, sem perder profundidade.

Esse movimento trouxe desafios, especialmente na abordagem da medicalização, um tema que exige maior elaboração conceitual. O formato remoto da *live* tornou esse processo ainda mais desafiador, pois a ausência me fez conduzir a fala de maneira leve e ilustrativa. Por outro lado, a formação presencial sobre Inteligência Artificial foi muito potente.

O contato direto com os participantes, as perguntas, os comentários e o retorno imediato tornaram a experiência mais viva e significativa. Fiquei especialmente feliz ao saber que muitos profissionais conseguiram aplicar o que foi discutido em seus próprios projetos e práticas escolares. Essa

vivência reforçou, para mim, o sentido humano e profissional da formação continuada e a importância de construir caminhos coletivos para a inclusão escolar de estudantes com deficiência intelectual e Transtorno do Espectro Autista nos municípios da Microrregião Central Serrana.

Débora Nascimento de Oliveira

Doutoranda em Educação pelo PPGE/Ufes

Membra do Gepipea

A mediação da Formação Continuada Coletiva, sob o tema *Incluir: um compromisso de todos*, consolidou-se como uma experiência profissional e pessoal significativa, fundamentada na premissa de que a união de forças e o compartilhamento de saberes reafirma a inclusão como um direito inegociável que perpassa toda a trajetória escolar. O principal desafio dessa vivência residiu na alteração da linguagem técnica e acadêmica para uma abordagem dialógica e prática, capaz de gerar engajamento em um público tão heterogêneo.

Ao conectar marcos legais a exemplos do cotidiano, foi possível sensibilizar desde a gestão até o setor operacional sobre seu papel essencial como mediadores do desenvolvimento dos estudantes com deficiência. Assim, a formação coletiva revela-se um caminho possível para a superação de barreiras capacitistas, transformando o compromisso ético em uma prática institucional humana e integrada. Esse trabalho formativo, ao reunir o Gepipea e profissionais da Educação da Microrregião Central Serrana do Espírito Santo, reafirma que, quando o conhecimento profissional é socializado e construído coletivamente sem barreiras, a inclusão escolar deixa de ser apenas um ideal político para se tornar uma realidade humana, ética e acessível a todos.

Andréia Ramos dos Santos Trindade

Mestra em Educação em Educação pelo PPGE/Ufes

Membra do Gepipea

Ter participado como mediadora no projeto de Formação Continuada da Central Serrana, cujo público atendido era formado por diferentes profissionais da escola, foi desafiador e gratificante ao mesmo tempo. Desafiador, pois foi necessário dialogar de uma forma que fosse compreendida por to-

dos os grupos e que contribuísse para a formação de todos, visando a um trabalho mais inclusivo. Gratificante no sentido de fazer parte do processo e poder contribuir para a reflexão sobre a Educação na perspectiva inclusiva dos diversos profissionais envolvidos no processo educativo.

Sendo assim, meu papel como mediadora teve o objetivo de articular a fala do palestrante de modo que todos os participantes se sentissem acolhidos e à vontade para expressarem suas opiniões, mesmo que de forma remota. Desde o motorista que realiza o transporte escolar, passando pela sala de aula, onde o professor desenvolve suas práticas, até a profissional que prepara a alimentação ou o porteiro que dá bom dia, tudo faz parte de um mesmo processo e, se esse não for pensado coletivamente, sob uma perspectiva inclusiva, não atingirá seu objetivo, que é garantir a aprendizagem para todos.

Cristina Mara Javarini Moro

Mestra em Educação em Educação pelo PPGE/Ufes

Membra do Gepipea

A oportunidade de atuar como formadora no projeto de extensão foi bastante enriquecedora, pois evidenciou a importância de criar espaços de diálogo sobre a inclusão escolar que, embora amplamente debatida, ainda demanda a difusão de conhecimentos fundamentados na ciência e nas pesquisas, para além do senso comum. A troca de experiências com servidores da educação que vivenciam a escola, aproximando-os dos conhecimentos construídos na universidade, fortalecem uma atuação cada vez mais reflexiva, crítica e atualizada. Ao longo dos encontros, tornou-se inegável a contribuição da Ufes e do Gepipea para a comunidade local e a sociedade capixaba, ao contribuir para a qualificação dos profissionais da educação. Foi marcante constatar presencialmente, como servidores de segmentos tão diferentes, muitas vezes invisibilizados no contexto escolar se reconheceram como parte fundamental no processo de inclusão escolar. Sinto-me privilegiada por ter participado desse importante momento formativo.

Tania Mara Luiz dos Santos

Mestranda em Educação em Educação pelo PPGPE/Ufes

Membra do Gepipea

Participar da Formação Continuada Coletiva e do Seminário Intermunicipal foi uma experiência muito transformadora, presenciei, para além do momento de formação, o nascimento de uma rede viva de aprendizagem e apoio entre os municípios da Microrregião. O seminário, realizado em Santa Maria de Jetibá, foi a consolidação desse percurso. Encontrar profissionais de Itaguaçu, Itarana, Santa Teresa, Santa Leopoldina e Santa Maria de Jetibá, todos movidos pelo mesmo propósito, reforçou que não estamos sós nesta jornada pela inclusão.

O momento mais potente foi o compartilhamento de experiências intitulado *Práticas Inclusivas em Movimento*. Ver relatos reais, os desafios superados e as criativas soluções pedagógicas desenvolvidas em cada escola foi inspirador e trouxe uma concretude poderosa para a teoria. Saí do evento com a certeza de que a inclusão é um compromisso coletivo, que se constrói na corresponsabilidade de todos os profissionais e no diálogo constante entre os municípios.

Esse momento consolidou a parceria entre o grupo de pesquisa e as Secretarias Municipais de Educação, simbolizando um pacto pela qualidade da educação pública na Microrregião. Foi essa troca que permitiu transpor os muros das instituições e criar Redes Coletivas de Aprendizagem, mostrando que o uma Educação Inclusiva responsável se constrói com o envolvimento de toda a comunidade escolar.

Vilmara Mendes Gonring

Mestra em Educação em Educação pelo PPGE/Ufes

Membra do Gepipea

Ao ingressar na graduação em Pedagogia da Ufes, conheci o universo da formação de professores e gestores. Com o tempo, me tornei aluna de Iniciação Científica e bolsista Fapes, cujo projeto de pesquisa está relacionado à Formação Continuada Coletiva, que vem sendo realizada nos municípios da região da Central Serrana do Espírito Santo. Quando tive a oportunidade de ir até os municípios participar presencialmente dos encontros formativos e do Seminário Intermunicipal, consegui materializar o sentido da Formação Continuada. Essa experiência é uma inspiração para a minha formação como professora/pedagoga, incentivando a construção de um olhar sensível com

todos os servidores da escola para o trabalho coletivo, o respeito às diferenças e o compromisso com a construção de ações práticas pedagógicas inclusivas que garantam o direito à Educação de todos os estudantes.

Lara Sthefany de Lima Ferreira

Aluna do Curso de Pedagogia Ufes e Iniciação Científica Ufes/Fapes

Membra do Gepipea/Suporte técnico

A colaboração técnica jurídica, junto ao Grupo de Estudo e Pesquisa Inclusão Escolar e Processos de Ensino e Aprendizagem, teve por base o diálogo entre o direito e a docência. Nessa perspectiva, a convite do Gepipea, na pessoa de Joziane Jaske Buss, tive o privilégio de contribuir para a Formação Continuada Coletiva de profissionais da Educação, sob a ótica da Educação Especial e Inclusiva. Na condição de advogado, minha intervenção buscou desmistificar e aprofundar os aspectos jurídicos e técnicos que fundamentam o direito à Educação dos alunos com deficiência.

O que tornou essa experiência singularmente enriquecedora foi o diálogo franco com a realidade fática. A oportunidade de ouvir professores, cuidadores e demais servidores da Educação permitiu uma compreensão multidimensional do cotidiano escolar. Ficou evidente que o direito à inclusão não se concretiza apenas por decretos, mas pela simbiose entre o saber jurídico e a prática pedagógica. A proposta de reunir a totalidade dos servidores, e não apenas os docentes, demonstra uma visão sistêmica imprescindível. Todos os profissionais que compõem o ambiente escolar são agentes de inclusão. O movimento produzido pelo Gepipea é, portanto, uma iniciativa de nobreza científica e social, pois fornece o substrato necessário para o desenvolvimento integral do aluno.

Dessa maneira, agradeço imensamente ao Gepipea pela oportunidade de compartilhar o conhecimento jurídico em um fórum tão qualificado. A construção de uma sociedade inclusiva é um dever comum, e iniciativas como essa asseguram que o “Direito de Aprender” deixa de ser uma norma programática para se tornar uma realidade palpável para cada estudante.

João Vítor Angeli Sarnaglia

Advogado OAB/ES 38.259

A evolução da Educação Especial no Brasil constitui resultado de longas lutas e reivindicações que, ao longo de décadas, culminaram na construção progressiva de normas legais, diretrizes educacionais e políticas públicas cada vez mais avançadas. Compreender essa trajetória histórica, social e jurídica é fundamental para a consolidação efetiva da Educação Inclusiva no país, processo que se realiza principalmente por meio das escolas. Nesse contexto, a Formação Continuada Coletiva na Perspectiva da Educação Especial e Inclusiva, promovida pelo Gepipea/Ufes, desempenhou um papel fundamental.

Durante a formação, destacou-se, sobretudo, a irreversibilidade da aplicação das normas inclusivas nas escolas, bem como a necessidade de que sua implantação ocorra de forma gradual e cuidadosamente construída, de modo a atender efetivamente aos interesses e às necessidades das pessoas com deficiência. Tal implementação depende, em grande medida, da regulamentação conduzida pelo governo federal.

Levar o debate sobre a construção dessas normas legais a um público diversificado, composto por diferentes profissionais da área, representou um desafio significativo, porém uma experiência igualmente gratificante. Foi possível perceber o receio legítimo de muitos participantes em relação ao tratamento e à implementação prática de uma política pública complexa e exigente. O evento possibilitou romper com paradigmas consolidados, desconstruindo concepções pré-existentes e permitindo o surgimento de um novo olhar: o de que é, sim, possível implementar políticas públicas de inclusão a partir da própria escola.

A iniciativa contribuiu para pensarmos o aprimoramento das ações e práticas educacionais inclusivas, ao mesmo tempo que discutimos os desafios ainda presentes, tais como: a falta de recursos financeiros e de infraestrutura adequada; necessidade urgente de formação continuada para professores e servidores; as resistências institucionais e organizacionais; e a garantia de apoios e serviços especializados suficientes para os alunos público da Educação Especial. Agradeço sinceramente ao Gepipea pela oportunidade de contribuir com a Formação Continuada Coletiva.

Participar dela foi, acima de tudo, uma rica oportunidade de aprendizado, possibilitada pelo diálogo com diferentes públicos e profissionais. Tenho a

convicção de que a implementação plena da Educação Inclusiva nas escolas demanda um compromisso coletivo e contínuo de toda a comunidade escolar e da sociedade como um todo. A relevância de projetos como esse consolida-se justamente a partir do reconhecimento da necessidade de garantir a todo cidadão brasileiro uma Educação digna, adequada e eficaz.

Rosa Elena Krause Berger

Advogada e Doutoranda em Direito e Garantias Fundamentais pela FDV Mestra em Sociologia Política

Participar da Formação Continuada Coletiva na Perspectiva da Educação Especial e Inclusiva constituiu uma experiência de valor profissional, acadêmico e humano. Enquanto advogada, estudante de Psicologia e mãe de um jovem com autismo e deficiências múltiplas, também estudante de Psicologia, vivenciar esse espaço formativo ampliou minha compreensão sobre a complexidade e a urgência da construção de práticas inclusivas no ambiente escolar.

Discutir a inclusão com um público tão heterogêneo, composto por equipes pedagógicas, gestoras, profissionais de apoio e servidores administrativos, reafirma que a Educação Inclusiva não se limita ao âmbito da sala de aula. Ela se materializa em cada interação cotidiana: no acolhimento na portaria, no cuidado durante a alimentação, no suporte nos corredores e na escuta atenta em qualquer setor da escola. A presença de todos os segmentos da instituição em um mesmo processo formativo representa, a meu ver, um avanço significativo na consolidação de uma cultura escolar que reconhece cada servidor como agente educador. A proposta de romper com a fragmentação do saber e promover o diálogo entre diferentes funções evidencia uma compreensão madura de que a inclusão é uma responsabilidade compartilhada.

Embora esse movimento exija o alinhamento de linguagens, expectativas e repertórios distintos, os benefícios superam amplamente os desafios. A construção coletiva de estratégias, a identificação conjunta de barreiras e a valorização das potencialidades dos estudantes fortalecem a rede de proteção e desenvolvimento que sustenta o direito de aprender. Do ponto de vista humano e profissional, essa experiência reafirmou a importância da escuta qualificada, da empatia e da alteridade.

Observar o comprometimento dos servidores com a garantia de acesso, participação e aprendizagem de todos os estudantes reforça minha convicção de que a Educação Inclusiva é o caminho para uma sociedade mais justa, democrática e plural. Saio desses encontros profundamente inspirada pela disposição coletiva em transformar princípios em práticas cotidianas e em reconhecer a diversidade como o maior patrimônio da escola pública.

Mara Cristina Baldo Ramos

Advogada OAB/ES 18.923

Pós-graduada em Direito Constitucional Previdenciário e Graduada em Psicologia

Em minha tese de doutorado, defendida em 2018, nas conclusões, sinalizamos a importância de implementar políticas de formação continuada sobre o tema Direito à Educação e Inclusão Escolar, com a participação de todos os sujeitos envolvidos no processo de formação humana nas escolas. O tema merece atenção, pois, no caso da Educação Infantil em interface com Educação Especial, existe um distanciamento das especificidades das áreas na compreensão sobre o currículo, a formação, a acessibilidade curricular, a inclusão escolar, a Educação Inclusiva e ainda a compreensão sobre os processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças e o trabalho colaborativo.

Assim, ao longo de minha trajetória profissional, tenho realizado formações sobre tais temas, provocando a participação de todos os sujeitos envolvidos no processo de Educação das crianças e estudantes público da Educação Especial nas escolas, ouvindo os sujeitos, provocando reflexões e debatendo situações reais nos contextos escolares. Tal iniciativa, a mim potencializada no processo de Formação Continuada Coletiva na região Serana junto ao Gepipea, amplia o meu percurso de formação compartilhada e a cooperação com os sujeitos que também realizam as formações, fortalecendo a rede colaborativa de formadores que lutam pela qualidade da Educação Especial no Estado do Espírito Santo com a orientação e coordenação de professores da Ufes, potencializando a extensão, a pesquisa e o ensino.

É importante ressaltar que, para realizar esse tipo de ação, os desafios são inúmeros, desde logística, orientação, organização com os municípios e execução com plataformas, formadores e planejamento. O tempo também

dedicado ao espaço formativo com todos, são desafios quando enfrentamos numa formação partilhada.

Sumika Soares de Freitas Hernandez Piloto

Professora Articuladora no Tempo Integral da Educação Infantil

Pensar a formação continuada sem incluir todos os sujeitos que participam do processo educativo é, no mínimo, injusto. A inclusão, para que aconteça de fato, precisa ser compreendida como uma construção coletiva, que envolve diferentes profissionais, funções e responsabilidades dentro da rede de ensino. Nesse sentido, é fundamental defender uma formação que contemple todos os profissionais e também afirme a necessidade de espaços específicos, pensados a partir das particularidades de cada função.

Sabemos que a inclusão só acontece com o envolvimento de todos, mas isso não elimina a importância de manter formações continuadas direcionadas ao professor, considerando sua prática pedagógica, seus desafios cotidianos e sua responsabilidade direta no processo de ensino e aprendizagem. Falar de um tema tão relevante para profissionais diversos, com atuações distintas na Educação, foi um grande desafio. A formação não poderia ser superficial a ponto de desmobilizar alguns nem excessivamente teórica a ponto de afastar outros.

Foi necessário planejar com cuidado, dialogando com experiências anteriores em formações continuadas que envolviam cuidadores, professores da Educação Especial, professores regentes e pedagogos. Assim, a proposta de formação mostrou-se potente ao fortalecer o processo inclusivo e conscientizar cada profissional sobre seu papel na construção de uma Educação Inclusiva.

Ione Aparecida Duarte Santos Dias

Mestra em Educação

Professora de Educação Especial dos Municípios de Vila Velha e Cariacica

O convite para falar sobre inclusão escolar para um público tão amplo e que, ao mesmo tempo, compõe todo o aparato de serviços e estratégias que a Escola Pública contempla foi um desafio. Adequar termos e aproximar um público tão diverso a assuntos tão caros à Política Pública Educacional

do nosso tempo nos obriga ao exercício de localizar e considerar as demandas e percepções de todos os envolvidos nesse processo.

Com esse objetivo, a estrutura didática do momento formativo considerou as diferentes abordagens de cada profissional junto a alunos público da Educação Especial. Desde o profissional da portaria até gestores escolares demandam de paradigmas comuns que girem em torno do fortalecimento da Perspectiva Inclusiva da Educação e da manutenção do direito deste público frequentar o ensino comum.

Essa, penso eu, trata-se de uma contribuição efetiva e sistemática para consolidação da Perspectiva Inclusiva da Educação. A percepção formativa que desenvolvemos já há algum tempo, sempre problematizou a docência e a gestão dos processos educacionais.

O envolvimento de outras esferas profissionais nos obriga a considerar aspectos ambientais e administrativos que nem sempre se concretizam como primordiais. A acolhida, a empatia, a sensibilidade de profissionais do âmbito administrativo fortalecem a educação inclusiva quando se constitui na forma de organização prévia, planejamento que anteceda a acolhida deste público prevendo condições de segurança, cuidado, permanência, sem que nenhum aluno público da educação especial ou suas famílias sintam-se em um lugar de diferenciação. Nesse sentido, a proposta de Formação Continuada Coletiva antecede a criação de protocolos comuns que atendam a todos. Essa deve ser nossa aposta na Perspectiva Inclusiva.

Daniella Côrtes Pereira Borges

Doutora em Educação pelo PPGE/Ufes

Gestora do Núcleo de Educação Especial do Município de Vila Velha

Vivenciar a Inclusão com um grupo diverso de servidores da Educação, corroborou minha prática e humanidade. São trajetórias que lidam com o estudante (e família) constantemente e, infelizmente, são invisíveis para o sistema. Foram protagonistas e certamente, transformados pelo conhecimento inclusivo. Ao reunir todos os servidores em um mesmo espaço formativo, compreendo que voltamos às práticas de Paulo Freire ao vivenciar a inclusão da diversidade. Isso é escola. Pessoas diversas que dialogam com o futuro, vivências e aprendizagens.

Outra questão importante é a própria inclusão no trabalho. Se estamos em um lugar inclusivo, espera-se essa visão para o todo, nas cordialidades, formações e vivências. Assim, a escola cumpre um de seus papéis: trazer conhecimento além das palavras. Essa experiência representou esperança. Sendo mulher com deficiência, senti o desejo de cada um em ampliar seus caminhos inclusivos. A trajetória de cada um foi ouvida com sensibilidade e respeito. E isso, na sociedade atual, é uma conquista. Trazer tantas vozes para o desenvolvimento profissional e, em contrapartida, ter a participação de tantos profissionais foi um exercício de coragem. Ministrar conteúdo anticapacitista é um exercício contínuo e do qual pude fazer parte num momento histórico.

Fernanda Rodrigues Simões

Assessoria Técnica

Subsecretaria de Estado de Políticas Públicas de Inclusão da Pessoa com Deficiência

Secretaria de Estado da Casa Civil-ES

NARRATIVAS DE QUEM FAZ A INCLUSÃO ACONTECER

Acreditamos que a Formação trouxe benefícios e diferentes perspectivas sobre a inclusão no ambiente escolar. Trouxe a possibilidade de ampliar nossos olhares através de trocas de experiências; cada servidor, em sua função, pode contribuir com suas vivências e práticas, nos fazendo perceber que a inclusão é um compromisso coletivo. Nesse processo, foram agregados novos valores e percepções sobre a inclusão no contexto escolar, levando a perceber que a necessidade de incluir não se restringe apenas a professores e auxiliares, mas é também responsabilidade de todos os profissionais envolvidos direta ou indiretamente com a Educação. Foi possível perceber que, na nossa rotina de trabalho, houve mudanças de atitudes em relação a como desenvolvemos nosso trabalho de inclusão com nossos alunos. Através da formação, conseguimos compartilhar experiências em vários contextos, visões e funções. Assim, transformamos nossas práticas, tornando-as mais leves e distribuindo a responsabilidade da inclusão.

Andressa Onorio da Silva Oliveira, Erineia Stein, Juliana Caetano Schwanbach, Rosalinda Schreider e Valéria Aparecida Gonçalves Caetano
Santa Maria de Jetibá-ES

A formação continuada vem para somar com todos os funcionários. Quando se coloca num mesmo ambiente todos os membros que compõem o corpo escolar, conseguimos observar o que nem sempre é dado o devido cuidado. Quando reunimos desde o professor até o zelador, temos espaço para o diálogo que estamos realizando hoje, com pessoas em diferentes funções, a partir de um universo de situações que ocorrem no dia a dia. Com a colaboração de todos, aos poucos, conseguimos suprir certas demandas de situações que ocorrem na sala de aula. O comportamento do aluno oscila dependendo de com quem ele interage. Por sua vez, tendo o acompanhamento de todos os funcionários, podemos auxiliar na melhor maneira de educar esses alunos.

Julia Bremenkamp Soares Bromerschenkel, Langelly dos Santos Peixoto, Sulismar de Jesus Monte e Thyago Barcellos
Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da formação continuada tem sido muito gratificante e enriquecedor, pois tem preparado a equipe para agir e ter abordagem adequada para os momentos de crise, em que todos pensam em desistir; você está ali. A expectativa que temos com a formação com toda a equipe escolar é que possamos proporcionar inclusão na prática e, assim, ter abordagens assertivas para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos especiais. O objetivo é estar sempre avançando, aprendendo a lidar com cada desafio que nos é proposto, observando o comportamento, os gestos, o olhar de cada criança. Tem sido crescente, em nós, o desejo de pegar pela mão e abraçar cada causa que nos é proposta nessa caminhada.

Debora Machado Gadelha von Muhlen, Elzeni Costa dos Santos, Jovana Maurício de Oliveira Domingos e Kézia Rosa de Azevedo Mayer
Santa Maria de Jetibá-ES

Para o nosso grupo, participar da formação continuada foi uma experiência muito boa. Muito aprendizado, muitas formas de trabalhar, acolher, enfim, de aprender com o novo. Todas as pessoas que trabalham na escola estão diretamente ligadas à Educação Especial e que cada um, em sua função, tem um papel crucial na área que atua. Todos são importantes e fundamentais na Educação. Nossa visão, antes da formação, era limitada. Hoje, ampliamos nossos conhecimentos; percebemos que todo estudante

é capaz de ter progresso no aprendizado, alguns mais cedo, outros com um tempo maior. Nós nos sentimos privilegiados por tanto conhecimento, nossas práticas estão mais aprimoradas. Temos certeza de que esse conhecimento está repercutindo no nosso dia a dia.

Alaiane Carolina Haese, Cherliane Casagrande Francisco, Eliana Brandt, Evelania Ebert e Sonia Dettmam Schroider
Santa Maria de Jetibá-ES

Em diálogo com o grupo, concordamos que, em nenhum momento, fomos desvalorizados em realizar o curso de formação continuada com outros servidores; pelo contrário, acreditamos que oportunidades assim fazem com que nos tornemos mais fortes e unidos, em conjunto, gerando maior efetividade no processo de educação dos estudantes com necessidades no processo educacional específico e demais alunos. Esses momentos de formação estão sendo enriquecedores, pois a troca de experiências entre professores, auxiliares de Educação Especial, motoristas, auxiliares gerais e outros servidores gera a sensação de responsabilidade geral para com todos os alunos de forma igualitária, deixando claro que o aluno não é apenas responsabilidade do professor regente ou do auxiliar, mas de todos que fazem parte da comunidade escolar.

Deyse Boldt Foesch, Dulcinea Vidoto Vieira Hammer, Larissa Lichtenheld Neumann, Maria Margarete Pereira, Marta Pereira da Silva Zumach, Simone Berger da Silva e Suryane dos S. da Silva
Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da formação foi uma experiência muito significativa para nós, professores. Estar ao lado de profissionais de diferentes funções da escola ampliou nossa compreensão sobre a complexidade do trabalho inclusivo e como cada área contribui para garantir o direito à aprendizagem dos estudantes. A inclusão não é tarefa isolada, mas um esforço coletivo que envolve diálogo e escuta sensível. Sentimos que o nosso valor não está apenas no diploma que possuímos, mas na capacidade de construir conhecimento junto com outros profissionais em prol de uma escola inclusiva.

Bruna Raiane Ficke Dettmann Oliveira, Flávia Kruger Tirola, Jessica Celeste Jacob Ponath e Michelle Holz
Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da formação junto com profissionais de diferentes funções foi uma experiência de grande relevância para nós, professores. Esse momento coletivo ampliou nossos olhares e trouxe novas possibilidades de compreender a dinâmica escolar. Além disso, a formação nos proporcionou vivências que favorecem a empatia, o respeito e a valorização de diferentes vozes que fazem parte do ambiente escolar. Assim, nós conseguimos compreender os desafios enfrentados pelos outros colegas.

Katiane Bernardino Daleprane, Letícia Lorenzon Galão, Mariane Binda de Oliveira, Monalisa A. Sobrinho e Nilton Capaz
Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da Formação Coletiva com os demais profissionais foi motivador e de grande importância para o crescimento profissional, melhorando o funcionamento da escola com olhar diferenciado dos estudantes. Quando todos estão envolvidos com objetivos semelhantes, alcançamos melhorias para alunos, escola e família. Os sentimentos despertados com a formação coletiva tendo o estudante como pertencente integralmente a todos da escola, não somente do professor regente de Educação Especial ou auxiliar. Somos parte fundamental para que o envolvimento e a garantia de direitos para a Educação de fato aconteçam com a participação de todos que fazem parte desse processo.

Francielem Zocatelli, Renata Ott Bolsoni e Rubia Aparecida Vittore
Santa Maria de Jetibá-ES

Participar das formações vem sendo muito importante, principalmente a troca de experiência que nos ajuda a compreender e entender melhor nossas crianças e ter um olhar diferente para realmente buscar uma inclusão verdadeira.

Adiana Krause
Santa Maria de Jetibá-ES

Para nós, participar da Formação Continuada Coletiva junto com todos os servidores da escola foi uma experiência muito enriquecedora. Sentimos que esse momento possibilitou uma visão mais ampla do papel que cada profissional desempenha no processo de inclusão, reforçando que

todos, independentemente da função, contribuimos para o acolhimento e a permanência dos estudantes com deficiência. Ao longo dos encontros, percebemos que nossas ações cotidianas, muitas vezes simples, fazem parte de um esforço coletivo que impacta diretamente o desenvolvimento e a participação dos alunos.

As discussões, trocas de experiências e reflexões realizadas em grupo nos ajudaram a compreender que a inclusão não se resume às adaptações pedagógicas, mas envolve atitudes, escuta ativa, respeito às diferenças e colaboração constante entre os profissionais. Sentimo-nos fortalecidos enquanto equipe, pois a formação nos permitiu dialogar, compartilhar desafios e reconhecer que a prática inclusiva é um processo contínuo. Essa vivência transformou nosso olhar, mostrando que a inclusão se constrói coletivamente, no dia a dia da escola, e que pequenos avanços são importantes conquistas para garantir o direito de todos à aprendizagem e à participação.

Angélica Gabresche Aistow Almeida Mônica Rasch Gama e Cristiane Benetiz Krause Leal
Santa Maria de Jetibá-ES

Para nós, enquanto equipe, participar da formação continuada está sendo uma experiência muito especial. Estarmos reunidos nos fez sentir que fazemos parte de algo maior, em que cada pessoa, cada função, cada gesto importa. Durante a formação, tivemos muitos momentos de troca, nos fazendo enxergar o nosso trabalho com mais sensibilidade, atenção e humanidade. Sentimos que assim somos capazes de crescer juntos, não apenas como profissionais, mas como pessoas. Entendemos que cada um tem seu próprio jeito de se comunicar, sentir e aprender, e cabe a nós acolhê-los com paciência, empatia e sensibilidade. Saímos dessa formação com o coração aquecido e com a certeza de que nosso trabalho faz diferença na vida de cada criança. Voltamos à escola mais unidos, fortalecidos e com o compromisso renovado, de criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo para todos os nossos alunos.

Bruna Helena Comper, Rosineia Rodrigues da Silva e Gilmara Brum de Souza
Santa Maria de Jetibá-ES

Compreender que a inclusão não é um ato que acontece apenas dentro das quatro paredes da sala de aula, nem é de responsabilidade exclusiva do professor regente ou do professor de apoio, mas que também depende da sensibilidade e da ação de cada adulto que o estudante encontra em seu percurso escolar, mudou profundamente a forma como me percebo no trabalho. Entendi que meu papel como educador vai além de ensinar matemática ou português; é também sobre colaborar com toda a equipe para garantir que cada aluno, especialmente aquele com deficiência, se sinta pertencente e amparado em todos os momentos do dia escolar. Percebi que o meu trabalho ganha um sentido coletivo e muito mais amplo quando alinhado ao trabalho de todos os outros profissionais da escola.

Bruna Joana Macetti Santiago
Santa Maria de Jetibá-ES

A formação continuada me mostrou que a inclusão não depende de uma única pessoa, mas de toda a equipe. Quando todos os profissionais têm acesso às informações e ao conhecimento, ficamos mais preparados para acolher os alunos com deficiência, que circulam por todos os setores da escola. Percebi também que a formação reforçou a importância da inclusão na escola. Precisamos garantir os direitos dos alunos e oferecer oportunidades reais de aprendizagem. Fiquei muito feliz ao ouvir funcionários dizendo o quanto a formação está ajudando a compreender melhor os alunos com deficiência. Muitos contaram que não imaginavam o quanto as famílias se esforçam para que seus filhos sejam acolhidos na sociedade com respeito e valorização. Para mim, essa formação aproximou ainda mais os profissionais e fortaleceu a verdadeira ideia de inclusão: todos juntos, aprendendo e construindo uma escola mais acolhedora.

Cathia Bianca de Oliveira Teixeira
Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da Formação Continuada junto com os demais servidores da escola foi muito importante para o nosso aprendizado. Esse momento nos ajudou a entender melhor o papel de cada profissional na inclusão dos estudantes com deficiência e como o nosso trabalho faz toda a diferença no desenvolvimento deles. Durante a formação, aprendemos novas formas de

olhar para as necessidades dos alunos e refletimos sobre o nosso trabalho. Também percebemos que, quando toda a equipe trabalha unida, conseguimos criar um ambiente mais acolhedor, inclusivo e fortalecedor para todos.

Charliane Costa dos Santos e Rosana Haese

Santa Maria de Jetibá-ES

Foi muito importante ter essa oportunidade de participação na Formação. Momento rico de aprendizagem, pois vivenciamos, no nosso cotidiano escolar, diversas situações em que, muitas vezes, não sabemos como agir. Enfim, a formação possibilitou refletir sobre nossas ações, bem como ter outro olhar e perceber aos estudantes com deficiência.

Cilmara Ribeiro Correia

Santa Maria de Jetibá-ES

Para o nosso grupo, participar da Formação Continuada Coletiva junto a profissionais de diferentes funções da escola foi uma experiência muito importante. Percebemos como cada servidor contribui de maneira essencial para o acolhimento e a inclusão dos estudantes com deficiência. Esse momento nos fez valorizar ainda mais nosso próprio trabalho e o trabalho dos colegas, entendendo que a inclusão acontece quando todos atuam juntos. Aprendemos a olhar o aluno com mais sensibilidade e a fortalecer a colaboração no dia a dia da escola.

Débora Rodrigues da Silva Contarelli, Angela Baratella e Margarete Ferreira dos Santos

Santa Maria de Jetibá-ES

A participação na formação foi muito significativa e trouxe novos entendimentos sobre a Educação Inclusiva. Ao longo do processo, foi possível aprofundar conhecimentos sobre legislação, diretrizes e políticas de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva e compreender melhor as necessidades e formas de adaptação que podem ser aprimoradas. De modo geral, a experiência contribuiu para uma atuação mais segura, sensível e intencional, reforçando a ideia de que a inclusão é de responsabilidade de toda comunidade escolar.

Edilane C. da C. Nitz, Edivania Nitz Braun, Madalena Braun Nitz e Angela Schneider

Santa Maria de Jetibá-ES

Está sendo muito enriquecedor para o meu currículo profissional participar da formação e colocar em prática, uma vez que auxilia diretamente em sala de aula os alunos (PCDs). No entanto, também considero de suma importância que todos os profissionais da escola participem, por sermos uma equipe independentemente da função. Com tudo isso, os nossos alunos terão mais qualidade no acolhimento e compreensão das suas necessidades, desde sua entrada no transporte, chegada, permanência em sala, horário do lanche e demais atividades laborais que estão inseridas no ambiente escolar.

Eliana Wofgran

Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva ao lado de profissionais de diferentes funções da escola já é uma experiência muito significativa para mim. Percebi que, apesar de cada um ter um papel específico, todos nós contribuímos diretamente para o aprendizado, o acolhimento e a participação dos estudantes com deficiência. Escutar a visão de outros setores me fez ver como o nosso trabalho se conecta e como pequenas ações fazem a diferença no processo da inclusão.

Emanuela Covre de Aquino Rocon

Santa Maria de Jetibá-ES

O trabalho desenvolvido foi importante para o crescimento na área e conhecimento dos valores apresentados. A cada encontro, tudo leva a mais informações a serem desenvolvidas, a mais valor às crianças e a como podemos ser uma adaptação muito importante para o melhor trabalho na escola.

Evandro Kurt

Santa Maria de Jetibá-ES

É importante que profissionais de diversas áreas e funções participem de formações, pois o estudante é da escola e não de determinado profes-

sor. O acolher ocorre em diversos momentos, pois o estudante convive em espaços além da sala de aula. Não é fácil o trabalho que desenvolvemos e, muitas vezes, nos sentimos impotentes diante dos desafios. Com a participação mais ampla, podemos nos sentir mais seguros, apoiados e valorizados. A inclusão precisa acontecer de maneira integral e real, e quanto mais nos envolvermos, mais colocamos em prática.

Fernanda Vicente de Freitas
Santa Maria de Jetibá-ES

Foi um momento muito oportuno de experiências e compartilhamentos de saberes que com certeza auxiliará muito todos os profissionais envolvidos no processo de acolhimento e aprendizagem dos alunos com deficiência no ambiente escolar. Relatos e informações muito relevantes e importantes para uma Educação de equidade e qualidade para todos. Que essas formações sejam constantes para nos auxiliar no processo de uma Educação Inclusiva de qualidade, garantindo o direito de cada aluno e sua necessidade.

Idalia Schmidt e Jackson Ismeurik Piontkowsky
Santa Maria de Jetibá-ES

Para mim, participar da Formação está sendo muito gratificante, pois podemos trocar experiências e novos conhecimentos. Cada formação vem nos ensinando mais, pois cada profissional que passa nos ensina mais, também nos possibilita refletir sobre novas ações e novas estratégias, como saber lidar com novos desafios. Agradeço por cada encontro pois está sendo muito valioso para o nosso dia a dia.

Jéssica Behrend da Silva
Santa Maria de Jetibá-ES

Quem trabalha na rede de ensino escolar não consegue trabalhar sem ajuda do próximo. Essa forma está abrindo nossos horizontes, nos mostrando a necessidade do outro, a troca de ideias e dar continuidade ao trabalho que é nosso, sendo uma equipe na prática, tornando o ambiente de trabalho mais leve, trazendo melhores resultados, desde o acolhimento e desenvolvimento do trabalho com nossas crianças e adolescentes, trazendo resul-

tados positivos. Não importando qual cargo seja, o importante é a inclusão de cada membro da equipe e essa inclusão nos faz olhar o quanto o nosso trabalho é importante, nos motivando e valorizando, fazendo uma Educação Especial futura cada vez mais inclusiva e eficaz, sendo realizada na interação com a participação de um todo.

Jakeline Aguiar Mello, Jaqueline Dummer e Izaldina Xavier da Vitória
Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da formação junto com profissionais de diferentes funções da escola foi muito enriquecedor. Percebi que todos, independentemente da função, fazem parte do processo educativo e influenciam no acolhimento dos estudantes com deficiência. Isso mexeu com a forma como valorizo o meu trabalho e o trabalho dos colegas, porque compreendi melhor como cada um contribui para a inclusão. A troca de experiências ampliou meu olhar para as necessidades dos alunos e reforçou a importância do trabalho coletivo para uma escola mais inclusiva.

Jaqueline da Conceição Cardoso, Patrício João dos Reis Oliveira, Sandra Paula Xavier Oliveira e Nelcília Aparecida da Conceição Cardoso
Santa Maria de Jetibá-ES

Para que um ambiente seja acolhedor e inclusivo, é fundamental reconhecer e valorizar o papel essencial de cada pessoa que compõe a escola, desde o motorista até a diretora. O aluno aprende que o respeito não vem só do professor, mas também da mão amiga do monitor do ônibus e da paciência da tia da limpeza. O funcionário que não é professor aprende que seu trabalho tem um impacto direto e pedagógico na vida do estudante. A inclusão não é um favor prestado, mas um direito e uma oportunidade de crescimento mútuo. Ninguém é menos importante. Ao reconhecer o valor do trabalho de cada um, criamos um ambiente onde todos podem aprender uns com os outros, celebramos a diversidade como um recurso e garantimos que a escola seja, de fato, um lugar onde cada passo, em qualquer função, contribui para um futuro mais justo e humano.

Jaqueline Posmozer, Roziane Angeli Sarnaglia, Silezia Wilker, Thayana Bernadino Carneiro e Marcelia Agner Jacob
Santa Maria de Jetibá-ES

Foi muito gratificante e importante reafirmar a necessidade de que toda a comunidade escolar se envolva no processo de inclusão. A criança com deficiência é responsabilidade de toda a escola, não apenas do professor ou do auxiliar. Desde a forma como a alimentação é servida, considerando seletividades e sensibilidades, até o olhar atento do vigilante em momentos de crise, a receptividade das famílias e crianças, todos contribuem para a construção de um ambiente inclusivo. Além disso, foi profundamente emocionante observar o engajamento de todos durante a formação. Ver cada setor da escola participando, escutando, refletindo e se dispondo a aprender revela o compromisso coletivo que fortalece ainda mais a inclusão. Esse envolvimento demonstra que estamos construindo uma escola mais humana, consciente e preparada para acolher todas as crianças. Diante disso, reforçamos a importância da informação, do conhecimento e da formação continuada para que a inclusão aconteça de maneira efetiva, respeitosa e transformadora.

***Julia Angelica Venturini, Luciana Jesus da Silva e Magda Mara Trindade
Pereira Medeiros***

Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da formação continuada junto com os servidores que atuam na escola foi uma oportunidade valiosa de aprendizado e troca. Foi um momento de acolhimento e engajamento em um mesmo propósito: fortalecer essa matéria coletiva. Compartilhamos novas estratégias, refletimos sobre inclusão e entendemos melhor a importância de uma postura sensível, colaborativa e responsável. A formação contribuiu de forma significativa para que nos tornássemos mais conscientes do nosso papel e mais preparados para colaborar com a construção de uma escola inclusiva.

Lailane Conquista Gonçalves

Santa Maria de Jetibá-ES

Acredito ser muito importante que uma formação sobre o trabalho com crianças especiais inclua todos os servidores da Educação, não apenas aqueles que lidam diretamente com elas. Quando toda a equipe recebe orientação, o resultado é um ambiente escolar mais acolhedor e preparado. Às vezes, um funcionário que não trabalha diretamente com a criança

pode ser justamente a pessoa que terá contato com ela em momentos inesperados, e estar preparado faz a diferença. Cada profissional passa a compreender melhor as necessidades das crianças, suas características e o que pode ser feito para garantir mais segurança, respeito e bem-estar. Por isso, acho válido que a formação seja para diferentes servidores.

Layla da Silva Antunes

Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva, juntamente com profissionais de diferentes funções da escola, é uma experiência enriquecedora. O encontro possibilita uma compreensão mais ampla e integrada do papel de cada membro da equipe no processo de inclusão, reforçando a ideia de que esse trabalho não se limita apenas ao professor, mas envolve toda a comunidade escolar. A troca de vivências e perspectivas entre professores, gestores, auxiliares, equipe pedagógica e demais profissionais amplia nosso olhar sobre as necessidades dos estudantes e sobre os caminhos possíveis para garantir uma Educação Inclusiva. Participar desse processo formativo confirma a importância do trabalho coletivo e reforça minha convicção de que a inclusão é construída diariamente, com sensibilidade, diálogo, estudo e parceria entre todos os profissionais envolvidos.

Marilza Aparecida de Sousa Ferreira

Santa Maria de Jetibá-ES

O fato de trabalharmos juntos, ao lado de profissionais de várias funções no campo educacional inclusivo é uma experiência, sem dúvida, cheia de trocas e aprendizado. Essa formação, de um modo geral, tem ampliado meus conhecimentos em relação à definição e aos ajustes para se ter uma escola inclusiva. Ao longo dessa formação, venho aprendendo para tirar as inseguranças e enfrentando as dúvidas com as trocas de experiências. Unir os outros profissionais nos fez compreender a importância das ações e como elas se complementam. Agora com mais sensibilidade, consciência e colaboração, nos sentimos parte integrante de uma Educação Inclusiva de profissionais conscientes e experientes.

Lusiane Gozzer, Gabriela dos Passos Dias e Guerlinda Westphal Passos

Santa Maria de Jetibá-ES

Achamos muito importante a participação e envolvimento de todos da escola, para acolher todos que necessitam, a formação continuada traz informações muito importantes para o desenvolvimento de nossas áreas. Com prática e aprendizado, uma equipe bem-informada faz toda a diferença no dia a dia dessas crianças. Juntos podemos mais.

Madalena Aparecida Trancoso e Lucineia da Silva Tomas

Santa Maria de Jetibá-ES

A participação na Formação Continuada Coletiva proporciona uma importante reflexão sobre o trabalho que realizamos na escola e ajudou a compreender ainda mais os estudantes com deficiência, pois a inclusão acontece nos detalhes, na paciência, no afeto e no respeito ao tempo de cada um. Saio dessa formação com o coração mais aberto e com a certeza de que trabalhar em conjunto faz toda a diferença, pois vejo a escola como um lugar de parceria, e os estudantes com deficiência precisam apenas de oportunidades e de pessoas que acreditem neles.

Marcileia Aparecida Bridi Sperandio

Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da formação continuada junto com todos os servidores da escola é uma grande oportunidade para trocar experiências do cotidiano da vida escolar dos estudantes com deficiência. Cada encontro nos dá a oportunidade de novos conhecimentos e nos ajuda a melhorar, lidar e entender melhor as diferenças de cada um. Cada servidor da escola é muito importante, desde o motorista, as cozinheiras, a limpeza, a secretária, professores, todos compõem um papel importante para um bom funcionamento da escola, juntamente com os auxiliares, professores, supervisores e diretores. Cada um com suas experiências, diversidade de ideias, só traz benefícios para o bom funcionamento da escola.

Maria Aparecida Pereira da Silva

Santa Maria de Jetibá-ES

Para nós, participar da Formação Continuada Coletiva junto com todos os servidores da escola foi uma experiência muito significativa. Pudemos perceber melhor como cada pessoa, em sua função, contribui para

o acolhimento e para a inclusão dos estudantes com deficiências. Essa troca ampliou nosso olhar e me fez valorizar ainda mais meu trabalho e o trabalho dos colegas. Sentimos que todos fazemos parte de um mesmo propósito, e isso nos deixou mais conscientes e motivados a agir com mais cuidado, respeito e sensibilidade no dia a dia escolar.

Marlene Butz Becalli e Marineia Rodrigues de Coma Dominicini
Santa Maria de Jetibá-ES

Está sendo uma experiência muito boa, na qual estou adquirindo mais conhecimento. Está ampliando a minha visão como um todo na troca de experiência, estou vendo por outro ângulo os estudantes, a escola em si. Por mais que já tivesse essa visão, estando todos juntos amplia e muda muito mais nosso conhecimento e podemos ver que realmente estamos ali para um bem maior que é o bem-estar do aluno, o acolhimento e o desenvolvimento.

Michele Holz Potim
Santa Maria de Jetibá-ES

Foi, para nós, muito gratificante poder participar dessa formação. Aprendemos que a inclusão não depende apenas das práticas pedagógicas, mas também da postura e sensibilidade de todos que fazem parte do ambiente escolar. Ouvindo as experiências dos colegas, ampliamos nosso olhar, entendemos que pequenas atitudes no cotidiano podem facilitar muito a participação plena dos estudantes com deficiência. Também percebemos que a inclusão acontece de forma mais efetiva quando existe colaboração, respeito e troca entre todos os servidores.

Helaine da Costa Manske e Diuzinara de Jesus Pereira Oliveira
Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da formação com profissionais de outras funções foi uma experiência muito positiva para mim. Sempre valorizei o trabalho de cada um, porque sei que cada função é essencial para o aprendizado e o desenvolvimento dos estudantes com deficiência. A formação só reforçou ainda mais isso: quando todos participam de forma honesta, unida e colaborativa. Esse momento me fez olhar o trabalho na escola com ainda mais

respeito e perceber como cada papel se completa. Aprendi muito e saí da formação mais consciente da importância de trabalharmos juntos.

Nazareth Dalcomini Loureiro Queiroz

Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva foi uma experiência muito rica e especial. Durante o processo, percebemos como é importante o trabalho em equipe dentro da escola e como cada pessoa tem um papel essencial na aprendizagem dos alunos. Sentimos gratidão, pois, ao colocar em prática o que aprendemos, entendemos melhor o valor do trabalho coletivo. Aprendemos que tudo se torna mais leve quando estamos unidos pelo mesmo propósito. Tudo se torna uma rede de apoio e traz leveza ao espaço escolar e, assim, podemos vivenciar o que realmente nos é apresentado em nossa Formação Continuada, tornando a inclusão algo real, humano e transformador.

**Rosileia Kumm Clemes, Lucimara Kuster de Souza, Bianca Schwambach
Gonçalves e Angelita Ristow**

Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da formação junto com profissionais de diferentes funções da escola foi uma experiência enriquecedora. Pude perceber de forma mais concreta como o trabalho coletivo influencia diretamente o desenvolvimento dos estudantes e o sucesso das atividades. Essa vivência me levou a refletir sobre meu papel como professora, reconhecendo que ensinar não é uma ação isolada, mas parte de um processo colaborativo em que cada profissional desempenha uma função importante. Essa experiência evidenciou que o aluno é parte integrante da escola e que devemos assegurar o respeito aos seus direitos, garantindo igualdade de oportunidades de aprendizagem para todos.

Sueli Holz

Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da Formação Continuada junto com todos os servidores da escola e da rede municipal foi um momento muito significativo para mim. Durante o curso, pude refletir sobre minha prática diária, perceber a im-

portância de cada profissional no processo de inclusão e compreender que pequenas atitudes fazem grande diferença na vida dos estudantes com deficiência. Me senti mais sensibilizado e motivado a olhar cada aluno de forma individual, respeitando seus limites, potencialidades e tempo de aprendizagem. Essa formação contribuiu para ampliar meu olhar sobre o trabalho coletivo, reforçando a importância do diálogo, do acolhimento e da empatia no cotidiano escolar, o que certamente influenciou de forma positiva minha atuação na escola.

Handerson Duque de Lima

Santa Maria de Jetibá-ES

Participar dessa formação, para mim, foi muito bom, estou abrindo meus caminhos com as experiências que adquiri até hoje, profissional de alta capacidade, muito completa. Tudo isso está me ajudando no meu trabalho do dia a dia. Espero conquistar muito ainda nesse decorrer do curso. O aprender não ocupa lugar, sempre enche nossos corações. Amo o que faço. A Educação Especial me fez me dedicar mais às pessoas que vivem ao meu redor. Espero que tenha muito ainda a aprender até o final.

Zilnete Demoner Malavasi

Santa Maria de Jetibá-ES

Participar do curso foi essencial para aprender mais sobre como garantir que os alunos com deficiência também tenham oportunidades de participar de todos os momentos proporcionados na escola. Estar com diversos profissionais foi muito bom, pois a troca de experiência é essencial para que todas as funções também consigam participar do processo de inclusão, que precisa ser prioridade nas escolas. Me senti muito realizada por fazer parte do curso com pessoas que têm tanto a contribuir. Acredito que todos, de alguma forma, começaram a ter um novo olhar para os estudantes com deficiência. Pude participar e presenciar várias ações nas escolas que trouxeram a importância da inclusão para todos. O efeito gerado pelo curso foi muito produtivo.

Lorrayne Machado da Luz

Santa Maria de Jetibá-ES

A formação continuada é fundamental no cotidiano escolar para os profissionais da Educação, englobando leituras, trocas de experiências, diálogos a respeito da criança, suas necessidades, suas diferenças. Esse conjunto traz para o profissional da Educação — seja ele, professor, diretor, auxiliar de AEE, equipe da limpeza, professor de AEE — um olhar diferente para a criança. Acredito também que a escuta dessas crianças, como também de seus familiares, se torna mais ativa através das formações. Vivemos dias de muitas mudanças no chão da escola, vivências que não tínhamos antes, e que pede de todos os profissionais da Educação estudo. Daí a importância de aprimorar nossos conhecimentos, acolher as famílias com momentos de escuta. Uma consideração que é relevante para compartilhar aqui: tivemos diferentes profissionais participando da formação anterior, ouvi bons relatos, mais atenção com as crianças pequenas, seguida de um olhar diferente com as crianças na escola.

Marluce Fardim

Santa Maria de Jetibá-ES

A Formação Continuada Coletiva veio para confirmar e consolidar que a responsabilidade pela formação e inclusão do aluno com deficiência é um compromisso que se estende a todo o corpo docente e funcional da escola, abrangendo muito mais do que apenas os professores de sala de aula, professores de AEE e Auxiliares. Essa abordagem coletiva reconhece que o processo de acolhimento e desenvolvimento do estudante começa antes mesmo de ele chegar ao portão da escola.

É fundamental o papel dos motoristas e monitores, que são os primeiros a estabelecer o contato diário com o aluno e sua família, buscando-os na porta de casa e garantindo um transporte seguro e acolhedor. Da mesma forma, as merendeiras desempenham uma função essencial, pois preparam a alimentação com o cuidado de considerar as necessidades específicas, muitas vezes lidando com a seletividade alimentar. A Formação Coletiva, portanto, não é apenas um treinamento, mas sim uma ferramenta estratégica para solidificar a escola como uma rede de apoio completa e multidisciplinar.

Uêndina Maria Schefer Cabral

Santa Maria de Jetibá-ES

Participar da Formação Continuada junto com todos os servidores da escola foi, para mim, uma experiência muito enriquecedora. Estar no mesmo espaço com professores, equipe pedagógica, motoristas, merendeiras, auxiliares, cuidadores, secretaria e serviços gerais fez com que eu me sentisse parte de um grupo maior, no qual todas as funções têm valor e importância. Senti-me acolhida, respeitada e ouvida, percebendo que meu trabalho como monitora escolar é reconhecido para o bom funcionamento da escola e para o desenvolvimento dos estudantes, inclusive aqueles com deficiência. Pude ampliar meu olhar sobre as necessidades dos alunos com deficiência, compreendendo melhor suas potencialidades e a importância de atitudes simples, como o acolhimento, a escuta e o cuidado no dia a dia. A troca de experiências com outros servidores foi muito importante, pois cada um contribuiu com sua vivência, fortalecendo as redes de apoio dentro da escola. Após essa formação, passei a enxergar meu trabalho de forma mais consciente e comprometida.

Regiane Raimundo dos Santos Possati
Santa Teresa-ES

Participar da Formação Continuada com todos da escola foi uma experiência muito boa para mim. Mesmo sendo auxiliar de serviços gerais, me senti acolhida e parte do grupo. Foi um momento importante de aprendizado, em que pude ouvir, refletir e entender melhor a importância de cada funcionário dentro da escola. Aprendi que todos nós contribuimos para o bom funcionamento da escola e para o cuidado com os estudantes. A formação também mudou meu jeito de olhar para os estudantes com deficiência, pois passei a entender melhor a importância do respeito, da paciência e da inclusão no dia a dia. Percebi que pequenas atitudes fazem diferença e que o trabalho de todos os servidores é importante.

Diva Hoffmann
Santa Teresa-ES

Para mim, participar da formação junto com profissionais de diferentes funções da escola foi uma experiência muito importante. Poder ouvir e compartilhar vivências com diretores, supervisores, pedagogos e coordenadores ampliou meu olhar sobre o trabalho pedagógico e a gestão escolar. Essa ex-

periência despertou em mim sentimentos de aprendizado, parceria e valorização do trabalho coletivo, além de motivação para fortalecer o diálogo e a colaboração no cotidiano da escola. Senti que, juntos, podemos construir práticas mais coerentes e significativas para a aprendizagem dos estudantes.

Natalia de Freitas Hilgert

Santa Teresa – ES

Participar da formação com profissionais de outras funções da escola, estar em um espaço de escuta e troca com gestores, coordenadores, funcionários de apoio e outros educadores ampliou meu olhar sobre o funcionamento da escola. Em alguns momentos, isso mexeu com a forma como me percebo no trabalho, ao entender que meu papel ganha mais sentido quando articulado com o dos demais profissionais. Houve também reflexões sobre meu valor enquanto professora, não no sentido de perda, mas de ressignificação: passei a compreender melhor minhas responsabilidades, limites e contribuições dentro de um projeto maior. Essa vivência fortaleceu meu sentimento de pertencimento à equipe escolar e reafirmou a importância do respeito e da colaboração entre diferentes funções para a qualidade do trabalho pedagógico.

Margareth Jejesky

Santa Teresa-ES

A participação em uma Formação Continuada Coletiva, envolvendo profissionais que atuam em diferentes áreas da escola, possibilitou compreender que a efetivação da inclusão escolar depende do trabalho articulado entre todos os integrantes da comunidade escolar, não sendo uma atribuição exclusiva da Educação Especial. Inicialmente, o contato com profissionais de funções distintas gerou certo desconforto e questionamentos quanto aos objetivos dessa interação. No entanto, com o desenvolvimento dos encontros, foi possível reconhecer o valor dessa troca, especialmente no fortalecimento das relações profissionais e na redução do sentimento de isolamento que, por vezes, acompanha o trabalho do professor da Educação Especial.

Rosileni Totola

Santa Teresa-ES

Essa vivência coletiva fortalece a compreensão de que todos somos agentes formadores dentro da Educação Especial. Cada ação, cuidado, orientação e olhar faz diferença no percurso dos estudantes que necessitam de apoio. Ao assumir esse papel de forma conjunta, a equipe escolar amplia sua capacidade de acolher, ajudar e integrar todos os alunos, garantindo que cada criança seja recebida com respeito, empatia e oportunidades reais de participação. Assim, a formação conjunta reafirma que a inclusão é um trabalho diário, construído na colaboração, na sensibilidade e na responsabilidade de cada profissional. Quando todos se reconhecem como parte interna e indispensável desse processo, a escola se transforma em um espaço mais humano, acessível e comprometido com o direito de todos aprenderem e vivenciarem plenamente seu desenvolvimento.

Maria das Graças Possatti
Santa Teresa

Participar dessa Formação Continuada Coletiva com todos os servidores da escola foi uma experiência que reforçou e validou minha prática profissional preexistente. Senti afirmação na crença de que a educação, a inclusão e o bem-estar do aluno são responsabilidades compartilhadas por todo o corpo escolar. A formação serviu como um momento de alinhamento e aprofundamento teórico dessa prática colaborativa que já considero essencial. A comunicação assertiva e o respeito ao papel de cada servidor são os pilares que sustentam sua identidade profissional, permitindo que processos formativos somem conhecimentos sem desestabilizar os valores éticos e de cooperação já praticados.

Vanusa Aparecida Bertelli Cuzzuol
Santa Teresa

Para mim, os encontros presenciais e *on-line* têm sido de grande aprendizado, pois tive a oportunidade de aprender mais, passar alguns conhecimentos do meu cotidiano para as pessoas as quais me pediram e vice-versa. No meu ponto de vista, não se trata de quem sabe mais ou quem sabe menos, pois a todo momento nos deparamos com alguma situação que nos leva a procurar ajuda. Sabendo que a inclusão não basta só incluir, precisa saber lidar com toda situação, saber compreender as necessidades do in-

divíduo, entender que no momento de crise, é preciso esperar o conflito se acalmar, para que haja uma boa comunicação.

Teresinha Dias de Jesus Comper

Santa Teresa

Como professora de Educação Especial, participar da Formação Continuada Coletiva junto com profissionais de diferentes funções da escola foi uma experiência muito positiva. As trocas possibilitaram ampliar o olhar sobre o dia a dia e sobre os processos de inclusão, evidenciando que cada profissional, a partir do lugar que ocupa, contribui para o acolhimento, o cuidado e o desenvolvimento dos estudantes público da Educação Especial.

Considero relevante o fato de a formação ter favorecido a construção de responsabilidades compartilhadas, fazendo com que a inclusão deixasse de ser vista como uma tarefa isolada e passasse a ser discutida de forma coletiva, fortalecendo o trabalho pedagógico na escola.

A Formação Continuada Coletiva também reforçou a importância das Redes Coletivas de Aprendizagem, mostrando que o diálogo e a cooperação entre os diferentes profissionais potencializam as práticas inclusivas. Essa vivência ampliou meu sentimento de pertencimento e valorização profissional, além de fortalecer a compreensão de que a inclusão escolar se constrói no cotidiano, por meio do trabalho conjunto e do reconhecimento da importância de cada função dentro da escola.

Daiany Strelon Zortéa

Santa Teresa-ES

Para mim, foi uma experiência positiva participar da formação junto com profissionais de outras funções da escola. No começo, causou um certo estranhamento, mas, com o tempo, percebi como é importante ouvir diferentes pontos de vista. Isso me fez entender que a inclusão não é responsabilidade só do professor, e sim de toda a escola. Me senti mais apoiada, valorizada e com a sensação de que não estamos sozinhos nesse processo.

Diana Rocon Demuner Dalmonech

Santa Teresa-ES

A construção das Redes Coletivas de Aprendizagem tornou-se visível na prática: nas conversas mais abertas, na escuta atenta, no respeito às diferentes trajetórias e na valorização de cada profissional. Isso impactou positivamente minhas relações dentro da escola e também a forma como me posicionei diante dos desafios da inclusão, agora compreendidos como um compromisso institucional e não individual. Assim, a Formação Continuada Coletiva se mostrou um espaço potente de aprendizagem, ressignificação e fortalecimento do trabalho docente. Ao integrar diferentes profissionais, ela reafirma que a inclusão se constrói no coletivo, no diálogo e no reconhecimento de que todos somos essenciais no processo educativo.

Juliane Corbellari Bridi
Santa Teresa-ES

Durante esse ano, a participação na formação em Educação Especial foi uma experiência enriquecedora para minha trajetória pessoal e profissional. O contato com profissionais que exercem diferentes funções no ambiente escolar possibilitou reflexões importantes sobre inclusão, responsabilidade e trabalho coletivo. Para mim, foi de excelência vivenciar trocas de experiências, nas quais o diálogo e a escuta contribuíram para um aprendizado significativo.

Como monitora escolar, estagiária e estudante de Pedagogia, foi muito importante adquirir novos conhecimentos e poder colocá-los em prática no cotidiano do trabalho, fortalecendo minha atuação profissional. Ao longo da formação, pude perceber o valor de cada colaborador da escola para a construção de uma formação de excelência, realizando uma entrega plena de nossos serviços e cumprindo nossos deveres enquanto funcionários. Levo comigo a certeza de que estou na profissão certa e que estou absorvendo conhecimentos de grande valor, que contribuirão de forma significativa para minha formação humana e profissional.

Suelyanne Sousa e Silva Milli
Santa Teresa-ES

A formação mostrou que a inclusão vai além do atendimento individualizado, sendo uma responsabilidade coletiva que envolve todos os profis-

sionais da escola, desde a sala de aula até os demais espaços educativos. Ampliei o olhar sobre as diferentes necessidades dos estudantes, no planejamento mais sensível às diferenças e na construção de um ambiente escolar mais acolhedor. As trocas de experiências entre profissionais de diversas funções enriqueceram o aprendizado e reforçaram a importância do trabalho em equipe. A partir dessa formação, tornou-se ainda mais claro que a escola tem um papel central na garantia do direito à aprendizagem e à participação de todos os alunos. Quando a escola se compromete com práticas inclusivas, cria-se um espaço de pertencimento, respeito e valorização das singularidades, promovendo uma educação mais justa e significativa para todos.

Simoni Ziviane Sarnaglia
Santa Teresa-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva junto com profissionais de diferentes funções da escola foi, para mim, uma experiência significativa e, ao mesmo tempo, desafiadora. Questionei-me sobre como as discussões acerca da inclusão escolar seriam conduzidas em um grupo tão diverso e se todos conseguiriam se reconhecer como parte desse processo. Essa sensação não esteve relacionada a uma comparação de funções, mas à ideia, construída ao longo de muitos anos, de que a responsabilidade direta pelas aprendizagens e pelos processos inclusivos recaía quase exclusivamente sobre o professor.

Com o decorrer dos encontros, no entanto, essa percepção foi se transformando. Passei a compreender com mais clareza que a inclusão não se limita à sala de aula ou às práticas pedagógicas, mas se concretiza nas relações cotidianas, nos cuidados, na organização da escola, no acolhimento dos estudantes e das famílias e nas múltiplas interações que ocorrem ao longo do dia. Assim, participar da Formação Continuada Coletiva com profissionais de diferentes funções ampliou minha compreensão sobre o trabalho na escola e sobre a inclusão como um compromisso coletivo.

Rosângela Jastrow
Santa Teresa-ES

Dentro de um ambiente onde temos tanta diversidade, é necessário que se tenha um bom convívio com todos, tornando muito mais fácil compartilhar o conhecimento; mesmo sendo de setores diferentes, a aprendizagem é necessária para torná-la flexível para o conhecimento. Sabemos que todos têm suas limitações, por isso, precisamos sempre estar nos aprimorando em sabedoria para ter um bom desenvolvimento no cotidiano em um ambiente escolar. Nessa formação, aprendemos a ouvir, compreender, lidar, compreendendo não só o aluno, mas também a família, pois, muitas vezes, também precisam de um amparo, de um auxílio e de acolhimento, sabemos que a Educação e a família são pilares para o sucesso da evolução dessa jornada.

Participar da formação com profissionais de diversas áreas foi uma experiência enriquecedora. Ver a escola sob a perspectiva de quem atua na secretaria, na limpeza ou na merenda me fez perceber que o processo educativo não acontece apenas dentro da sala de aula. Isso não diminuiu meu valor como professor: pelo contrário, reforçou a ideia de que sou parte de uma engrenagem em que todas as peças são fundamentais para o sucesso do aluno. Ampliou minha percepção de que somos todos educadores, independentemente do cargo.

Lucimar de Barros Pinheiro Santos
Santa Teresa-ES

**Célia Calote Horbert Blank, Edith Cristina F. Supriano, Mariana Madureira e
Wendria Vithória Filgueira Costa**
Santa Leopoldina-ES

Nossa experiência em participar dessa formação, juntamente com outros profissionais, nos fez refletir sobre a importância do trabalho desenvolvido em conjunto, pois a criação não é somente do professor, mas pertence a toda a comunidade escolar. Foi uma experiência enriquecedora, visto que, compartilhar o mesmo espaço formativo, com colegas que vivem outras rotinas e enfrentam desafios diferentes dos nossos, ampliou o nosso olhar sobre o funcionamento da escola como um todo. Percebemos, também, que cada setor trabalha, muitas vezes, de forma segmentada e, estarmos juntos, nesse processo, favoreceu a nossa compreensão de

que todos contribuamos de formas diferentes para alcançarmos o mesmo objetivo: o desenvolvimento do estudante.

Maria de Lourdes Feller Andrade, Scheila Cristina Marvila Ribeiro Veronez, Schirley Marvila Ribeiro Neves e Dailva Robens Lass Groner
Santa Leopoldina-ES

Foi de extrema importância participar, pois aprendemos com as diversas experiências de cada um, podendo, assim, absorver o conhecimento de todos. Através do curso, descobrimos como trabalhar com os alunos atípicos e, então, desenvolver um trabalho de excelência, podendo usar todo esse conhecimento no nosso dia a dia.

Gorete Goeger Rogge, Miriam Zanotti Araújo, Perla Maria Bernardino de Souza, Perla Tainara Pereira dos Santos e Werica Pereira Soares
Santa Leopoldina-ES

Para mim, está sendo uma experiência nova e, ao mesmo tempo, acho que é necessário meu aprendizado e poder compartilhar com os outros profissionais que no dia a dia labutamos. Nessa formação, quero buscar mais e maiores conhecimentos para o meu ambiente de trabalho e lidar com situações diversas no cotidiano. Esse momento mexeu comigo, pois acontecia isso e eu não tinha a visão de como agir em certas situações e agora vou procurar aprender e desenvolver essa prática no meu trabalho.

Fernando Luiz de Sá
Santa Leopoldina-ES

A Formação Continuada Coletiva oportunizou que todos nós, enquanto docentes, pudéssemos ouvir anseios, necessidades e orientações diversas acerca de funções e papéis distintos. Quanto ao nosso olhar em relação aos demais profissionais, foi de extrema relevância, pois independentemente do nível de escolarização, todos os profissionais da instituição são importantes e indispensáveis. Portanto, devemos manter um olhar de acolhimento e parceria com todos os profissionais da instituição, dando ênfase nas necessidades do educando, oportunizando-lhe uma formação de qualidade e integral.

Jessica Prasser, Marli Carvalho e Melidiane Fiorotti Coelho
Santa Leopoldina-ES

Participar da Formação Continuada junto com todos os servidores da escola foi uma experiência enriquecedora e transformadora. Esse momento de aprendizado coletivo não apenas ampliou meus conhecimentos, mas também fortaleceu os laços entre os profissionais que atuam em diferentes funções na escola. Desde o início, senti-me acolhida e parte de um grupo unido. A diversidade de funções representadas, desde professores até motoristas e auxiliares, trouxe uma riqueza de perspectivas que enriqueceu as discussões.

Essa experiência me fez refletir sobre meu papel na escola. Antes, eu focava apenas nas minhas responsabilidades específicas. Agora, percebo que a colaboração e a comunicação entre as diferentes funções são essenciais para criar um ambiente escolar inclusivo e acolhedor. A interação com outros servidores durante a formação fortaleceu as redes de apoio entre nós. Agora, sinto que posso contar com colegas de diferentes áreas para discutir desafios e buscar soluções conjuntas.

Patrícia Freire

Santa Leopoldina-ES

A participação na Formação Continuada tem grande importância na vida profissional devido ao acréscimo de ideias e valores para saber como lidar com alunos com deficiência; olhando de forma diferenciada, trabalhando de forma objetiva com cada situação, e aprendendo no dia a dia formas diferentes trabalhadas para cada tipo de situação e cada criança com uma necessidade especial. Com o acesso à informação que vem através do curso, nós, professores, pedagogos, auxiliares educacionais e serviços gerais, lidamos no ambiente de trabalho de forma mútua com situações do dia a dia de cada criança. Desde transporte, sala de aula, refeitório, no momento de sua alimentação e higiene pessoal, onde tratamos e trabalhamos em equipe e cooperamos para o bem-estar do aluno, como uma grande engrenagem na qual todos dependem um do outro para fazer um bom serviço. Reconheço a importância e valor de cada aprendizado tanto para vida profissional quanto pessoal.

Vanderlúcia Santos Barbosa

Santa Leopoldina-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva é uma oportunidade riquíssima de aprendizado e reflexão sobre a Educação Especial e Inclusiva. Enquanto professora e pedagoga, mas atualmente atuando como técnica da Secretaria de Educação, a formação nos leva a refletir principalmente sobre os aspectos da Formação Continuada, pois é nesse processo contínuo de aprender, no qual aprender, transformar-se e constituir-se profissional e pessoalmente acontecem de forma integrada na Formação Coletiva contribui de forma a produzir saberes coletivos e a demonstrar que todos são partes do processo, independentemente de sua função dentro do contexto escolar. Diante dessa diversidade de olhares e de aprendizados, percebemos que há conhecimentos distintos, mas todos são complementares. E que os momentos de formação fortalecem o trabalho colaborativo e o compromisso coletivo para uma Educação de qualidade.

Maica Bianca Kolhs

Santa Leopoldina-ES

A minha experiência com a Formação Continuada Coletiva promovida no nosso município pelo Gepipea/CNPq/Ufes, que trata sobre a inclusão escolar e o atendimento dos estudantes com deficiência, foi um grande feito na minha carreira, devido à experiência adquirida, ainda mais com servidores de várias áreas, assim como professores, auxiliares de serviços gerais, auxiliares de serviços educacionais, pessoas da administração escolar, porteiro escola, motorista e todos os envolvidos diretamente na Educação Escolar. Me ajuda a promover um bom entendimento sobre a questão dessas necessidades, por isso vejo que é uma proposta importantíssima que vou levar para minha carreira profissional e vida.

Eu aprendi muito nos encontros apresentados por várias pessoas de referência, isso é de enorme valia para a vida toda, inclusive a inclusão não foi apenas para os estudantes e sim também para nós servidores municipais. Estou muitíssimo grato pela oportunidade a mim proposta, e recomendo a todos os colegas que participem e não irão se arrepender, muito pelo contrário, vão agregar uma bela experiência de humanização, respeito e exercício da cidadania.

Arinaldo Barcelos de Paula

Santa Leopoldina-ES

A formação continuada está sendo uma grande experiência, o meu olhar mudou diante todo o aprendizado. A ideia de incluir todas as funções da escola foi excelente, pois trabalhamos em conjunto.

Yasmin Armelao André
Santa Leopoldina-ES

Participar da formação junto com profissionais de outras funções da escola foi, para nós, uma experiência significativa e, ao mesmo tempo, desafiadora no início. Acostumados com os processos de ensino e aprendizagem, especialmente no campo da Educação Especial e Inclusiva, inicialmente nos questionamos sobre como esse espaço coletivo, composto por diferentes trajetórias profissionais e níveis de escolarização, poderia contribuir de forma concreta para os desafios vivenciados cotidianamente na sala de aula. Com o avanço dos encontros, as experiências começaram a se conectar, fortalecendo nosso entendimento de que a inclusão é um compromisso coletivo, que exige diálogo, corresponsabilização e reconhecimento mútuo. Dessa forma, a participação nessa formação impactou positivamente a maneira como nos posicionamos profissionalmente. Sentimo-nos mais fortalecidos ao perceber que não estamos sozinhos e que o trabalho em rede amplia as possibilidades de intervenção e de cuidado com os estudantes.

Jaqueline Paiva Miranda e Keyth Barcelos Schmidel
Santa Leopoldina-ES

Participar da formação junto com profissionais de outras funções da escola foi uma experiência interessante. A proposta de pensar a Educação Especial e Inclusiva desde a perspectiva de todos os profissionais presentes na rede escolar da qual o aluno faz parte me fez perceber o quanto esse coletivo vai além do espaço escolar. Trouxe um novo olhar. Essa troca também me ajudou a ressignificar meu trabalho: entendi que incluir não é só adaptar atividades, mas construir relações, escutar mais e agir de forma articulada. Saí da formação me sentindo mais consciente de que, embora tenhamos dado passos significativos, ainda temos uma longa jornada para implementar uma Educação realmente inclusiva no nosso

município. Ainda assim, consciente de que não estamos sozinhos e de que as iniciativas já adotadas dão sinais de progresso nesta caminhada.

Sinara de Sousa Rangel

Santa Leopoldina-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva junto a profissionais de diferentes funções da escola foi, para mim, uma experiência significativa e, ao mesmo tempo, desafiadora. Em um primeiro momento, confesso que houve estranhamento: Não por desvalorização das outras funções, mas pela pergunta silenciosa que surgiu: como discutir questões tão diretamente ligadas à prática pedagógica com profissionais que não atuam diretamente em sala de aula? Esse questionamento, no entanto, foi transformado à medida que os encontros avançaram e as falas, experiências e escutas começaram a se cruzar de forma mais profunda.

Assim, a Formação Continuada Coletiva provocou uma mudança positiva na forma como me percebo e me posiciono no trabalho. Ela reafirmou o valor do professor, não como alguém isolado ou sobrecarregado, mas como parte de uma rede viva, diversa e interdependente. A experiência me fez valorizar ainda mais as outras funções, repensar meu papel como professor e fortalecer meu senso de pertencimento, contribuindo para uma atuação mais colaborativa.

Alexsander Lopes Hime

Itarana-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva junto a profissionais de diferentes funções da escola constituiu, para mim, enquanto pedagoga, uma experiência significativa e formativa. Ao longo da trajetória profissional, muitas vezes, os pedagogos assumem grande parte das demandas relacionadas à inclusão escolar, o que, não raras vezes, resulta na sensação de um trabalho solitário. Nesse sentido, a proposta de uma formação que reúne diferentes segmentos da escola possibilitou ampliar a compreensão sobre a importância da construção coletiva no cotidiano escolar. Dessa forma, enquanto pedagoga, compreendo que a Formação Continuada Coletiva vai além da ampliação de conhecimentos teóricos.

Ela possibilita a ressignificação das práticas, das relações profissionais e do olhar sobre o trabalho desenvolvido na escola, reafirmando que a inclusão e os processos de aprendizagem se fortalecem quando são construídos coletivamente, respeitando os diferentes tempos, trajetórias e funções que compõem o cotidiano.

Francineide Bezerra da Silva Blanck
Itarana-ES

A Formação Coletiva de Educação Especial e Inclusiva nos leva a refletir a respeito da nossa importância enquanto educadores, nas ações que visam desenvolver e aprimorar as habilidades de todos os educandos de forma igualitária, a fim de obter resultados satisfatórios por meio da nossa prática cotidiana. Além disso, dentre tantos pontos positivos, o que nos chama a atenção é o fato de vários profissionais estarem envolvidos nessa formação, é incrível ver não só professores, mas também motoristas, e auxiliares das diferentes áreas da escola, abraçando essa causa, em busca de conhecimentos na área da Educação Especial e Inclusiva.

Isso solidifica a ideia de que o aluno com necessidades educacionais especiais é de todos. Todos têm o importantíssimo papel de colaborar no acesso e na formação dele. Muitas barreiras já foram quebradas, ainda há muito o que se fazer, mas a certeza é de que passos estão sendo dados. É importante que cada um de nós busque o conhecimento para que possamos ser a ponte que leva cada ser humano a enxergar a beleza do mundo com seus próprios olhos.

Marcileia Ferreira Guedes e Elineia das Graças Dal'Col Dalboni
Itarana-ES

Por muito tempo, o professor foi visto como o único responsável pelo sucesso ou fracasso da inclusão. Participar de uma formação que rompe essa bolha e integra profissionais de diferentes funções, desde o setor administrativo até a limpeza e a merenda. É honesto admitir que a presença de profissionais com diferentes trajetórias de escolarização e funções distintas das pedagógicas pode causar um desconforto inicial. Como professor, é

comum questionarmos: “Como alguém que não está na regência de classe pode contribuir para o debate pedagógico da inclusão?”.

No entanto, essa convivência mexe com o nosso valor no trabalho à medida que percebemos que a nossa autoridade não é diminuída pela participação do outro, mas sim compartilhada. O fortalecimento das Redes Coletivas de Aprendizagem é o resultado direto dessa quebra de barreiras. O impacto positivo é a percepção de que a escola é um organismo vivo. Hoje, percebo que meu papel como professor ganha mais força quando é apoiado por uma comunidade escolar que fala a mesma língua. A formação coletiva não desvalorizou meu saber pedagógico, pelo contrário, deu a ele o suporte necessário para que a inclusão deixe de ser um esforço individual e se torne uma cultura institucional sólida e acolhedora.

Michele Cardoso Netto e Priscila Schullir Radins

Itarana-ES

A formação dos professores não se encerra na graduação ou licenciatura, ela deve ser contínua, pois a sociedade se transforma constantemente e os docentes precisam acompanhar essas mudanças para se adequarem às demandas que surgem. Sendo assim, a formação continuada é muito importante para que esses profissionais aprimorem suas práticas, aprendam novas metodologias, adequem-se às novas diretrizes da Educação, aprendam a utilizar a tecnologia em sala de aula, entre outros. A participação em formações conjuntas com profissionais de outras funções na escola geralmente é vista de forma positiva, pois promove o trabalho colaborativo e uma visão mais holística do processo educacional. Para muitos professores, essa experiência não diminui seu valor, mas sim o fortalece ao expandir sua compreensão do ambiente escolar e das contribuições de todos os envolvidos.

Sandra Helena Desabado, Vanderlucia Egert de Azevedo e Ana Maria Passos

Itarana-ES

É importante participar da formação junto com todos os profissionais, pois o aluno é de toda a escola. E cada profissional dentro do que faz precisa ter entendimento de cada deficiência e seus transtornos para que possa

lidar da melhor forma quando o aluno apresentar demandas diárias, como: seletividade alimentar, falta de rotina, interação social, ausência das atividades flexibilizadas. Mediante o conjunto de fatores, ele acionará um gatilho e gerará uma crise. Assim, se toda a comunidade escolar estiver entrelaçada ao conhecimento, o aluno será compreendido e acolhido tendo facilidade em voltar ao foco. Dessa forma, promovendo um melhor desenvolvimento socioemocional e educacional.

Adriana Baldotto Barbosa, Andreia Alves de Oliveira, Damila Franco Toniato, Jaqueline Aparecida Meneghel, Jaqueline da Silva Scardua, Leticia Corteletti, Leylane de Souza Dominicini Sarnaglia, Maralda Viganô Taffner Bastos, Marcia Helena Holz, Maria Aparecida da Cruz Gomes, Maria Aparecida Rizzi Nunes e Shirley B. Gonçalves Fardin
Itarana-ES

Para o grupo, está sendo bem positiva essa participação com outros profissionais nas formações. A troca de ideias ajuda, fortalece o trabalho em equipe e em pensar práticas mais alinhadas para o bem das crianças. Estão sendo momentos importantes para ampliar a visão sobre o funcionamento da escola como um todo. Essa experiência reforçou em nós um mesmo propósito: cuidar dos nossos alunos.

Claudete Aparecida Moreira dos Santos Grisolfi, Cristiane Silva Meneghel Queiroz, Ivone Demoner Malta, Jaqueline Ferreira Lopes, Laiza Gonçalves Bastos Covre, Leane Mouserrate Postinghel Zution, Lucileia Maria Chiabai, Patrícia de Assis Grisolfi Raidimã e Simone Ferrari Araujo
Itarana-ES

Ao iniciar a formação, tivemos um pouco de dificuldade para conciliar o tempo, trabalho, casa e outros cursos. Mas, ao longo do tempo, pudemos perceber a importância do curso, tendo em vista o tema e a dinâmica prática da escola com todos os funcionários para a melhoria de nossa didática e ações no dia a dia com as crianças laudadas. A cada encontro, tanto presencial como *on-line*, os orientadores sempre nos direcionam e dão dicas para que as nossas práticas estejam voltadas para o público do AEE, garantindo seus direitos: o acolhimento da criança e dos familiares; o diálogo com as famílias; e a inclusão dos alunos no ambiente escolar desde o porteiro, coordenador, motoristas, professores, auxiliares até as merendeiras da escola. A partir do momento em que começamos a vivenciar o curso, o

olhar para as crianças com laudo, as práticas em sala de aula mudaram o envolvimento de toda a comunidade escolar, que passou a ficar mais atenta.

Lea Poslthingel, Valkiria Pitanga e Zilda Martins

Itarana-ES

A formação como um todo está sendo enriquecedora e proveitosa, pois é um momento que reuniu servidores com diferentes vivências dentro e fora do ambiente escolar. Esse momento valorizou a troca de experiência e individualidade nesse sentido. Nós, enquanto auxiliares, desenvolvemos um novo olhar para situações vividas no cotidiano com alunos atípicos, reforçando a importância de não limitar e, sim, buscar formas de entender e ajudar cada indivíduo dentro de suas especificidades.

Agata Paulina Dalmonech Sotele, Gleice Aparecida Reis de Amorim, Juliana Tesch Baldotto, Kailane Rogge Meneghel, Kamila Novais de Souza, Marciana Rizzi Follador, Michelly Lopes, Serafina Schereiber e Tatiana Rizzi Oscar de Assis

Itarana-ES

É com toda certeza gratificante se sentir acolhido por poder fazer parte de tanto aprendizado. Como auxiliares, temos muito contato com o aluno, estamos sempre presentes, vivenciando momentos complexos e de realidades diferentes. Saber lidar com certas situações ajuda não apenas o aluno, mas também outros profissionais a lidarem da melhor maneira. Aprendemos a mudar o nosso olhar, criando empatia com aquele aluno e passamos a incluir a criança sabendo de todas as suas limitações.

Beatriz da Silva, Bianca Letícia dos Santos, Dara M. da Silva, Elisangela Miguel Couto Pinto, Graziely Aparecida Gomes, Jacira Clemz Rodrigues, Marcia Sandrina dos Santos, Maria Celeste Guedes Franco, Raquel Oliveira e Terezinha Aparecida dos Santos Pereira do Rosário

Itarana-ES

Atuar como auxiliar de sala foi uma experiência muito valiosa. Trabalhei junto com os outros auxiliares de sala como equipe, trocando aprendizados, dividindo tarefas e apoiando uns aos outros no cuidado com os estudantes, especialmente os que têm deficiência. Mesmo sem ter participado da Formação Continuada, me senti parte do grupo escolar no dia

a dia. Pude perceber como cada servidor, seja professor, merendeira, ou auxiliar, contribui de forma essencial para o bom funcionamento da escola. Essa convivência me ensinou a ter ainda mais empatia, paciência e respeito pelas diferenças. Fortaleceu em mim o olhar para o coletivo e para a importância de cada papel na inclusão e no desenvolvimento dos alunos. Senti que, mesmo nas pequenas ações, fazemos a diferença.

Adelaide Santos
Itarana-ES

Participar da formação com profissionais de diferentes funções foi, de modo geral, uma experiência enriquecedora. No início, houve certo desconforto e estranhamento, pois historicamente as questões da inclusão recaem quase exclusivamente sobre o professor, o que gerava a sensação de responsabilidade solitária. No entanto, ao longo dos encontros, o diálogo e a escuta possibilitaram compreender que a inclusão é um compromisso coletivo. Essa construção conjunta fortaleceu as relações, ampliou o reconhecimento do papel de cada profissional e contribuiu para que eu me percebesse mais apoiado, valorizado e pertencente a uma rede coletiva de aprendizagem dentro da escola.

Alanna Braga Coan
Itarana-ES

Estar no mesmo espaço com professores, equipe pedagógica, motoristas, merendeiras, auxiliares, cuidadores, secretárias e serviços gerais tem contribuído para ampliar minha compreensão sobre o funcionamento da escola como um todo e sobre a importância do trabalho coletivo. Ao longo da formação, venho aprendendo mais sobre Educação Inclusiva e sobre a necessidade de um olhar sensível e responsável em relação aos estudantes com deficiência. Essa vivência tem contribuído para transformar meu modo de olhar o trabalho na escola, fortalecendo a ideia de que todos os servidores possuem um papel essencial no desenvolvimento dos estudantes. Mesmo ainda estando em processo de formação, tenho refletido sobre minhas futuras práticas, buscando uma postura mais empática, comprometida e inclusiva. Dessa forma, a Formação Continuada tem sido fundamental, pois possibilita reflexões importantes que irão influenciar

minha atuação futura, reforçando a importância de uma escola inclusiva e comprometida com o respeito às diferenças.

Andreia Alves de Oliveira

Itarana-ES

Participar da Formação Continuada junto com todos os servidores da escola foi uma experiência muito significativa para mim. Durante a formação, senti que minha função foi reconhecida como importante dentro do processo educativo, o que fortaleceu meu sentimento de pertencimento e valorização profissional. A formação ampliou meu entendimento sobre como pequenas ações no cotidiano podem fazer grande diferença na vida escolar desses alunos. Essa experiência mudou meu jeito de olhar o trabalho na escola e os estudantes com deficiência, reforçando a ideia de que todos aprendemos juntos e que cada função exerce um papel essencial no processo de inclusão. Senti-me acolhida, ouvida e respeitada, o que fortaleceu os vínculos entre os servidores e incentivou a construção de uma rede coletiva de aprendizagem e apoio. A formação mostrou que, quando caminhamos juntos, a escola se torna um espaço mais humano, colaborativo e preparado para atender às necessidades de todos os estudantes.

Daniela Haese

Itarana-ES

Participar da Formação Continuada junto com todos os servidores da escola foi uma experiência significativa e enriquecedora. A Formação Continuada fortaleceu as redes de apoio entre os servidores, promovendo um sentimento de pertencimento e responsabilidade compartilhada. Ao reconhecer que cada função exerce um papel fundamental no cotidiano escolar, a formação evidenciou que a inclusão é uma construção diária, realizada por todos. Essa vivência impacta positivamente a prática profissional e contribui para a construção de uma escola mais justa, acessível e comprometida com o desenvolvimento integral dos estudantes.

Débora Vitória Dias Andre

Itarana-ES

Participar da Formação Continuada junto com todos os servidores da escola foi uma experiência muito importante. Esse momento coletivo mostrou que cada função tem valor no processo educativo. Senti-me parte do grupo e reconhecido(a) como alguém que contribui para o cotidiano escolar. Aprendi a olhar com mais atenção e sensibilidade para os estudantes com deficiência. A formação fortaleceu o trabalho em equipe e o respeito entre os servidores. Passei a compreender melhor meu papel dentro da escola. Essa vivência reforçou a importância de uma escola mais inclusiva e acolhedora.

Denise Carolino Gabrecht
Itarana-ES

Foi muito útil esse aprendizado junto com os outros servidores. Me fez sentir muito mais preparada para atender às necessidades dos estudantes com deficiência, ajudando no processo de aprendizagem, mostrando que também são capazes de participar das atividades de maneira simples, mas com muita determinação. Me ajudou a entender melhor o modo deles de aprender as coisas. Foi muito proveitoso e útil essa jornada em conjunto.

Elis Regina Bergamaschi
Itarana-ES

Participar da Formação Continuada junto com todos os servidores da escola foi uma experiência muito positiva. Estar no mesmo espaço com profissionais de diferentes áreas me fez sentir acolhida e parte de um grupo que trabalha com o mesmo objetivo: cuidar e educar os estudantes. Durante a formação, aprendi que a inclusão acontece em todos os momentos da rotina escolar e que cada pessoa contribui de alguma forma para o desenvolvimento dos estudantes, especialmente daqueles com deficiência. Passei a olhar o trabalho na escola com mais atenção, respeito e sensibilidade, entendendo melhor a importância do cuidado, da escuta e das atitudes do dia a dia. Essa experiência fortaleceu o trabalho coletivo e mostrou como a união entre os servidores é fundamental para construir uma escola mais humana, acolhedora e inclusiva.

Indiara Bonatti
Itarana-ES

Participar de uma formação junto com profissionais que exercem outras funções na escola é uma experiência muito rica. No início, é comum surgir um certo estranhamento, pois cada profissional carrega uma rotina, uma linguagem e prioridades diferentes. Com o tempo e o entrosamento, esse convívio só melhorou e ampliou o meu olhar, pois os demais funcionários também são fundamentais para o funcionamento da instituição; também fortaleceu valores como empatia, respeito, cooperação e escuta. Essa formação está me fazendo refletir sobre o sentido do trabalho educativo e sobre o impacto de cada atitude no cotidiano escolar, resultando em meu crescimento profissional e pessoal e fortalecendo o trabalho educativo coletivo.

Izabel Cristina Bergamaschi Cancian e Izabel Cristina de Oliveira
Itarana-ES

Participar da Formação Continuada junto com todos os servidores da escola foi uma experiência muito importante para nós como auxiliares de creche. Estar com professores, equipe pedagógica e demais funcionários no mesmo espaço fez a gente se sentir parte do processo educativo e perceber que cada função tem um papel essencial na escola. Durante a formação, nos sentimos acolhidas e valorizadas. Aprendemos que a inclusão dos estudantes com deficiência é responsabilidade de todos e que pequenas atitudes no dia a dia fazem grande diferença no aprendizado, no cuidado e no desenvolvimento dos alunos. Essa experiência ampliou nosso olhar sobre o trabalho em equipe e fortaleceu a compreensão de que, como auxiliar de creche, fazemos parte de uma rede de apoio fundamental para construir uma escola mais inclusiva, humana e acolhedora.

Jacinta Felix Cordeiro Rocha, Maria da Penha Colombo Dal Col e Genair Valquiria Mielke
Itarana-ES

Ao longo dos encontros e das discussões propostas, foi possível compreender de forma mais clara o sentido dessa formação coletiva. O diálogo com profissionais de outras funções permitiu reconhecer que a inclusão e o cuidado com os estudantes não são responsabilidades exclusivas do professor, mas resultam de um trabalho articulado entre todos que compõem a escola. Com o tempo, a convivência e a construção coletiva

de conhecimentos fortaleceram as relações profissionais e a sensação de pertencimento. A formação evidenciou que todos os servidores fazem parte do processo educativo e que a colaboração entre eles reduz o sentimento de solidão que historicamente acompanha muitos professores. Assim, a Formação Continuada Coletiva contribuiu para ampliar minha compreensão sobre o trabalho em rede, reforçando a importância dos espaços de apoio, diálogo e responsabilidade dentro da escola.

Kátia Sirlene Braga Coan

Itarana-ES

Participar da formação junto com profissionais de outras funções da escola foi uma experiência muito enriquecedora. Esse momento possibilitou a troca de saberes, o compartilhamento de vivências e a ampliação do olhar sobre o trabalho coletivo dentro da instituição escolar. Ao ouvir diferentes perspectivas da gestão, do apoio, da equipe pedagógica e de outros setores, foi possível compreender melhor como cada função contribui para o desenvolvimento integral dos alunos. Em alguns momentos, essa vivência também provocou reflexões sobre nosso próprio papel como professor. Longe de diminuir meu valor profissional, essa experiência fortaleceu minha identidade docente, pois reafirmou que o trabalho do professor ganha ainda mais sentido quando está articulado com o de outros profissionais, em um ambiente de respeito, cooperação e aprendizagem mútua.

Keilla Scardua, Júlia Juraci Vigano Scardua e Keitiani Scardua

Itarana-ES

Fazer parte dessa formação trouxe oportunidades que me enriqueceram de diversas formas. Além de entender melhor sobre inclusão e diversidade e poder fazer a diferença na vida de quem necessita, também pude aprender a importância do trabalho em equipe e como ele pode nos motivar a alcançar nossos objetivos e nos apoiarmos durante esse processo. O trabalho em equipe também demonstra sua importância ao ampliar a prática da inclusão de pessoa com deficiência, possibilitando diferentes olhares, ações e recursos para ofertar qualidade de vida a essas pessoas.

Lilian do Nascimento

Itarana-ES

Participar da formação junto com profissionais de outras funções da escola foi uma experiência, em geral, muito rica e desafiadora. Tive a oportunidade de ouvir as perspectivas do orientador educacional e do coordenador pedagógico sobre os mesmos problemas que enfrentamos em sala de aula.

Livia Mazzo
Itarana-ES

Foi muito bom o aprendizado com diferentes opiniões! Me senti bem, aprendi que todos têm seu espaço, mesmo com ideias diferentes. O meu olhar hoje é muito mais enriquecido, com todo o conhecimento passando! Com os estudantes, foi muito bom mesmo, é um aprendizado que levamos para vida toda, para o trabalho, família e sociedade! E um conjunto de experiências que me fez uma pessoa melhor.

Maria Helena Viganô Fiorotti
Itarana-ES

Participar de uma formação junto com profissionais de diferentes funções da escola foi uma experiência muito significativa para mim. Estar ao lado de diretores, supervisores, pedagogos e coordenadores permitiu ampliar meu olhar sobre o funcionamento da escola como um todo, compreendendo melhor os desafios e responsabilidades que cada função assume no cotidiano escolar. Durante a formação, a troca de experiências foi um dos aspectos mais enriquecedores. Ouvir relatos, compartilhar vivências e refletir coletivamente evidenciou que, apesar das diferentes atribuições, todos estamos unidos pelo mesmo propósito: promover uma educação de qualidade e garantir o desenvolvimento integral dos estudantes. A formação contribuiu não apenas para meu crescimento profissional, mas também para a construção de uma prática mais consciente, humana e integrada.

Maristela Maria Machado Colombo
Itarana-ES

Participar da formação em Educação Especial junto com profissionais de diferentes funções da escola foi uma experiência muito importante, avaliando o trabalho, fortalecendo vínculos e aprimorando a prática pedagógica.

Esse momento de troca permitiu ouvir outras vivências e compreender melhor que a inclusão é uma responsabilidade de todos, e não apenas do professor em sala de aula. No decorrer da formação, sentimentos foram despertados. A inclusão nos envolve como um todo: ao refletir o tema, devemos estar atentos e abrir novos horizontes para ir além do conteúdo é o educar, o cuidar, o respeitar às diferenças, o vivenciar as conquistas e dificuldades e o unir forças para vencer as barreiras. Para concluir, ao participar da formação, foi possível perceber que devemos reafirmar constantemente o compromisso ao trocar experiências por meio das vivências adquiridas na formação.

Ormi Nascimento Couto, Lucimar Coelho Galazzi e Rosemar Mendonça
Itarana-ES

Participar da Formação com profissionais de outras funções foi uma experiência enriquecedora. Percebi que o trabalho em equipe é fundamental para o sucesso da inclusão escolar e que cada pessoa, independentemente da sua função, contribui de maneira única e valiosa para o processo de ensino-aprendizagem. Estamos trabalhando juntos para alcançar um objetivo comum: a inclusão e o sucesso dos estudantes. Inclusão é uma responsabilidade compartilhada por toda a escola. Além disso, percebi que a Formação Continuada Coletiva está ajudando a criar uma rede de apoio mais sólida e a fortalecer as relações entre os profissionais da escola. A Formação Continuada Coletiva foi uma experiência transformadora que me fez crescer profissionalmente e me fez entender a importância do trabalho em equipe para o sucesso da inclusão escolar.

Schirlei Ana Covre
Itarana-ES

Essa formação foi de uma importância grandiosa, pois é fundamental que todos os servidores da escola tenham conhecimento de como lidar com os alunos da Educação Especial. Assim, através dessa formação, todos os funcionários são incluídos no processo de aprendizagem para melhor acolher e cuidar desse público. Foi algo diferente e inovador, me senti como parte importante do grupo em que todos fomos acolhidos de forma igual, abrangendo as diversas áreas e setores do funcionamento da escola. Essa experiência me fez reconhecer ainda mais minha responsabilidade

de conhecer o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e saber que é necessário o trabalho em conjunto.

Sônia Luzia Rizzi

Itarana-ES

Participar da formação com profissionais de outras funções da escola foi uma experiência incrível! Me fez perceber o quanto somos uma equipe, sabe? Cada um com sua especialidade, mas todos trabalhando juntos pelo mesmo objetivo: o sucesso dos alunos. E, para ser sincera, isso me fez valorizar ainda mais o meu papel como professor. Ver o quanto cada pessoa contribui de forma única me inspirou a continuar fazendo a minha parte com paixão e dedicação.

Tania Mara Caetano

Itarana-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva junto com profissionais de diferentes funções da escola foi, para mim, uma experiência desafiadora. Inicialmente, o encontro com servidores que não atuam diretamente no ensino provocou certo desconforto, mas, ao longo do tempo, esse sentimento deu lugar a uma percepção mais ampliada do trabalho escolar, despertando sentimentos de pertencimento, acolhimento e responsabilidade. Ao reconhecer que todos os profissionais, cada um a partir de seu lugar, sustentam o cotidiano da escola e impactam diretamente os processos de aprendizagem e inclusão, passei a ressignificar meu próprio papel, compreendendo-o de forma mais integrada e compartilhada. Nesse percurso, tornou-se evidente o fortalecimento das Redes Coletivas de Aprendizagem (RECA), que se constituíram como espaços de apoio, troca e construção conjunta de saberes. A Formação Continuada Coletiva revelou-se, assim, como um movimento que valoriza as diferentes funções e fortalece os vínculos entre os profissionais, contribuindo para reduzir o isolamento e ampliar o reconhecimento do trabalho realizado na escola. Essa vivência provocou mudanças na forma como compreendo meu trabalho e as relações institucionais, reafirmando a formação como um processo que se constrói no coletivo e nas relações entre os sujeitos.

Emanuele Chiabai Pivetta Grigio
Itarana-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva com todos os servidores da escola foi uma experiência muito gratificante para mim. Foi um momento importante, porque pudemos compartilhar nossos conhecimentos, nossas vivências e aquilo que cada um aprendeu no seu setor. Foi bonito ver como cada um contribuiu com algo e como juntos conseguimos criar uma parceria, na qual um ajuda o outro e todos aprendem. Para mim, foi também um grande desafio, porque foi a primeira vez que trabalhei com estudantes com deficiência.

Aprendi muito com eles e isso mudou o meu jeito de olhar o trabalho na escola. Antes eu não tinha noção de como é importante ter paciência, escuta, atenção e sensibilidade. Hoje entendo que cada estudante tem seu tempo, seu jeito e sua forma de se comunicar, e que isso deve ser respeitado. Entendi que o trabalho da escola não é só ensinar conteúdos, mas também oferecer apoio, cuidado e respeito. Por tudo isso, participar da formação e viver essa experiência prática mudou o meu olhar. Hoje eu me sinto mais preparada, mais sensível e mais comprometida com a inclusão. Foi um aprendizado que vou levar para a vida toda.

Irlane Pagung Alberti
Itarana-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva ao lado de profissionais de diferentes funções da escola foi uma experiência, enriquecedora e transformadora. Sentimentos de colaboração, empatia e compreensão mútua foram despertados em mim, ao perceber que cada um contribui de maneira única e valiosa para o sucesso da inclusão escolar.

Eliana Medeiros Alves
Itarana-ES

Participar da Formação Continuada junto com todos os servidores da escola foi uma experiência incrível para mim. Primeiro de tudo, me senti muito bem acolhida, me tornando muito motivada pelo fato de toda a equipe

estar envolvida, mostrando-me a ideia de que a Educação Inclusiva é uma responsabilidade de todos os servidores da escola e não apenas de alguns. Também foi muito satisfatório, para mim, ouvir as experiências dos colegas, trocando ideias e refletindo juntos. Essa Formação mudou completamente meu jeito de olhar o cotidiano da escola e os estudantes com deficiência. Passei a olhá-los com um outro pensamento mais sensível, acabei entendendo que cada estudante tem seu tempo de aprender e de se adaptar. Percebo que a escola e a equipe escolar precisam se adaptar aos estudantes e não o contrário.

Gesilane Aparecida Pimenta Perin
Itarana-ES

Participar da Formação Continuada com todos os servidores, mesmo pela *live*, me fez sentir parte do time da escola. Não só alguém que limpa, mas alguém que cuida. Aprendi que a inclusão depende de todos: um corredor livre, um piso seco ou um banheiro acessível são tão importantes quanto a aula para o bem-estar dos alunos com deficiência. Hoje olho meu trabalho com mais orgulho, sabendo que cada detalhe de que cuido ajuda a construir uma escola mais acolhedora e justa para todos.

Valnezia Gabrecht Neitzel
Itarana-ES

Participar de uma formação a partir da perspectiva da Educação Inclusiva, ao lado de profissionais docentes e não docentes da escola, foi uma experiência significativa e transformadora. Estar nesse espaço coletivo evidenciou que a inclusão não é responsabilidade exclusiva do professor em sala de aula, mas um compromisso compartilhado por todos que compõem o ambiente escolar, ou seja, da gestão aos serviços de apoio, da docência às demais funções que mantêm a escola viva no cotidiano. Sim, essa experiência mexeu com a forma como me percebo enquanto professor.

Houve um deslocamento do olhar: deixei de me ver como o único mediador do processo educativo para me reconhecer como parte de uma rede. Isso fortaleceu o sentimento de pertencimento e corresponsabilidade, ao mesmo tempo em que trouxe humildade profissional em compreender

que aprender com o outro, independentemente de sua função, também é um ato pedagógico. Reconhecer o valor dos profissionais não docentes me fez repensar práticas, posturas e atitudes no cotidiano escolar, compreendendo que a inclusão se concretiza nos detalhes: no acolhimento, na linguagem, no respeito às diferenças e na construção conjunta de soluções.

Chaiany Soares Santos da Silva
Itaguaçu-ES

A experiência de compartilhar o mesmo espaço de formação continuada com toda comunidade escolar é um passo essencial para a inclusão escolar. Assim, é importante pensarmos em questões que impactam o ambiente de aprendizagem, o que colabora para a criação de uma comunidade escolar colaborativa, em que a troca de experiências e conhecimentos mútuos enriquece o planejamento de ações educativas conjuntas. Também destaco a valorização do trabalho em equipe, a reflexão sobre a identidade profissional e o senso de corresponsabilidade. Em suma, a Formação Continuada Coletiva com profissionais de outras funções tende a ser uma experiência transformadora que, ao invés de diminuir o valor do professor, eleva sua percepção sobre a riqueza do trabalho educacional coletivo.

Charlene Aparecida Fernandes
Itaguaçu-ES

Participar de uma formação junto com profissionais de diferentes funções da escola foi uma experiência transformadora. Estar em um mesmo espaço formativo com gestores, coordenadores, funcionários administrativos e profissionais de apoio ampliou minha compreensão sobre a escola, onde cada função tem importância para o processo educativo. Essa convivência possibilitou ouvir diferentes pontos de vista, trocar experiências e perceber que os desafios enfrentados no cotidiano escolar são de todos que atuam na instituição. Em muitos momentos, essa experiência mexeu com a forma como me percebo no trabalho. Essa vivência ampliou minha visão sobre trabalho em equipe e sobre a necessidade de escuta e empatia no espaço escolar. Participar dessa formação não apenas aprimorou meus conhecimentos, mas também provocou um amadurecimento pessoal e profissional,

levando-me a atuar de forma mais consciente, colaborativa e comprometida com a construção de uma escola verdadeiramente democrática.

Geovania Pagung Kutz

Itaguaçu-ES

Durante a formação, foi possível perceber que os desafios enfrentados no cotidiano escolar não devem ser responsabilidade de apenas um profissional ou setor, mas sim compartilhados por toda a comunidade escolar. Estar junto de diretores, coordenadores, supervisores, pedagogos e demais profissionais trouxe a sensação de pertencimento e de valorização do papel de cada um no processo educativo. A troca de experiências contribuiu para ampliar o olhar sobre a inclusão, mostrando que ela se concretiza por meio de ações coletivas, planejamento colaborativo e corresponsabilidade.

Essa vivência despertou sentimentos de acolhimento, aprendizado e fortalecimento profissional. Também trouxe reflexões importantes sobre a necessidade de romper com a ideia de um trabalho solitário, especialmente no que se refere à inclusão escolar, que historicamente recaiu sobre poucos profissionais. A formação evidenciou que, quando há união, diálogo e compromisso coletivo, é possível construir práticas mais humanas, equitativas e eficazes para atender às necessidades de todos os estudantes.

Irani Jakel

Itaguaçu-ES

Estar em diálogo com servidores de diferentes áreas permitiu ampliar o olhar para além das atribuições específicas do meu cargo, favorecendo uma compreensão mais integrada do funcionamento da escola e das responsabilidades compartilhadas no processo educativo. No primeiro momento, confesso que a experiência despertou alguns sentimentos. Com o aprofundamento das discussões e a troca de experiências, foi possível perceber o fortalecimento das Redes Coletivas de Aprendizagem (RECA). Essas redes se constituíram como espaços de apoio, escuta e colaboração, diminuindo a sensação de isolamento e promovendo maior reconhecimento do papel de cada função dentro da escola. Assim, a Formação Continuada Coletiva impactou diretamente a forma como compreendo

meu trabalho e meu lugar na escola. Passo a enxergar a inclusão como um processo que se sustenta na construção coletiva, no diálogo e na valorização de todos os profissionais.

Juzieli de CÁssia Mielke Passos
Itaguaçu-ES

Participar da formação ao lado de merendeiras, auxiliares, motoristas e o pessoal do administrativo foi, para mim, uma experiência pé no chão. No começo, confesso que me perguntei: “Como vamos discutir estratégias de inclusão com quem não está ali no dia a dia do quadro e do giz?”. Mas esse estranhamento durou pouco, pois logo percebi que a inclusão que eu tanto tentava fazer sozinha na minha sala, muitas vezes, perdia a força na porta de saída se o restante da escola não falasse a mesma língua. Por muito tempo, eu carreguei a culpa de não dar conta de tudo. Eu me sentia a única responsável pelo sucesso ou fracasso de um aluno com dificuldades ou deficiência.

Ao sentar-me à mesma mesa que a equipe da limpeza, da merenda ou da portaria, percebi que eles também tinham muito a dizer. Eles veem o aluno de um jeito que eu, às vezes, não consigo ver: o comportamento no recreio, a forma como ele interage com os colegas sem a pressão da nota ou como ele se sente acolhido em outros espaços da escola. Essa formação me ensinou que a rede de apoio que eu tanto buscava fora, na verdade, já existia dentro da escola e eu só precisava aprender a dialogar com ela. Saio desse processo me sentindo menos sozinha e muito mais parte de um grupo real, em que cada função tem sua importância para o desenvolvimento das nossas crianças e jovens.

Kássia Gomes da Silva
Itaguaçu-ES

Participar de uma formação junto com profissionais de diferentes funções da escola foi uma experiência enriquecedora e significativa para mim enquanto professora. Ao conviver e dialogar com profissionais, como gestores, coordenadores, auxiliares, merendeiras, cuidadores e demais funcionários, foi possível reconhecer a importância de cada função para o bom funcionamento da escola e para a formação integral dos estudantes. Essa

interação favoreceu um olhar mais humano e colaborativo sobre o ambiente escolar, fortalecendo o sentimento de pertencimento e de trabalho em equipe. Ao ouvir relatos, desafios e contribuições dos outros profissionais, pude refletir sobre minha prática docente, repensar atitudes e reconhecer que todos somos educadores, cada um à sua maneira. Passei a compreender ainda mais que a Educação é uma responsabilidade compartilhada e que o sucesso do processo educativo depende da união, do diálogo e da valorização de todos os que fazem parte da comunidade escolar.

Renilda Xavier Rechel
Itaguaçu-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva ao lado de profissionais que ocupam diferentes funções na escola foi, para mim, uma experiência significativa e transformadora. Inicialmente, confesso que essa vivência despertou sentimentos como curiosidade, expectativa e até estranhamento, especialmente por estar acostumada a discutir temas relacionados à inclusão escolar quase exclusivamente com profissionais da área pedagógica. Ao longo da formação, porém, esse sentimento foi sendo ressignificado. O contato com profissionais de diferentes setores da escola possibilitou escutar outras perspectivas, compreender trajetórias diversas e reconhecer que a inclusão não se sustenta apenas na sala de aula ou nas decisões pedagógicas, mas se constrói no cotidiano escolar como um todo. Essa vivência reforçou a convicção de que a inclusão escolar é um desafio compartilhado, que exige diálogo, respeito às diferentes funções e o compromisso de toda a comunidade escolar.

Rosa Helena da Cruz Butzlaff
Itaguaçu-ES

A experiência de participar de um processo de formação, por exemplo, na identificação e manejo de crises, junto com todos os profissionais do ambiente escolar (professores, auxiliares, equipe administrativa e de apoio, motoristas e agentes), despertou em nós, como pedagogos e coordenadores, um sentimento de unidade e responsabilidade compartilhada. Inicialmente, indagamos por que a necessidade de todos fazerem parte desse

estudo. Independentemente de suas funções, todos fazem parte do ambiente escolar. Percebemos a importância do tema e o porquê de todos adquirirem o conhecimento para conduzirmos o trabalho realizado com a Educação Inclusiva, com o apoio de toda a equipe escolar, pois a participação de todos demonstra o nível elevado de maturidade institucional.

Claudiana Assunção, Mayara Apelfeler Camuzzi e Rosangela Magaly Barbosa Alberti
Itaguaçu-ES

Participar dessa formação foi muito significativo. Estar junto com profissionais de diferentes funções ampliou a compreensão sobre o trabalho coletivo e sobre a importância de cada papel dentro do ambiente escolar. Em alguns momentos, essa experiência nos fez refletir sobre o próprio valor e sobre a forma como cada um contribui para o desenvolvimento dos alunos e da instituição

Andressa Lúcia Mund dos Anjos, Claudinea Barroso Camuzzi, Márcia Maria Equer de Oliveira, Mariana Jeckel Bonatti e Nilsara Casagrande Trajano
Itaguaçu-ES

Foram momentos de troca de experiências e de muita importância. Através desses momentos, foi possível compreender a importância de cada função, bem como a necessidade de fortalecer as parcerias para atingirmos resultados de sucesso.

Adriana Maria Piepper, Catia Cilene dos Santos Camuzzi, Edna Marques dos Santos, Eliamara Fehlberg Brenner, Elizabeth Fehlberg Brenner e Rejana Marcelo de Oliveira Lauriano
Itaguaçu-ES

Foi uma experiência muito boa com muitos desafios e aprendizados diários. A formação e seus temas variados nos proporcionaram uma enriquecedora aprendizagem no curso, e, no dia a dia da escola, podemos ver variados tipos de alunos e suas especialidades. Ao longo desse período de formação, percebemos como é importante a parceria da escola e da família, o aprendizado de novas estratégias para lidar com diferentes situações e entender melhor a necessidade de cada aluno para que eles se sintam amados e acolhidos na escola e na sociedade.

Daniela Guidotti de Souza, Fernanda Dalprá Dariva, Grazieli Betzel, Maria Eduarda Moreira Morati, Mariana Strelow Piske Sperandio e Paloma Braga Itaguaçu-ES

Participar da Formação Continuada junto com todos os servidores da escola foi uma experiência muito enriquecedora para nós. Sentimos que esse momento de troca e reflexão ampliou nossa visão sobre o trabalho coletivo e sobre a importância de cada profissional no processo educativo. Estar com toda a equipe reforçou a ideia de que a inclusão não é responsabilidade apenas de alguns, mas de todos que fazem parte da escola. Durante a formação, aprendemos novas estratégias, conceitos e abordagens que nos ajudaram a compreender melhor as necessidades dos estudantes com deficiências. O que mais mudou o nosso jeito de olhar o trabalho na escola foi entender que a inclusão vai além de adaptações, ela exige sensibilidade, acolhimento e uma postura permanente de escuta e colaboração. E, acima de tudo, muito amor e dedicação.

Aline Teche Zortea, Ana Paula de Souza, Dhaciana Pinto, Dolores Jarske, Ivandileia Pereira de Queiroz Capucho, Paula Cristina Correia e Vandricélia Hackbart Bernardo
Itaguaçu-ES

O curso foi a oportunidade de ampliar nossos conhecimentos, agregando valores e oportunidades em prol do crescimento coletivo e do desenvolvimento no ambiente de trabalho. Os encontros foram gratificantes e, através de trocas de experiências de profissionais de diversas funções, conseguimos vivenciar novas práticas acolhedoras e inclusivas.

Daniela Rodrigues da Fonseca, Fernanda Paula de Sousa Buzzato, Geny Buss Schwanz, Maria D'Ajuda Moraes Pessoa Cardoso, Renata Maria Zanotti Zocca e Rosely Aparecida Nass Baitella
Itaguaçu-ES

Participar da formação foi muito significativo para nós. Aprendemos novas estratégias de inclusão e passamos a olhar com mais sensibilidade os alunos com deficiência. A formação reforçou a importância do trabalho coletivo e do diálogo entre a equipe, fortalecendo nosso compromisso com uma prática mais inclusiva e atenta às diferenças de cada

aluno. Percebemos que a inclusão não é apenas uma responsabilidade individual, mas um conjunto que depende da colaboração e sensibilização da escola e da família.

Chirleny Talita Schwanz Silva, Elaine Gomes da Silva Bernardino de Oliveira, Eva de C., Fernanda Aparecida Rosa, Georgina das Graças Rocha Melotti, Mônica Pedro Piazzentini de Jesus e Thalia Luzia Xavier da Rocha
Itaguaçu-ES

Foi uma experiência enriquecedora colaborar na formação de inclusão, promovendo a troca de conhecimentos entre profissionais de diferentes áreas para fortalecer práticas inclusivas. Assim, entendemos melhor o trabalho de cada equipe percebendo a importância da colaboração. Em alguns momentos, a formação mexeu com nossos valores e formas de trabalhar, nos fazendo refletir sobre o nosso papel e sobre como podemos contribuir de maneira mais integrada e consciente no dia a dia escolar.

Gerusa Helena Grigio Rizzi, Graziela Aparecida Fernandes Rodrigues Soares, Joscilea Aparecida Dominicini, Sandra Helena Izidório da Silva e Sandra Helena Vicente
Itaguaçu-ES

Foi muito bom! Porque foi possível perceber que todos os profissionais são responsáveis pela Educação dos alunos, pois o aluno não é do professor, e, sim, da escola. Sabendo que cada pessoa tem seu valor e nos unindo em prol de uma educação igualitária e inclusiva vamos mudar o pensamento, as atitudes e toda a comunidade escolar. A formação também nos possibilita a troca de experiências e aprendizado para mudar nossas práticas pedagógicas pensando no crescimento dos nossos alunos.

Claudete Camilo, Grazieli da Glória Mielke Soares, Maisa Mielke Soares, Mislene Gonçalves dos Santos e Sílvia Helena Vicente Detemann
Itaguaçu-ES

Participar da formação com profissionais de diferentes funções (auxiliares de sala, auxiliar de serviços gerais, merendeiras, equipe gestora etc.) da escola gerou inicialmente insegurança e questionamentos sobre nossos valores. Porém, ao longo das trocas, percebemos como o trabalho do professor se conecta ao de todos os outros, fortalecendo nossos sentimentos de

pertencimento. A experiência ampliou nossa visão sobre o papel de cada um na escola e reforçou nossa identidade profissional.

Adejani Morau Venturini, Gislane Regina Teixeira P. Machado, Guisla Maria Frederico Gobbo, Milene Bispo de Oliveira Carvalho, Roberta Januth Sousa e Zolenira Ana Surlo
Itaguaçu-ES

Esse espaço de formação e troca permitiu ampliar o olhar sobre o trabalho coletivo, mostrando que cada função é essencial para o bom funcionamento da escola e para o desenvolvimento das crianças. Ao ouvir o ponto de vista de auxiliares, merendeiras, equipe da limpeza, coordenação e gestão, compreendi que o cuidado, a organização e o acolhimento das crianças não dependem só do professor, mas de um esforço coletivo. Essa formação me ajudou a fortalecer minha identidade profissional, me deixando mais consciente do meu papel, mais confiante no meu trabalho e mais aberta à construção coletiva dentro da escola e essa vivência mexeu com a forma como me percebo no trabalho: passei a valorizar ainda mais o diálogo, a parceria e a construção coletiva. Hoje me sinto mais segura, reconhecida e consciente da importância do meu compromisso profissional dentro da escola.

Adma Maria Becalli de Paula Martins e Ieda Cristina Fernandes Carnelli
Itaguaçu-ES

Participar da formação com profissionais de diferentes funções foi enriquecedor, pois ampliou minha visão sobre o trabalho coletivo na escola. A experiência me fez valorizar ainda mais as outras funções, repensar meu papel como professora e fortalecer meu senso de pertencimento, contribuindo para uma atuação mais colaborativa. No começo, fiquei na minha, pensando “será que eu tenho o que falar aqui?”, mas conforme a gente foi compartilhando experiências, percebi que meu valor está justamente na troca, no diálogo com os outros. Me senti mais conectada com a equipe e percebi que nós juntos podemos fazer mais do que sozinhos. E que cada um tem um papel importante na história de cada aluno que ajudamos a construir.

Lauriana Aparecida Piepper Barbosa de Menezes
Itaguaçu-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva foi uma experiência incrível e enriquecedora para mim. Estar junto com todos os servidores da escola. Senti-me acolhido e valorizado, percebendo que cada um de nós tem um papel fundamental no cotidiano da escola e no cuidado com os estudantes. Aprendi que a inclusão não é apenas responsabilidade de alguns, mas sim de todos. Essa experiência me fez refletir sobre a importância da comunicação e do trabalho em equipe.

Eliane das Neves
Itaguaçu-ES

Participar da formação continuada junto com os outros servidores da minha escola foi uma experiência importante para entender melhor o processo de desenvolvimento com os estudantes com deficiência. Estar no mesmo espaço com professores, equipe pedagógica, auxiliares, merendeiras, secretaria e demais profissionais me faz sentir realmente parte da escola, reconhecido como alguém que também educa e contribui para o desenvolvimento dos estudantes. Durante a formação, aprendi que o trabalho com os estudantes, especialmente com aqueles com deficiência, não é responsabilidade apenas de um profissional ou de um setor específico, mas sim de toda a comunidade escolar.

Meryellen Machado e Simone Schreder Rodrigues Martins
Itaguaçu-ES

Para mim, a formação continuada foi muito válida, até porque eu tinha uma visão meio errada sobre as crianças com transtornos e síndromes. Para mim, era tudo uma coisa só. Depois aprendi que cada uma tem sua particularidade e, com isso, aprendi a lidar melhor com elas. Sou auxiliar de serviços gerais e sempre lido com as crianças fora da sala nos corredores, refeitório etc. Temos alunos com seletividade alimentar. E eu aprendi que isso não é frescura, aprendi que nem sempre a malcriação das crianças é pirraça ou que nem tudo é falta de limite. Crianças com TOD podem ter esse comportamento e cabe a mim saber lidar com a situação, afinal eles são apenas crianças e ainda não sabem se regular. Enfim, estou gostando muito da formação e aprendendo muito.

Priscila Marques da Silva
Itaguaçu-ES

Participar da formação continuada foi uma experiência muito significativa para nós. No início, sentimos curiosidade e um certo desafio, pois estar em formação coletiva nos tira da rotina e nos convida a refletir sobre práticas que, muitas vezes, realizamos de forma automática. Ao longo dos encontros, fomos nos sentindo mais à vontade, acolhidos e parte de um grupo que compartilha responsabilidades e objetivos comuns. Foi um momento de escuta, troca e aprendizado, que fortaleceu o sentimento de pertencimento à escola.

Aprendemos muito sobre a importância do trabalho coletivo, do respeito às diferenças e, principalmente, sobre a inclusão dos estudantes com deficiência. Depois dessa experiência, nosso jeito de olhar o trabalho na escola mudou. Hoje percebemos com mais clareza o quanto nossas ações, palavras e posturas impactam diretamente a aprendizagem e o bem-estar dos estudantes com deficiência. Passamos a ter um olhar mais humano, empático e atento, entendendo que cada estudante aprende de um jeito e no seu tempo. A formação continuada nos fez refletir sobre nosso papel na construção de uma escola mais justa, inclusiva e acolhedora para todos.

Angela de Lurdes Velten, Simone Rodrigues Coelho Monteiro, Vanderleia Ninke Raasch, Rosilange de Azevedo, Ana Amélia Mapeli Miranda e Marina Laurença Dias Gomes
Itaguaçu-ES

Participar da Formação Continuada ao lado de todos os servidores da escola foi uma experiência transformadora e, acima de tudo, acolhedora. Muitas vezes, no cotidiano da creche, o trabalho de cada setor parece isolado, mas estar em um espaço onde professores, merendeiras, motoristas, auxiliares e equipe pedagógica compartilham o mesmo aprendizado me fez sentir parte de um grupo unido por um propósito maior: o desenvolvimento integral dos estudantes. Como auxiliar de sala, senti que essa formação valorizou o meu papel. Saio dessa experiência com a certeza de que meu trabalho na sala de aula é essencial e que, quando trabalhamos de forma coletiva, o ambiente se torna muito mais rico e preparado para acolher a diversidade. A formação reafirmou que, embora tenhamos

funções diferentes, todos somos educadores e agentes fundamentais na construção de uma Educação Inclusiva e de qualidade.

Aparecida Maria Passos da Silva
Itaguaçu-ES

Participar da Formação Continuada Coletiva junto a profissionais de diferentes funções da escola foi uma experiência muito importante. Mesmo atuando em funções distintas, a formação possibilitou um espaço de diálogo, escuta e troca de saberes, reforçando a importância do trabalho coletivo para o fortalecimento das práticas educativas e da inclusão escolar. Durante a formação, foi possível perceber que os desafios enfrentados no dia a dia da escola não devem ser responsabilidade de apenas um profissional ou setor, mas sim compartilhados por toda a comunidade escolar. Estar junto de diretores, coordenadores, supervisores, pedagogos e demais profissionais trouxe a sensação de pertencimento e de valorização do papel de cada um no processo educativo.

A troca de experiências contribuiu para ampliar o olhar sobre a inclusão, mostrando que ela se concretiza por meio de ações coletivas, planejamento coletivo e corresponsabilidade. Trouxe reflexões importantes sobre a necessidade de romper com a ideia de um trabalho solitário, principalmente no que se refere à inclusão escolar, que historicamente esteve voltado para professores. A formação evidenciou que, quando há diálogo e compromisso coletivo, é possível construir práticas inclusivas para atender às necessidades de todos os estudantes. Assim, a Formação Continuada Coletiva reafirma seu papel fundamental no desenvolvimento profissional e na construção de uma escola inclusiva, democrática e comprometida com o direito à aprendizagem de todos, mostrando que a inclusão é um desafio coletivo e uma responsabilidade compartilhada.

Lorrane Tácia Pereira
Itaguaçu-ES

Participar de uma formação junto com profissionais de diferentes funções da escola foi uma experiência significativa e enriquecedora. Esse momento coletivo possibilitou a escuta de diversas perspectivas sobre o cotidiano escolar, evidenciando que o processo educativo não se constrói

apenas na sala de aula, mas a partir do trabalho integrado de todos os sujeitos que compõem a comunidade escolar. Além disso, a formação contribuiu para fortalecer o sentimento de pertencimento e de corresponsabilidade no ambiente escolar. Assim, a experiência não apenas reafirmou meu compromisso com a Educação, como também ampliou minha percepção sobre a importância do trabalho coletivo para a construção de uma escola mais justa, democrática e acolhedora.

Adriana de Jesus Lima Stuhr
Itaguaçu-ES

Participar da Formação Continuada junto com todos os servidores da escola foi uma experiência extremamente significativa e transformadora. Desde o primeiro encontro, ficou evidente que a proposta não era apenas transmitir conteúdos, mas construir, de forma coletiva, novos olhares sobre a Educação, o trabalho em equipe. A presença de profissionais de diferentes áreas no mesmo espaço de diálogo e aprendizagem mostrou, na prática, que cada função é essencial para o funcionamento da escola e para o desenvolvimento dos alunos. Por fim, a formação continuada, ampliou meus conhecimentos e reforçou meu sentimento de pertencimento e responsabilidade, mostrando que juntos somos capazes de construir uma escola mais justa, inclusiva e acolhedora para cada estudante.

Sueli da Costa Mielke
Itaguaçu-ES

Participar de uma formação junto com profissionais de diferentes funções da escola, estar em um espaço formativo coletivo, que reuniu professores, gestores, coordenadores, auxiliares e demais funcionários, possibilitou ampliar o olhar sobre a escola como um espaço de relações, no qual cada função desempenha um papel essencial para o processo educativo. Essa convivência favoreceu a escuta, o diálogo e a troca de experiências, permitindo compreender melhor as responsabilidades, os desafios e as contribuições de cada profissional no cotidiano escolar. Ao ouvir relatos de outros profissionais, foi possível reconhecer que o trabalho do professor não acontece de forma isolada, mas está diretamente articulado com as ações de toda a equipe escolar. Essa percepção contribuiu para

fortalecer o sentimento de pertencimento e de corresponsabilidade, além de valorizar ainda mais o papel do professor como mediador do conhecimento e como parte de um coletivo comprometido com a formação integral dos estudantes. Ao mesmo tempo, a formação instigou a revisão de práticas e posturas, contribuindo para repensar formas de atuação e ampliar a compreensão sobre o trabalho pedagógico. Assim, essa experiência contribuiu para ressignificar o papel do professor, reforçando que o trabalho educativo se constitui no coletivo e no reconhecimento dos diferentes sujeitos que compõem a escola.

Maria Aparecida da Silva Mendes de Oliveira e Eliana Jaske
Itaguaçu-ES

Participar da formação junto com profissionais de diferentes funções foi uma experiência positiva e significativa. No início, causou certo estranhamento, principalmente por não ser comum discutir inclusão de forma tão coletiva. No entanto, ao longo dos encontros, ficou claro que a responsabilidade pelo processo inclusivo não é individual, mas compartilhada. Isso fortaleceu meu sentimento de pertencimento, diminuiu a sensação de isolamento e ampliou minha compreensão sobre o papel de cada profissional na escola, valorizando o trabalho coletivo e as redes de apoio construídas.

Renata da Silva Oliveira
Itaguaçu-ES

A formação continuada foi muito importante para nós, professores, visto que, com ela, podemos aprender e trocar experiências pessoais com diferentes tipos de departamentos, buscando um único objetivo: a inclusão de alunos. Notamos que essa demanda de público vem crescendo cada vez mais. Como professora da Educação Especial, sinto-me muito realizada com as formações e busco sempre melhorar a cada dia, através das palestras e incentivos diários. Educação Especial vai muito além do hoje: ela acontece todo dia na escola, com os alunos e funcionários. Essa formação foi de grande importância para uma troca de experiências e até mesmo ideias para adaptar nosso dia a dia.

Luiza Becalli
Itaguaçu-ES

PARTE 3

FORMAÇÃO CONTINUADA COLETIVA EM AÇÃO: JUNTOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA INCLUSIVA NAS ESCOLAS DA MICRORREGIÃO CENTRAL SERRANA DO ESPÍRITO SANTO

Nesta seção, serão apresentadas algumas experiências desenvolvidas nos municípios, construídas no interior das escolas a partir das demandas de cada contexto educacional. Essas iniciativas consideram as realidades locais, as necessidades dos estudantes e os desafios e possibilidades vivenciados pelas comunidades escolares. Foi por meio do diálogo entre os servidores, da valorização dos diferentes saberes e da partilha das experiências do dia a dia que começaram a se constituir as Redes que sustentaram as ações e práticas desenvolvidas.

As Redes Coletivas de Aprendizagem foram construídas gradualmente, a partir dos contextos, das trocas e das responsabilidades compartilhadas. Tecidas por diversos sujeitos que se reconhecem como parte de um mesmo processo, essas Redes possibilitaram que os servidores

passassem a refletir, planejar e desenvolver ações voltadas à ressignificação das ações e práticas, do olhar sobre os estudantes e das formas de organização da vida escolar.

As experiências aqui apresentadas reafirmam que a inclusão se constrói nas escolhas feitas em conjunto e nas relações que se estabelecem dentro e fora da sala de aula. Ela se faz presente na organização dos espaços, nas flexibilizações realizadas, no cuidado com os estudantes, nas conversas entre os servidores de diferentes funções, na aproximação com as famílias, nos planejamentos, nas brincadeiras, nos projetos e nas interações que atravessam a rotina escolar.

Ao longo desse percurso, a partir das reflexões e encontros promovidos pela Formação Continuada Coletiva, muitas ações ultrapassaram os muros das escolas e alcançaram a comunidade local. Comerciantes, líderes religiosos, moradores e familiares participaram dos momentos de diálogo, das reflexões e das mobilizações coletivas nas escolas, ampliando os sentidos de uma cultura inclusiva e fortalecendo a inclusão, mostrando que pode ser viabilizada quando todos se reconhecem como parte do processo e compartilham responsabilidades.

É nessas redes, construídas pelo diálogo, pela troca e pela corresponsabilidade, que os sentidos para apostar na educabilidade de todos os estudantes são produzidos e fortalecidos, ao mesmo tempo em que os servidores aprendem, se transformam e ressignificam seus modos de atuar na escola. Mais do que um compilado de ações e práticas, pretendemos mostrar como as escolas foram se organizando coletivamente para construir caminhos que sustentam uma cultura inclusiva, nascida das realidades locais, das experiências vividas e do compromisso com o direito à educação de todos os estudantes.

Incluindo com a Galinha Ruiva – Setembro Verde

Centro Municipal de Educação Infantil Pommern

Santa Maria de Jetibá

O projeto *Incluindo com a Galinha Ruiva – Setembro Verde* foi desenvolvido no Centro Municipal de Educação Infantil Pommern, ao longo dos meses de agosto e setembro de 2025, tendo por base a Formação Continuada Coletiva na microrregião Central Serrana do Espírito Santo. Inspirado na história adaptada *A Galinha Ruiva, a Inclusão e a Fábrica de Ovos Líquidos*, o projeto teve como propósito sensibilizar as crianças da Educação Infantil para o respeito às diferenças, a cooperação, a empatia e a valorização de cada pessoa, desde os primeiros anos de escolarização.

A proposta foi construída de forma coletiva, envolvendo professores, equipe pedagógica, auxiliares de Educação Especial, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, vigilantes, secretaria escolar, bibliotecária e direção escolar. As ações aconteceram por meio de atividades lúdicas, sensoriais e interativas, como dramatizações da história, brincadeiras com músicas, jogos com números e letras, dinâmicas com *QR Codes*, percursos sensoriais, rodas de conversa, atividades de higiene, alimentação saudável, organização escolar e vivências voltadas ao cuidado com o ambiente. Todas as atividades foram realizadas com o envolvimento e a participação de todos os servidores da escola. Também foram realizadas ações coletivas, como a criação de um mural sobre inclusão.

Outro destaque do projeto foi a produção coletiva de um livro ilustrado adaptado da história trabalhada, no qual as crianças puderam expressar suas compreensões por meio de desenhos, colagens e narrativas. Além disso, a escola organizou uma sala sensorial, construída com o apoio da comunidade escolar, oferecendo um espaço de acolhimento e estímulo às diferentes formas de aprendizagem. Durante as atividades, as crianças puderam vivenciar situações que valorizavam a cooperação, o respeito ao tempo de cada um, a ajuda mútua e a compreensão das diferenças.

Ao mesmo tempo, os servidores fortaleceram o trabalho em equipe, a corresponsabilidade e o olhar atento para as necessidades dos estudantes público da Educação Especial. Como resultado, o projeto contribuiu para a

criação de um ambiente escolar mais acolhedor, sensível às singularidades das crianças e comprometido com a inclusão. As experiências mostraram que, quando a escola se organiza de forma coletiva, a aprendizagem se amplia, os vínculos se fortalecem e a inclusão deixa de ser apenas um discurso para se tornar uma prática cotidiana. Para além de um conjunto de atividades, o projeto representou um movimento de construção conjunta, em que servidores, estudantes e famílias participaram da tessitura de Redes Coletivas de Aprendizagem, reafirmando que a inclusão se faz no encontro, na escuta e na valorização de cada sujeito.

Escola Inclusiva se Constrói com Todos os Servidores: experiências transformadoras no cotidiano escolar

EMEF “Visconde de Inhaúma”

Santa Teresa

O projeto *Escola Inclusiva se Constrói com Todos os Servidores: experiências transformadoras no cotidiano escolar* foi desenvolvido na EMEF “Visconde de Inhaúma”, no município de Santa Teresa, a partir das reflexões propostas pelo da Formação Continuada Coletiva promovida pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. A iniciativa teve como objetivo fortalecer, no cotidiano escolar, valores como empatia, respeito, cooperação e valorização das diferenças, por meio de ações coletivas envolvendo toda a comunidade escolar.

A proposta nasceu do desejo das cursistas de transformar as discussões da formação em ações e práticas concretas na escola. Para isso, foram planejadas, de forma coletiva, diferentes atividades voltadas à promoção da inclusão, envolvendo professores, equipe pedagógica, funcionários e estudantes. Um dos principais destaques do projeto foi a criação da Caixa da Inclusão, um recurso simbólico e interativo pensado para estimular o diálogo, a escuta e a expressão de sentimentos.

Na Caixa da Inclusão, foram reunidas frases sobre respeito, amizade, empatia e convivência, escritas tanto pelos funcionários da escola quanto pelos próprios estudantes. Essas frases eram sorteadas em sala de aula, lidas coletivamente e usadas como inspiração para produções artísticas,

textos, cartazes e rodas de conversa. A proposta permitiu que as crianças refletissem sobre valores humanos, expressassem suas percepções e compartilhassem experiências, fortalecendo os vínculos entre os colegas.

Além da Caixa da Inclusão, o projeto envolveu atividades de leitura e reflexão com livros como *A Gente é Diferente*, *Elmer, o Elefante Xadrez*, *Tudo Bem Ser Diferente* e *Um Casarão de Arrepiar*. A partir dessas histórias, os alunos participaram de rodas de conversa, produziram desenhos, cartazes, textos e construíram uma linha do tempo inspirada na trajetória de Lúcio Gonring, personagem que representa a superação e o respeito às diferenças.

Outras ações também marcaram o projeto, como a Semana de Sensibilização para a Educação Inclusiva, que incluiu momentos de acolhimento, leitura de poemas produzidos por alunas atendidas pelo AEE e a realização da Dinâmica do Balão, uma atividade cooperativa que estimulou a empatia e o respeito às limitações individuais. Os alunos do AEE também participaram da produção do livro coletivo *Tudo Bem Ser Diferente*, com autorretratos e registros sobre suas identidades, fortalecendo a autoestima e o reconhecimento das singularidades.

Ao longo do projeto, ficou evidente que a inclusão não se constrói apenas na sala de aula, mas também nas relações, nos gestos cotidianos e na participação de todos os profissionais da escola. Funcionários da limpeza, merendeiras, equipe pedagógica, professores e gestores contribuíram com ideias, frases, organização dos espaços e apoio às atividades, reforçando o sentido coletivo da proposta. Como resultado, o projeto fortaleceu os vínculos entre os servidores, ampliou o olhar da escola para a diversidade e contribuiu para a construção de um ambiente mais acolhedor, participativo e respeitoso.

As experiências vivenciadas mostraram que práticas inclusivas, quando planejadas de forma coletiva, têm potencial para transformar o cotidiano escolar e consolidar uma cultura baseada no cuidado, na escuta e no respeito às diferenças. Para além de um conjunto de atividades, o projeto representou um movimento de construção conjunta, no qual diferentes sujeitos se reconheceram como parte de um mesmo compromisso: fazer da escola um espaço de aprendizagem, convivência e inclusão para todos.

Vivência da Festa Junina na Educação Infantil

CEMEI “São Francisco de Assis”

Santa Leopoldina

O projeto *Vivência da Festa Junina na Educação Infantil* foi desenvolvido no CEMEI “São Francisco de Assis”, no município de Santa Leopoldina, como parte das ações da Formação Continuada Coletiva na microrregião Central Serrana do Espírito Santo. A proposta teve como objetivo proporcionar às crianças uma experiência com a cultura popular brasileira, valorizando elementos da Festa Junina como músicas, danças, brincadeiras, comidas típicas, bandeirinhas e fogueira, ao mesmo tempo em que fortalecia a integração entre escola, família e comunidade.

A construção do projeto envolveu toda a equipe da escola. Professores, auxiliares de sala, merendeiras, direção e demais funcionários participaram do planejamento e da realização das atividades, reconhecendo que a aprendizagem e a inclusão se constroem coletivamente nos diferentes espaços da escola e nas relações do cotidiano. Durante o mês de junho, as crianças participaram de diferentes atividades, como o jogo *Boca do Balão*, que estimulou a coordenação motora de forma lúdica; a confecção de dobraduras de balão com foto, criando uma decoração personalizada; e a produção de um cartaz coletivo com carimbos de mãos, formando a imagem de uma fogueira, simbolizando união e criatividade.

As famílias também foram envolvidas no projeto. Em casa, junto com os responsáveis, as crianças decoraram bandeirinhas que depois foram expostas na escola, fortalecendo o vínculo entre escola e família. Outra atividade foi a preparação do milho cozido: as crianças ajudaram a descascar o milho com o apoio das auxiliares e professoras, e as merendeiras ficaram responsáveis pelo preparo e pela distribuição, promovendo a participação de toda a equipe escolar.

A ornamentação da festa foi realizada por todos os funcionários da creche, que colaboraram na confecção das bandeirinhas, na organização dos espaços, das mesas de refeição e das apresentações. No dia da culminância, as crianças apresentaram músicas e danças típicas para as famílias, celebrando com alegria tudo o que haviam vivenciado ao longo do projeto.

Como resultado, o projeto fortaleceu o senso de coletividade, promoveu a participação ativa das famílias, estimulou a criatividade das crianças e proporcionou momentos de socialização, aprendizado e alegria para toda a comunidade escolar. A Vivência da Festa Junina se tornou um espaço de aprendizagem cultural, afetiva e social, mostrando que experiências simples, quando construídas de forma coletiva, podem gerar vínculos, pertencimento e inclusão no cotidiano da escola.

Escola para Todos: Construindo Juntos a Inclusão **EMEIEF “Professor Josué Baldotto” e EMEIEF Camilo Bridi** **Itarana**

O projeto *Escola para Todos: Construindo Juntos a Inclusão* nasceu do desejo de transformar a inclusão em algo vivido no dia a dia da escola, e não apenas discutido em reuniões ou documentos. Desenvolvido ao longo de todo o ano letivo de 2025, ele envolveu crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, suas famílias e todos os profissionais da escola: professores, equipe pedagógica, merendeiras, motoristas, monitores do transporte escolar e demais servidores. A proposta partiu da compreensão de que a inclusão se constrói nas relações, nos gestos cotidianos e na forma como cada pessoa é acolhida nos diferentes espaços da escola. Por isso, as ações não ficaram restritas à sala de aula. Elas alcançaram o transporte escolar, o momento da alimentação, os pátios, os corredores e o convívio com as famílias.

Com as crianças, foram realizadas contações de histórias sobre inclusão, rodas de conversa, produção de cartazes, ilustrações, jogos adaptados e dinâmicas sensoriais. A Caixa das Diferenças ajudou os alunos a conhecer e respeitar diferentes formas de ser e viver, enquanto atividades como *Andando nos sapatos do outro* e *A venda* possibilitaram experiências de empatia, colocando as crianças no lugar do outro. Também foi construída uma grande árvore com peças de quebra-cabeça, nas quais cada aluno expressou, com criatividade, o que entendia por inclusão.

As famílias participaram de encontros reflexivos, como a Dinâmica do Espelho, que convidou cada pessoa a olhar para si mesma, reconhecer

suas qualidades e refletir sobre o respeito às diferenças. Esses momentos fortaleceram o vínculo entre escola e comunidade, criando espaços de escuta, diálogo e partilha.

Os motoristas e monitores do transporte escolar também foram envolvidos em formações e dinâmicas, discutindo situações do cotidiano, formas de acolhimento e cuidados em casos de crises ou emergências. A equipe da alimentação participou de rodas de conversa sobre respeito às restrições alimentares, diversidade cultural e cuidado com as necessidades específicas das crianças.

Além disso, os alunos trabalharam com livros que abordavam a diferença, a amizade e o respeito, como *Uma amiga diferente*, *Liz e seus amigos*, *Sobre ser diferente* e *A joaninha sem pintas*. As histórias deram origem a produções artísticas, registros escritos e exposições, que ocuparam os espaços da escola com mensagens de inclusão.

Ao longo do projeto, foi possível perceber mudanças no modo como as crianças se relacionavam entre si, mais atentas às diferenças e mais abertas ao cuidado com o outro. As famílias se aproximaram da escola, os profissionais passaram a compartilhar mais experiências e a inclusão deixou de ser vista como responsabilidade de poucos, tornando-se um compromisso coletivo. O projeto representou um movimento construído a muitas mãos, vozes e experiências. Um movimento em que a escola foi se organizando como uma rede viva de aprendizagem, em que cada pessoa, criança ou adulto, teve espaço para ensinar, aprender, cuidar e ser cuidada.

Escola Inclusiva se Constrói com Todos os Servidores: experiências transformadoras no cotidiano escolar

CEI “Maria Galazzi Covre”

Itaguaçu

O projeto *Escola Inclusiva se Constrói com Todos os Servidores: experiências transformadoras no cotidiano escolar* foi desenvolvido no CEI “Maria Galazzi Covre”, no contexto das ações da Formação Continuada Coletiva na Microrregião Central Serrana do Espírito Santo. A proposta partiu da compreensão de que a inclusão não acontece apenas na sala de aula,

mas no conjunto das relações, dos espaços e das práticas cotidianas vividas por todas as pessoas que fazem a escola acontecer. A iniciativa envolveu professores, equipe pedagógica, direção, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, secretária escolar, motoristas, monitores do transporte, bibliotecários, agentes de inclusão, estagiários e vigilantes. Cada servidor foi convidado a refletir sobre seu papel no cuidado, na comunicação e no apoio às crianças, especialmente aquelas com Deficiência Intelectual ou Transtorno do Espectro Autista (TEA).

As ações foram organizadas a partir das funções de cada grupo. As merendeiras trabalharam a comunicação clara e o respeito às seletividades alimentares. As auxiliares de serviços gerais cuidaram da organização dos espaços, garantindo ambientes seguros e acolhedores. A secretaria escolar fortaleceu a organização de documentos e a comunicação com famílias e professores. Motoristas e monitores do transporte escolar refletiram sobre estratégias de manejo, segurança e acolhimento durante os trajetos. Bibliotecários promoveram leituras e conversas sobre diversidade, enquanto professores desenvolveram atividades sensoriais, jogos de correspondência, rotinas estruturadas e estratégias de comunicação alternativa.

Os agentes de inclusão, estagiários e auxiliares de creche atuaram no apoio individualizado, no estímulo à autonomia e no uso de recursos visuais para favorecer a comunicação. Já a equipe pedagógica e a direção trabalharam o planejamento adaptado, o acompanhamento das necessidades dos estudantes e a articulação com as famílias, fortalecendo uma liderança inclusiva na escola. Os vigilantes também participaram, promovendo conversas com os estudantes sobre respeito e cuidado nos momentos de entrada e saída. Além das práticas cotidianas, a escola realizou ações de sensibilização, como a *Blitz da Conscientização no Dia Mundial do Autismo* (2 de abril), registros em fotos, vídeos e desenhos, encontros com famílias e momentos de formação em serviço, ampliando o diálogo sobre inclusão e corresponsabilidade.

Como resultado, o projeto fortaleceu o trabalho coletivo, ampliou o olhar dos servidores sobre as necessidades dos estudantes, contribuindo para a construção de uma cultura escolar mais atenta às diferenças. As experiências mostraram que a inclusão se constrói nos gestos simples,

na escuta, na organização dos espaços e no compromisso compartilhado entre todos os profissionais. O desenvolvimento do projeto e respectivas ações, representou um movimento de aprendizagem coletiva, em que a escola passou a se reconhecer como uma rede viva, construída no encontro entre pessoas, saberes e experiências.

O Dia D da inclusão

CEI “EMEIEF São Sebastião”

Santa Maria de Jetibá

O Dia D da Educação Especial realizado em nossa escola foi um verdadeiro divisor de águas para a forma como a Educação Especial e Inclusiva passou a ser vivenciada naquele espaço. Sempre tivemos a sala de Atendimento Educacional Especializado e estudantes com deficiência matriculados, mas esse evento conseguiu alcançar toda a comunidade escolar. Não se tratou apenas de envolver professores e gestores. Conseguimos atingir também as famílias, os alunos e profissionais que, muitas vezes, acabam sendo invisibilizados nos processos formativos, como merendeiras, secretária, bibliotecária, monitores do transporte escolar, motoristas, além do Conselho de Escola e representantes da comunidade. Muitos desses profissionais raramente têm a oportunidade de participar de momentos como esse, e o evento possibilitou que todos estivessem presentes, aprendendo e refletindo juntos.

Posso afirmar que ninguém que esteve na escola no ano passado deixou de ouvir falar sobre a Educação Especial e Inclusiva. Foi um dia de formação, de treinamento, de reflexão e de depoimentos sobre os estudantes com deficiência. Tivemos exemplos práticos, orientações e momentos de escuta que contribuíram para ampliar o olhar de todos sobre essa temática. Isso é de extrema importância em uma instituição que atende estudantes com diferentes deficiências. Muitas vezes, nos deparamos com situações de crise ou momentos atípicos dos alunos e não sabemos exatamente como proceder.

A partir desse movimento formativo, servidores como monitores de transporte escolar, auxiliares de serviços gerais, motoristas, auxiliares de

Educação Especial, bibliotecários, secretários, pedagogos, a própria direção e demais servidores passaram a ter mais subsídios para pensar, lembrar e agir de forma mais consciente diante dessas situações. Naquele dia, foram compartilhados muitos ensinamentos sobre como lidar com crises e situações adversas. Pessoas que antes não tinham nenhum conhecimento sobre essas questões passaram a adquiri-lo, o que trouxe mais segurança para o cotidiano escolar.

Além do Dia D, também realizamos outros momentos sobre educação inclusiva, envolvendo estudantes com Síndrome de Down e outras deficiências. Essas ações surgiram a partir da formação continuada que vem sendo desenvolvida pelo Gepipea/Ufes, e que trouxe uma contribuição muito significativa, não apenas para o nosso município, mas também para outros. Por meio desses encontros, temos podido refletir, discutir, aprender, adquirir novos conhecimentos e vivenciar, na prática, aquilo que estudamos teoricamente. Essa articulação entre teoria e prática tem nos ajudado a compreender cada vez mais a importância da Educação Especial e da Educação Inclusiva em nosso cotidiano escolar.

Aparecida Maria das Graças Queiroz da Silva
Diretora da EMEIEF São Sebastião

Eu sou a Geisa Camuzzi Scárdua, coordenadora escolar da EMEIEF São Sebastião. No dia 24 de março de 2025, nossa escola realizou *O Dia D da Inclusão*, um momento que nasceu a partir da Formação Continuada Coletiva da qual participamos e também da necessidade de compreendermos melhor nossos alunos, para acolhê-los com mais atenção, respeito e sensibilidade.

Esse dia foi marcado por palestras, oficinas, dinâmicas, relatos de experiências e depoimentos, que reforçaram a importância de respeitar as diferenças e garantir o direito de todos à educação. Foi um momento de aprendizado significativo para toda a comunidade escolar. Desde o início, pensamos essa ação para ir além dos muros da escola, convidamos além dos professores, motoristas do transporte escolar, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, secretária escolar, supervisora escolar, auxiliares

de Educação Especial, bibliotecário, os alunos, lideranças da comunidade, como pessoas do comércio, famílias e líderes religiosos.

Nosso objetivo era que todos pudessem compreender que incluir é acolher, respeitar e valorizar cada pessoa como ela é. Após essa ação, percebi que muitas pessoas passaram a demonstrar mais empatia. Quando alguém não conhece a realidade de uma criança com deficiência, tende a julgar sem compreender. Porém, ao se aproximar dessa realidade, passa-se a entender melhor o que essa criança realmente precisa, e isso se evidenciou no dia a dia da nossa escola com a mudança de postura de muitos de nossos colegas de trabalho.

Foi um momento muito proveitoso, que fortaleceu o sentimento de pertencimento e mostrou que todos possuem o mesmo valor e os mesmos direitos. A inclusão passou a ser vista com mais sensibilidade, respeito e consciência. Acredito que ações como essa podem e devem se tornar permanentes em nosso município, não apenas nas escolas, mas também nas igrejas e em outros espaços da sociedade. Quando todos participam e aprendem juntos, a inclusão se fortalece e se torna mais verdadeira.

Geisa Aparecida Camuzzi Scardua
Coordenadora escolar

Eu não sou muito bom com as palavras, mas o Dia D foi muito gratificante para mim. Eu gostei demais de ter participado e de ter sido convidado, porque antes eu não tinha muita noção de como tratar essas pessoas e de como funciona a inclusão. Aquele encontro foi excepcional. A gente aprendeu bastante, todos que estavam ali. No meu ônibus, não tinha crianças com deficiência, mas, nos outros, tinha. Mesmo assim, depois daquele dia, eu passei a olhar essas crianças de outra forma. E não só as crianças da escola, mas também as pessoas na rua. Antes eu não parava para pensar, não tirava um tempo para me colocar no lugar do outro. A palestra foi maravilhosa e me fez enxergar as coisas de um jeito diferente.

Eu acho muito bom esse movimento de juntar todo mundo: motorista, merendeira, auxiliar de serviços gerais, pedagogo, diretor. Todo mundo junto, trocando ideias, ouvindo as dúvidas, as experiências e aprendendo coisas

novas. Isso precisa ser expandido para outras escolas, porque é muito importante. Antes desse dia, eu pensava que a responsabilidade era só do professor, da cuidadora e dos pais. Eu achava que o aluno com deficiência não era responsabilidade minha. Claro que eu sempre tratei bem as pessoas, mas, na minha cabeça, quem tinha que dar conta eram os outros.

Depois daquele encontro, eu saí transformado. Passei a entender que todo mundo faz parte da sociedade e que o problema do outro também é um pouco nosso. A gente tem o dever de ajudar a cuidar. Hoje eu vejo que, como motorista, eu sou uma das primeiras pessoas que essas crianças veem fora da família. Sou eu que pego elas em casa e levo para a escola. Então, eu posso, sim, contribuir para que elas cheguem melhor na escola. Um bom-dia, uma conversa, um carinho fazem diferença.

Teve um dia que um menino entrou no ônibus meio triste, e quando eu disse “Bom dia”, ele respondeu que não era um bom dia. Mesmo assim, eu falei com alegria. A gente aprende a tratar com carinho, porque isso ajuda eles a se sentirem melhor. Eu acredito que essas atitudes chegam ao coração das crianças e fazem diferença no dia delas. Esses encontros de que a gente participa transformam a gente, até como profissional e como pessoa. Acho que deveria ter mais momentos assim, sim. Não só nessa escola, mas em outras também, falando sobre inclusão e outros assuntos importantes. Isso precisa continuar.

O recado que eu deixo é que vale muito a pena participar. Esse movimento precisa crescer e alcançar mais pessoas, não só da escola, mas da comunidade inteira. Todo mundo precisa aprender, conversar e entender mais sobre esse assunto, porque a sociedade está precisando.

Eli José Daleprani

Motorista de Transporte Escolar da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria de Jetibá

Eu gostei muito de ter participado daquele Dia D na escola. Para a gente que é motorista e não trabalha direto com a Educação Especial, foi um momento importante, porque a gente aprende muitas coisas que antes não sabia sobre a inclusão. A inclusão desses alunos é muito importante para eles estarem junto com os colegas, fazendo as mesmas atividades

e participando da escola como todos os outros. Mesmo a gente tendo pouco contato com eles, só durante o transporte, esse momento ajudou a entender melhor essa realidade.

Eu senti que aprendi bastante. A gente sai um pouco diferente, porque passa a conhecer coisas novas sobre esse assunto. Antes, eu achava que quem lidava mais com esses alunos era o monitor e o pessoal da escola, porque a gente, como motorista, precisa ficar atento ao trânsito e à nossa função. Mas, mesmo assim, eu acredito que a gente também pode ajudar, mesmo que seja de forma indireta. No transporte, tem outros alunos, e a forma como a gente trata todos faz diferença. A gente também faz parte desse processo.

Eu acho importante que existam mais encontros como esse, porque eles ajudam a gente a aprender, a ouvir outras experiências e a entender melhor a inclusão. Momentos assim fazem a diferença e ajudam a gente a crescer como pessoa e como profissional. Sempre que tiver oportunidades como essa, eu gostaria de participar.

Stefan Mertschink

Motorista de Transporte Escolar da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria de Jetibá

Eu acho muito importante que a escola fale mais sobre o autismo e sobre a inclusão, porque, hoje em dia, existem muitos casos, e as pessoas precisam entender melhor essas situações. Lá na escola no Dia D, eu vi várias crianças com autismo, e acredito que, quanto mais a gente aprende, mais fácil fica para as famílias, porque criar uma criança autista não é algo simples. É um desafio, e a família precisa de apoio. Antigamente não tinha tanto acompanhamento como hoje. Agora existem profissionais que ajudam mais essas crianças, e isso faz muita diferença, tanto para a escola quanto para as famílias. Tudo isso ajuda a melhorar o dia a dia delas.

No meu comércio, a gente sempre procurou tratar todo mundo com respeito. Eu também converso com os funcionários para que todos sejam bem atendidos, porque cada pessoa é diferente. Nem sempre é por causa de uma deficiência, cada um tem seu jeito, e a gente precisa aprender a lidar com isso. Trabalhar com o público ensina muito a gente. Em épocas

de festa ou quando o movimento é maior, aparece muita gente diferente, e aí a gente aprende ainda mais a ter paciência e respeito. A gente vai mudando, aprendendo e melhorando aos poucos.

Eu acho importante que essas ações não fiquem só dentro da escola. É bom que mais pessoas da comunidade participem, que as famílias também estejam presentes, porque isso ajuda todo mundo a entender melhor a inclusão. Essas ações ajudam não só a escola, mas toda a comunidade, porque as pessoas com deficiência estão em todos os lugares: na igreja, nas festas, nos comércios, nos eventos. Por isso, todo mundo precisa aprender a conviver melhor e com mais respeito. Já vejo algumas mudanças, como atendimento preferencial para autistas, gestantes e idosos em festas da igreja. Isso mostra que as pessoas estão tentando melhorar. Mas ainda tem gente que não respeita, então esse trabalho precisa continuar.

Para mim, isso é um trabalho de formiguinha. Um vai ensinando o outro, um vai aprendendo com o outro. A vida é uma escola, e todo dia a gente aprende um pouco mais. O importante é levar isso para a família, para o trabalho e para a comunidade.

Adriana Storch

Comerciante em São Sebastião, comunidade de Santa Maria de Jetibá

O Prêmio Boas Práticas como espaço de evidência da Formação Continuada Coletiva na Perspectiva da Educação Especial e Inclusiva na Microrregião Central Serrana do Espírito Santo

Nos últimos anos, a ampliação do acesso e da permanência de estudantes público da Educação Especial nas escolas da Rede Municipal de Santa Maria de Jetibá tem provocado desafios às práticas pedagógicas, exigindo dos profissionais da educação a ressignificação de concepções, estratégias e modos de atuação diante da diversidade presente no cotidiano escolar.

Nesse contexto, por meio do olhar atento, sensível e de iniciativas da doutoranda do PPGE/Ufes Joziane Jaske Buss, sob coordenação da Prof.^a Dr.^a Andressa Mafezoni Caetano e em parceria com o Gepipea/CNPq/Ufes, foi realizado o projeto de extensão *Formação Continuada Coletiva*

na perspectiva da Educação Especial e Inclusiva na Microrregião Central Serrana do Espírito Santo, entre 2024 e 2026, atendendo aproximadamente 349 profissionais no município de Santa Maria de Jetibá.

Ancorada em uma perspectiva formativa reflexiva e transformadora, a formação teve como eixo a promoção da educação inclusiva, com foco na escolarização de estudantes com Deficiência Intelectual e Transtorno do Espectro Autista, abrangendo dimensões acadêmicas, sociais e emocionais e envolvendo diferentes profissionais da escola, o que contribuiu para uma compreensão coletiva da inclusão como responsabilidade compartilhada.

Os efeitos desse percurso formativo passaram a se tornar visíveis nas práticas docentes desenvolvidas na rede de ensino, quando essas foram sistematizadas e socializadas em ações institucionais realizadas no âmbito da Secretaria Municipal de Educação de Santa Maria de Jetibá (SECEDU), destinadas à valorização, divulgação e reconhecimento das práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas da rede municipal.

Nesse contexto, em 2025, realizou-se na Rede Municipal de Santa Maria de Jetibá/ES, mediante a publicação de edital específico, a primeira edição do Prêmio Boas Práticas, configurando-se como uma ação institucional voltada à valorização e à visibilização de práticas pedagógicas, ao incentivo à inovação, à inclusão e à diversidade cultural, bem como ao fortalecimento do engajamento da comunidade escolar e à melhoria da aprendizagem dos estudantes.

O edital da iniciativa contemplou três categorias: Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e Ensino Fundamental Anos Finais, possibilitando a participação de profissionais que atuam em diferentes etapas da Educação Básica. A apresentação das práticas ocorreu por meio da submissão de relatos sistematizados de experiências pedagógicas, avaliados por bancas compostas por profissionais de distintas áreas e instituições, incluindo representantes de diferentes municípios e regiões do estado do Espírito Santo.

Para a categoria Educação Infantil, todos os participantes receberam certificado de reconhecimento, independentemente da classificação fi-

nal. A culminância do processo deu-se em 17 de dezembro de 2025, com a cerimônia de reconhecimento público e premiação dos vencedores, contando com a presença dos profissionais da SECEDU e de autoridades convidadas. Em cada categoria, foram contemplados cinco trabalhos, sendo os três primeiros lugares premiados com recurso financeiro e moção honrosa e o quarto e quinto lugares com moção honrosa, reforçando o caráter formativo, valorizador e institucional da iniciativa.

A análise dos trabalhos submetidos demonstrou que as contribuições da Formação Continuada Coletiva e se manifestaram para além de propostas explicitamente vinculadas à Educação Especial e Inclusiva. Mesmo os projetos não enquadrados nessa categoria apresentaram sensibilidade a este público, expressa na valorização das singularidades dos estudantes, na flexibilização de estratégias pedagógicas e na ampliação das possibilidades de participação. Assim, os trabalhos apresentados, demonstram as marcas deixadas por um processo formativo continuado, que contribuiu para a ressignificação das concepções e práticas docentes e para o fortalecimento de uma cultura pedagógica de caráter coletivo, atenta à diversidade, evidenciando a importância do envolvimento de todos os servidores no processo de inclusão escolar.

Patrícia de Fátima Majeski

Coordenadora e Assessora de Formação Continuada e Tecnologias Digitais na Educação
Santa Maria de Jetibá-ES

Reflexões, trocas e aprendizados: pensando em uma escola inclusiva

A experiência da Formação Continuada Coletiva foi um momento muito significativo para nossa escola EMEIEF “Vale de Tabocas”, pois proporcionou reflexões, trocas e aprendizados que se materializaram no cotidiano escolar. A partir da formação continuada coletiva, vivenciamos um novo olhar sobre a importância do trabalho em equipe e do fortalecimento do coletivo.

Quando Tania Mara Luiz dos Santos e, posteriormente, Fernanda Rodrigues Simões estiveram em nossa escola, esse movimento ganhou ainda mais sentido, pois a proposta deixou passar a se concretizar na prática.

As ações desenvolvidas partiram das discussões da formação e foram incorporando a realidade da nossa escola, envolvendo todos os servidores de forma participativa, comprometida e coletiva. Cada profissional pôde contribuir com suas experiências, ideias e percepções, fortalecendo o sentimento de pertencimento e corresponsabilidade. Esses momentos coletivos favoreceram o diálogo, a escuta e a construção conjunta de estratégias para melhorar o trabalho pedagógico e organizacional da escola.

Como resultado, percebemos mudanças importantes no dia a dia escolar. Houve maior interação entre os servidores, mais união nas decisões e um cuidado maior com as ações e práticas desenvolvidas. A Formação Continuada Coletiva não ficou restrita a encontros pontuais com o grupo maior, mas passou a orientar ações permanentes dentro da escola, refletindo também na relação com as famílias e na organização do trabalho educativo. Assim, a experiência mostrou que a formação continuada coletiva, quando vivenciada de forma participativa e contextualizada, tem força para transformar, práticas, fortalecer vínculos e ampliar o impacto das ações educativas, alcançando não apenas os profissionais da escola, mas toda a comunidade escolar.

Diretora Zilma Schulz Junco

Diretora da EMEIEF Vale de Tabocas em Santa Teresa-ES

Saberes Tecidos nas Redes Coletivas de Aprendizagem

No dia 24 de maio de 2025, realizamos, no município de Itarana, a Jornada Pedagógica com os servidores da nossa Rede Municipal de Ensino, atividade prevista no calendário escolar. Nessa edição, a Jornada foi organizada com foco na Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a partir das reflexões e aprendizagens construídas no movimento da Formação Continuada Coletiva que vêm sendo desenvolvidas em nossa rede de ensino.

Ao participar diretamente dos encontros formativos, a gestão pôde vivenciar como esses espaços contribuem para fortalecer o sentimento de pertencimento dos servidores, que se sentiam ouvidos, valorizados e reconhecidos em suas funções. Foi nesse processo que compreendemos, de forma mais clara, a importância do coletivo. A partir dessa vivência,

percebemos que era necessário ampliar esse movimento para toda a Rede Municipal de Ensino, envolvendo todos os profissionais que fazem parte das escolas.

Ao longo desse percurso, fomos entendendo que a inclusão não se constrói apenas na sala de aula, mas também nos demais espaços da escola, por meio do trabalho de todos os servidores, cada um contribuindo a partir da função que ocupa. As ações desenvolvidas pelos profissionais, em suas diferentes funções, contribuem para a garantia do direito à aprendizagem dos estudantes com deficiência.

A Jornada contou com a parceria das professoras Aline Siqueira que trouxe o tema *Construindo uma escola acolhedora: atividades práticas para a inclusão*, e Tania Mara Luiz dos Santos, que abordou *Caminhos para uma escola inclusiva: desafios, avanços e possibilidades*, ambas, membras do Gepipea. As contribuições apresentadas ampliaram o olhar dos servidores sobre o papel de cada um na construção de um ambiente escolar inclusivo.

Foi um momento marcado pela participação e pelo envolvimento dos profissionais da rede, com espaço para trocas de experiências e reflexões. Saímos desse encontro com novos aprendizados e com o compromisso de fortalecer, de forma gradual, as ações voltadas à inclusão na Rede Municipal de Ensino de Itarana.

Aline Chiabai Costa Franco
Secretária de Educação de Itarana

Christiany Karla Bullerjhann Valin
Gestora de Educação Especial de Itarana

Este livro apresenta experiências e reflexões sobre a Formação Continuada Coletiva de servidores da educação na perspectiva da inclusão escolar na Microrregião Central Serrana do Espírito Santo. Ao articular teoria e prática em contextos reais, a obra evidencia a importância da extensão universitária como espaço de diálogo entre universidade e sociedade, promovendo a construção compartilhada do conhecimento e a transformação de ações e práticas. Por meio de textos que discutem o projeto e de relatos dos secretários de Educação, gestores de Educação Especial, servidores da educação, membros do grupo de pesquisa, mediadores e formadores, o leitor acompanha processos de aprendizagem transformadora, inovação e fortalecimento de Redes Coletivas de Aprendizagem (RECA), consolidando uma cultura inclusiva nas escolas e reafirmando o compromisso da educação com a inclusão escolar e o desenvolvimento regional no Estado do Espírito Santo.



encontrografia

encontrografia.com
www.facebook.com/Encontrografia-Editora
www.instagram.com/encontrografiaeditora
www.twitter.com/encontrografia